Miraci Tamara Castro

*A canoa da escritura formativa:
trajetórias do barro pelo rio ao mar*

São Paulo
2015

Miraci Tamara Castro

*A canoa da escritura formativa:
trajetórias de barro pelo rio ao mar*

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de *Mestre em Educação* no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Linha Temática: Cultura, Organização e Educação

Orientador: Prof. Dr. Marcos FERREIRA-SANTOS

São Paulo

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

37.045 Castro, Miraci Tamara
C355c A canoa da escritura formativa: trajetórias do barro pelo rio ao mar / Miraci Tamara Castro;
orientação Marcos Ferreira-Santos. São Paulo:
s. n., 2015.
162 p.; ils.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação.
Área de Concentração: Cultura, Organização e Educação) -- Faculdade
de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Autobiografia 2. Formação de professores 3. Escrita 4. Criação
poética 5. Antropologia educacional I. Ferreira-Santos, Marcos, orient.

Nome: CASTRO, Miraci Tamara

Título: A canoa da escritura formativa: trajetórias do barro pelo rio ao mar

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Resumo: A dissertação investiga a escritura formativa, simultaneamente, como processo de criação e como processo formativo. Para tanto, se lastreia num enfoque autobiográfico com base no ensaio (Larossa, 2006) amplamente matizado pela obra poética da pesquisadora, num diálogo intenso com pensadores, escritores e escritoras que têm a palavra como universo de investigação e criação artística, entre eles a perspectiva fenomenológica de Gaston Bachelard, a hermenêutico-simbólica de Ferreira-Santos (1998, 2004 e outros), Ferreira-Santos e Almeida (2001 e 2012), Loureiro (2008), Willms (2013) e Rubira (2006 e 2015), bem como a dos poetas da terra Guimarães Rosa e Manoel de Barros, e das poetisas das águas Neide Arcanjo e Clarice Lispector. A investigação poética durante o próprio processo (*in process*) explicita as dificuldades, os obstáculos, impasses, bem como a rica produção escrita e poética derivada desse processo, mais como registro do que como produto. Tal estilo investigativo, incomum aos modelos tradicionais de pesquisa acadêmica, ainda lastreados por uma lógica aristotélica e um pensamento cartesiano, linear e previsible, apresenta-se, no desdobramento e na investigação imagética, nas metáforas da palavra com o barro, a ostra, a canoa, o rio e o mar, cotejando a travessia como grande metáfora formativa. Com originalidade de estilo, esta investigação da escrita de si tenta contribuir com os processos de formação inicial de professores, tanto na especificidade do campo da literatura como da educação em geral que façam uso da escrita de forma ensaística e autoral como criação artística e de si e das artes no cotejamento da alteridade.

Palavras-chaves: autobiografia – formação de professores – escrita de si – criação poética – antropologia da educação

Abstract: The dissertation investigates the formative writing simultaneously as creative and as formative process. Therefore, the background of this research is an autobiographical approach from essay (Larossa, 2006) largely tinted by the researcher's poetic work in an intense dialogue with thinkers, writers and woman writers who has the word as research and artistic creation universe, including the phenomenological perspective of Gaston Bachelard, hermeneutic-symbolic of Ferreira-Santos (1998, 2004 and others), Ferreira-Santos and Almeida (2001 and 2012), Loureiro (2008), Willms (2013) and Rubira (2006 and 2015) and poets of the earth Guimarães Rosa and Manoel de Barros and poets of water Neide Arcanjo and Clarice Lispector. The poetic research during the process itself (*in process*) explains the difficulties, obstacles, hesitations and rich writing and poetic derived from production process, more like record than as a product. Such unusual investigative style to traditional models of academic research also backed by an Aristotelian logic and Cartesian thought, linear and thoughtful; presents itself in the unfolding investigation and imagery in word metaphors with clay, the shell, the canoe, the river and the sea, comparing the crossing as a major formative metaphor. With stylish originality, this research writing himself, tries to contribute to the initial training process of teachers in both the specificity of the field of literature and education in general to make use of writing of essays and authorial how artistic creation and himself and the arts like form to understand the alterity.

Keywords: autobiography – teacher training – writing himself – poetic creation – anthropology of education

*Graças ao Mar, à Noite e aos seus navegantes.
À menina memória que comigo escava esta carne de barro,
em busca de marulhos submersos.*

A Marcos Ferreira-Santos, mestre ferreiro, portador da *lumina profundis*, fio de Ariadne no mergulho labiríntico por minhas águas submersas. Olhos e ouvidos atentos e generosos que acolhem marulhos marujos sufocados nas entrelinhas. Palavra criadora que inspira a navegação.

À avó Maria (em memória), guardiã das minhas mais doces e cálidas memórias meninas.

Aos meus amores, Pedro e Yanni, que me (des)ensinam todos os dias a redondeza de ser mãe e com quem volto a ser menina.

Ao meu companheiro, Maia, artesão e menino do dedo verde, que com amorosa paciência trilha e tece comigo descaminhos brejeiros.

Ao meu pai, José, e à minha mãe, Lidia (em memória), solo fértil de palavra e silêncio, luz e mistério.

Ao meu irmão, Nicolau, exímio colecionador de besouros verdes, parceiro e arqui-inimigo na árdua travessia pela infância.

Aos meus avós sanguíneos, Iorico e Shigeo Hanada, Nati Gamarra e Ernesto Castro, raízes que pouco toquei mas que pulsam em mim.

A meu irmão Iberê, pelo convívio de infância que podemos inventar.

À tia Miyuki Hanada, sempre presente em todos os momentos vida.

À prima-amiga-irmã Cristina Yamazaki, cúmplice de devaneios poéticos em cartas e mais cartas talhadas por mãos adolescentes.

Às cunhadas e amigas Lúcia de Fátima, Rosana Magna, Silvana e Vânia.

À irmã Iara amazônica Nádia Tobias, de cuja bela íris irradiam mil cores e que com amor, delicadeza e inteligência equilibra bêbados fios em tramas tortas.

À mar-larina Bárbara Muglia-Rodrigues, parceira de desvios, calmarias e tempestades, a quem devo muito a coragem de soltar as amarras de minha canoa e atravessar.

A Fabiana Rubira, Sherazade amada, cuja voz em flor faz renascer em mim “o possível das fábulas”, eterna sede de histórias.

A Elni Elisa Willms, mestra de descaminhos pelas veredas que levam aos rios dos nossos grandes sertões.

A André Luis Santos, amigo e parceiro de travessias tramadas entre palavra e música.

À Ciranda-Maria, amigas que se nutrem de cuidados e imagens sonoras: Bruna Galluccio Ferreira, Camila Teresa, Carla Wanessa, Maíra Santos, Sabrina Paixão e Tanna Li Pini.

A Claudiana Cabral, Dulce Seabra, Fabíola Zerbini, Fernanda Ribeiro, João Reynaldo de Paiva, Maíra Leme de Andrade, Renata Pistelli, Renata dos Santos, Rubia Camaratiba, Sidney Santos e Solange Lemos, parceiros de viagens onírico-reais e de devaneios falados, cantados, escritos e desenhados.

A Ana Maria Leite e Maria Lúcia Medeiros, sensíveis escavadoras de baús da infância tingindo de carambola as brancas paredes da escola.

Ao poeta amigo Jorge Miguel Marinho, cujas palavras tecidas em escrito e voz, manga madura estalando humor e poesia, exalam a verdade das fábulas.

Ao professor Mauricio Salles de Vasconcelos, cujo desafio de não apenas fazer seus alunos lerem e analisarem obras, mas também se colocarem no fluxo da escrita foi fundamental para reanimar minha busca pela palavra en-cantada.

À professora Regina Machado, por me impulsionar ao mergulho em sulfúreas águas, onde me perdi e me encontrei, reinventada.

Ao professor Rogério de Almeida, cujas aulas sobre a filosofia trágica, a literatura de Machado de Assis e a pedagogia da escolha foram fundamentais nesta desaprendizagem e (re)invenção de mim.

A Carolina Scodeler, sacerdotisa menina cuja palavra lúcida me guiou nos meus emaranhados, alumando o caminho para que eu pudesse dançar e florir entre raízes.

A Gabriela Luzzi e Tereza Yamashita, companheiras em diálogos com o barro, mãos sensíveis a tatear murmúrios d'água e lhes dar vazão em arte.

A Eng Goan, Regina Chiesa e Sirlene Gianotti, mestres ceramistas que me ensinaram a mergulhar sem medo em labirintos lamacentos e lá buscar a “mina d'água do meu canto”.

A Beth Bjorkstrom, dona Cláudia, seu Dário, Levi, seu Licínio, dona Odete, dona Pedrina, seu Tito, Valdemir e todos os amigos do Saco do Mamangá, minha querência.

A Adriana Vieira, Cacá Charoux, Claudia Petri, Cleide Muñoz, Daniela Schoeps, Denise Lotito, Edson Pelicer, Evandro Braga Teodoro, José Alves, José Paulo (Mestre Pê), Marcia Coutinho, Maria Alice Armelin, Maria Alice Junqueira, Marlene Alexandroff, Thaís Iervolino, Thiago Luís de Jesus, Thiago Pereira Tavares e Suely Bernardi, parceiros nos caminhos da educação.

Aos queridos participantes do Lab-Arte Palavra: Eduardo Canesin, Eunice Souza, Flavia Adriel, Geandro Silva, Gustavo Rodrigues Silva, Lucas dos Santos Costa, Priscilla Sousa Martins, Raissa Rosa Ferreira e Rosilene do Nascimento, que de coração e mente abertos se dispuseram a ouvir a voz das águas.

Aos parceiros de travessias entre fios e tramas de corpo, alma e mente: Alexandre Oshiro, Berenice Bustamante Kavakama, Camila Ferreira, Carolina Rubira, Cinthia Moriyama, Eliana De Sordi, Gisele Cristina, Mariana Sacon Frederico, Marina Almeida, Marina Thaler Machado, Nilton Paixão, Priscila Queiroz, Rosa Celeste, Scheila Leandro e Tati Valença.

Aos mestres poetas, navegantes da terceira margem, coração sem cera nos ouvidos, que ouvem o canto silente das sirenas e o ecoam a nós, encantados.

A todos com quem compartilho a alegria e a dor da travessia nesta grande aventura de con-viver, minha sincera gratidão.

SUMÁRIO

Aguilha de marear

E sou assombrada pelos meus fantasmas, pelo que é mítico, fantástico e gigantesco: a vida é sobrenatural. E caminho segurando um guarda-chuva aberto sobre corda tensa. Caminho até o limite do meu sonho grande. Vejo a fúria dos impulsos viscerais: vísceras torturadas me guiam. Não gosto do que acabo de escrever – mas sou obrigada a aceitar o trecho todo porque ele me aconteceu.

(Clarice Lispector, *Água viva*)

I. RIO ABAIXO NUMA CANOA DE BARRO.....	9
II. MEMORIAL EM AQUARELÁGRIMAS	27
III. O CORPO DO BARRO	70
IV. DO RIO À CANOA	90
V. TRAVESSIA DA TERCEIRA MARGEM AO MAR	109
VI. DA POESIA COMO ENCANTARIA DA LINGUAGEM À ESCRITURA FORMATIVA	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156

I. RIO ABAIXO NUMA CANOA DE BARRO

Quando não estou escrevendo, eu simplesmente não sei como se escreve. Se não soasse infantil e falsa a pergunta das mais sinceras, eu escolheria um amigo escritor e lhe perguntaria: como é que se escreve? Por que, realmente, como é que se escreve? que é que se diz? e como dizer? e como que se começa? e que é que se faz com o papel em branco nos defrontando tranquilo? Sei que a resposta, por mais que intrigue, é a única: escrevendo.

(Clarice Lispector, in *A descoberta do mundo*)

Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar

(Hermínio Bello de Carvalho e
Paulinho da Viola, “Timoneiro”)

Escavando travessia

De que trata esta pesquisa? Talvez a pergunta seja antes: qual é a matéria desta pesquisa? Então eu diria, de barro e água salobra. Mas também de ostra, canoa e um anseio fundo de mar. E de mãos que cavoucam sedes e tocas. De terra, de palavra. Da escrita que comigo se forma, na minha pele, no meu calo. Escrita que, no mergulho, resgata a menina esquecida à mulher que espera. Espera navegante em uma improvável ostra-canoa talhada em carne de barro.

Essas são as imagens que, escavadas na terra, me foram movendo a uma escrita plena e vazia, feita de desejo e entrega. Qual ostra que guarda, em seus recônditos labirintos, um canto de mar. Devaneio de, entregue às ondas, aos ventos, navegar.

Anoitecer-me seria
tomar meu lugar na
canoas?

Esquecida no breu em que o silêncio
cintila ardentia
ser agora o que sempre
fui fundo

poço
linha d'água entre grito e
agudez calada
de noite sem lua
(Tamara Castro)

Minha pesquisa de mestrado começou por uma desconstrução. Uma angústia pela perda de falsas certezas – pontos de partida que se

pretendiam de chegada. Calada, imóvel, apoiada em pedras, grandes e sólidas; sobre estas, desejos fundos e vagos, um objetivo e poucas (ou nenhuma) questões: assim desejava uma passagem rápida, fácil e indolor. Pensava que isso seria possível, até as primeiras águas, barrentas.

Em que pedras me apoiava: minha “experiência”¹ estudantil e profissional com a escrita – a facilidade com a palavra escrita, desde os primeiros anos de escola, que me deram alegrias e dores, inclusive físicas (um calo no dedo anelar direito); o trabalho como corretora de redação em cursinho (meu primeiro emprego formal, dos 19 aos 22 anos); muitas marcas de revisão em textos alheios; exíguos três anos como professora de Português, no período em que morei em Paraty (RJ). Desejos: um trabalho mais criativo, menos mecânico, ligado à escrita e à educação (voltar a dar aulas?); talvez o redespertar a uma linguagem poética, mais fluida, menos rígida, por meio de uma escrita ardente como a que me movia na adolescência... Uma intuição que manava sob as palavras polidas do projeto com que ingressei no mestrado: a ponte entre escrita e barro. Essa intuição vivia ainda nas entrelinhas, que eu esmagava com palavras minhas e de outros, entre tantas citações...

Meu projeto propunha relacionar a redação na escola ao trabalho com o barro, em busca de momentos sensíveis de escrita. Tratava-se de uma proposta de pesquisa-ação, em que me oferecia como aprendiz-

¹ “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.” (Larrosa, 2014, p. 18.)

-mediadora entre estudantes e escola, escrita e barro, pressentindo a possibilidade de diálogos. Sussurros, talvez, ecoados do barro em um momento em que a palavra pedagógica, solar, cochilou e me permitiu ouvir, entre ocasos, o silêncio:

Modelar em barro personagens tão queridas na minha infância, na aquarela melancólica de um Graciliano entregue ao devaneio de uma terra de meninos de um olho preto e outro azul e onde aranhas tecem bonitas teias coloridas que vestem os pequenos, despertou em mim uma pretensão divina, um devaneio prometeico. Encantada, o cheiro de terra úmida remontando a felizes banhos de chuva, e os grãos ásperos sob os dedos tornando-se nariz, boca, olhos, parecia que bastaria o sopro cálido para que os meninos pelados, a Guariba, a princesa Caralâmpia, Raimundo ganhassem vida e assumissem os papéis na trama de Graciliano. Pretensão brincante de uma adulta que nunca havia associado a literatura, “matéria nobre”, à delícia do barro na pele.²

A proposta me parecia viável e segura, até sua aprovação no programa de pós-graduação, em meados de 2012. Então, noturnamente, minando as palavras pedras, uma incerteza feita de águas barrentas foi se tornando cada vez mais presente na angústia paralisante. A inércia medrosa foi se arrastando pelos dois primeiros semestres, em que me ocupei de dar conta das disciplinas no mestrado.

Esse foi o que considero o início de minha desconstrução. Esta se manifestava de forma aguda quando palavras-imagens noturnas me tiravam o sono, redespertando um desejo de escrita que achava não existir mais em

² Trecho do projeto que apresentei no processo de seleção para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

mim. Uma escrita de gozo, fluxo sanguíneo há tanto tempo represado, vinha corroer as palavras pedras, pilastras num solo ressequido.

Após dois semestres, ao fim das disciplinas, não havia mais como protelar o início da pesquisa. Chegara, irremediável, o ansiado momento de “pôr a mão na massa”, da lama e da alma (que via como polos opostos). Uma angústia subterrânea à clara missão de me fazer útil anoiteceu-me. E agora, Tamara? A festa começou. Que fazer de mãos e pés tão inábeis? Como querer conduzir uma dança em que me sinto deslocada?

Seguindo o pulso, o fluxo sanguíneo acelerado, continuava a escavação pelo barro e pela escrita. Submersa, ela me tomava como seu canal, sua válvula de escape. E misturada ao medo de perder o controle sobre mim e o meu projeto, o gozo de me sentir viva por meio dessas palavras que não entendia e em que não me reconhecia, me desachava, desaprendia.

1. Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

- a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca;
 - b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer;
 - c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos;
 - d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote tem salvação;
 - e) Que um rio que flui entre dois jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos;
 - f) Como pegar na voz de um peixe;
 - g) Qual o lado da noite que umedece primeiro;
- etc.etc.etc.

Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios.
(Barros, 2010, p. 299.)

Eu, me querendo controlada, racional... Eu, há tempos esquecida da infância e da adolescência, relembra a angústia de me sentir Álvaro de Campos, aos gritos-sussurros “Merda, sou lúcido!” Volto à porta da Tabacaria: “O dominó que vesti era errado”? (In: Pessoa, 1992, p. 365.)

Essa desconstrução passou por revelar meu desassossego com esquemas, mapas, fórmulas. Aquilo que para outros é pensamento sintético, forma de se achar, a mim é eco oco, deserto onde me perco. Assim descobri: preciso de paisagem, muralhas verdes por onde o olhar possa devanear vagabundo, fluindo águas salobras, renunciando silêncios. Não sei pensar? O tapa na cara me desvenda bugre que só pega por desvios. Então minha lucidez é só fachada, casca, forma que não me cabe, sufocando “subterrâncias”³?

Num momento em que as pedras se desfazem em lama, me resta outra coisa senão silenciar, submeter-me, escavar, ouvir e contemplar?

Não ter nascido bicho é a minha secreta nostalgia.
(Clarice Lispector, *Água viva*)

Minha escavação é o perder-me e a dor desejo de me achar. Aprender a lição do barro de se deixar moldar e imprimir de sua terracota as mãos que o modelam.

Entender o que de minha mãe trago nesta oposição-omissão ao mundo. Compreender e perdoar. E seguir.

(Um de meus diálogos com *Água viva*, à respiração mansa das águas de Paraty.)

(Tamara Castro)

³ Termo cunhado por Manoel de Barros (ver poema na página 16 desta dissertação).

À falta de bússola, ou melhor, de habilidade em me guiar por ela, fui me entregando ao chamamento da infância, aos seus cheiros. Um mergulho doído nessa lama me fez lembrar, cega como uma toupeira, que no meu mangue habita um deserto, sonho renitente que me desconcertava em menina.

Espaços-sensações que nunca vi mas são tão meus, de sonhos passados, voltam a me visitar. O deserto de um amarelo ofuscante, colunas varridas do vento árido, nem um respiro, silêncio, só. (Tamara Castro)

Assim se foi construindo uma escrita feita de escombros: cheiros voláteis, imagens esmaecidas, sons carcomidos de uma aragem desértica. Ainda que vão, nesse corpo foi despertando um pulso, a princípio desritmado e anêmico, mas ganhando fluxo à medida que ia me dedicando a escavar nesta investigação poética, numa *escrevivência* (WILLMS, 2013).

A palavra-ação *escavar*⁴, constante nestes escritos, não é apenas metáfora, imagem poética. Ela remete a diferentes campos de sentido que vão se articulando nesta escrita, seja no memorial, seja nos poemas, na própria investigação com ares metodológicos além de estilísticos. Tem relação profunda com meu contato com a argila, em oficinas de que tenho participado, a princípio para aprender técnicas de criação cerâmica por conta das primeiras questões no projeto de pesquisa, e depois se tornando um canal em que se revelam imagens as quais investigo pela via da palavra.

⁴ Na acepção dada por Marcos Ferreira-Santos e Rogério de Almeida (2012, p. 134): “‘cavocar’ placas sedimentadas no solo da existência humana num trabalho arqueológico que nos direciona ao *anthropos*, aquilo que nos é específico e invariante, graças ao cotejamento das diferenças. Um trabalho telúrico que, portanto, ‘evoca’ vozes memoriais entre as pedras.”

Daí também ser uma pesquisa em primeira pessoa: “Não sei se é hábito escrever-se uma monografia de mestrado na primeira pessoa do singular – esta vai escrita assim, porque assim foi constituída”. (FÉTIZON, 1978, p. 9.)

Escavado é também o mergulho na infância, que resultou no “Memorial em aquarelágri-mas”⁵ e nos meus escritos poéticos.

A menina cavouca com o cristal pontiagudo da pele à polpa cheirosa de húmus. Mas o cristal se rende à redondeza macia e a ela se incorpora.

A menina se lança, dedos e unhas, ao mergulho. Entre marulhos de caracol e sibilos de lacraia. Toda ela húmus, na alegria feroz de escavar-se, dedos tornando-se linfa, olhos d’água.

Busca-se infundamente no mergulho, espelhos, canais. Mas os dedos tocam uma pele áspera, lenhosa, escura. A raiz tuberosa aflautada, pálida em carne e sangue, que secreta a Lua. A Lua se banhando no escuro rio de Naiá.

Os dedos mergulham a sede no alimento, rebento da terra. A ardência da busca se arredonda em cantilena. A lua é nova. (Tamara Castro)

O contato com a terra se revela a mim um mediador entre mito e palavra, entre sonho e meu ser desperto, possibilitando o mergulho poético. No mergulho das mãos, no cavoucar ora carícia, ora flagelo, o barro ressequido dos lugares-comuns vai se desenformando, abrindo canais em que um olho d’água se faz. Na luta amorosa, dos dedos em flor brota, marulhando, a água ansiada. A princípio tímida, receosa, sem fluxo,

⁵ Relato autobiográfico que se segue a esta apresentação.

vai ganhando volume à medida que se aprofunda a busca, e um rio de imagens se forma: desejo e entrega ao fluxo da criação.

Busco olhos d'água
na tua carne de terra

Estando a ânsia
na sede
das mãos em dedos

feito
mil olhos de pedra
encontro
palavra
grávida de escuro
silêncio
(Tamara Castro)

Ostra... o mergulho me desatraca do remanso de pedras (meu aparentemente seguro, mas raso solo racional) e me lança ao movimento das ondas, possibilitando que pulsões, imagens, sons, odores, emoções submersas despertem e se plasmem por meio da palavra escrita. De ostra a canoa, que navega ao se deixar navegar. Pois, como canta Paulinho da Viola, “não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar”. A relação entre a terra e o mar, pela escavação, retorna várias vezes nesta investigação, em que a imagem da ostra navegante se delineia entre brumas.

magma mármore
mar
mar
mar
escavo a pedra laminar
escavo unhas dedos
ossos

no barro nascente
a linfa que me percorre se faz
inunda minhas
pálidas águas
palavras

e eu, calada ostra
a que ouve
e guarda

um fundo canto
se talha canoa
na escavação que é meu
navegar

(Tamara Castro)

A lida cotidiana no barro tem me ajudado a desfazer nós e me deixar ser levada por imagens e sons, extravasando pela escrita. Mas, na preocupação de verter em discurso o subverso, erijo recifes onde ancorar, abandonando a navegação. Procuro refúgio em meu promontório social, acadêmico. Atraco em citações alheias, pelo temor de usar minha voz e meu canto ecoar vazio e só dentro desta concha. Ou errante, sem bússola e remo, embicar em direção a ilhas imaginárias, me perdendo em seus labirintos, como alerta Drummond (“Mundo grande”):

Outrora viajei
países imaginários, fáceis de habitar,
ilhas sem problemas, não obstante exaustivas e
[convocando ao suicídio.

É me escavando que me permito navegar,

alinhando, costurando meus cacos
bordando a margem

onde me encontro
esquecida de mim, dos outros, dos
apelos fáceis e difíceis

(Tamara Castro)

Fui dando forma a pensamentos, imagens, sensações, me (desen)formando. Como se, ao abrir canais de vento e luz, coados pelas mãos que mergulham no breu do barro, na sístole-diástole de me perder-achar, me permitisse criar, navegando sem fim na linha d'água entre palavra e silêncio. Numa autoformação artesã, pois “os artífices conhecem o que fazem, na medida em que o fazem” (Mondolfo, 1967, *apud* Ferreira-Santos; Almeida, 2012, p. 30).

Trabalho de castor:
construir pontes entre mim e
mim

Pontes? Ou
velas? caravelas?
canoa?

Uma de madeira, em sua quilha cicatriz
de craca, musgo, palavras
e imagens trazidas, criadas

pela brisa, pelos ventos,
mar adentro

Do longe, mais remoto
reino sub
verso de mim
(Tamara Castro)

“Perder o nada é um empobrecimento” (Manoel de Barros, in: Livro sobre nada)

Perdia-me em um labirinto de imagens, palavras, lembranças, sensações, contra o qual seria inútil lutar. Em resposta, me entreguei a uma escrita cada vez mais dispersa e alheia ao projeto inicial. Era ambígua minha relação com essa escrita, tecida de entusiasmo e angústia, sem rumo e sem remo numa só escuridão. O que fazer dessa poesia que me surgia, às vezes agradável, às vezes inconveniente, como uma manga bem doce e cheia de fiapos?

A redondeza solar de uma manga
estalando doçura
me engravida
o olhar

Pele lisa mas plena de segredos verdes
bordados de risos e ocasos
púrpuras

Mas não é liso seu útero
crepuscular
labirinto complicado por tantos fios de Ariadne em que
[Teseu
se torna a fera

Enigma antinewton, doce equilibrista
seiva terrestre atravessada por
canoas minerais
fios, malabares, incômodos
bobos da corte

(Tamara Castro)

Foi preciso admitir que não me achava mais no projeto de mestrado para mergulhar irremediavelmente nessa escrita poética nascente dos escombros. Nela episódios isolados da infância, lembranças oníricas e sensoriais se enredam a imagens e sons emergindo do trabalho

com o barro, devaneios despertados que passei a me deixar conduzir nos momentos mais inesperados: na pedalada diária levando meus filhos para a escola, na pausa entre “ler e levantar a cabeça”⁶, na madrugada, desperta por uma lembrança vindo à tona de algum lugar esquecido, trazendo uma sensação tão física que pede uma forma.

Entrega e escavação: ímpeto de criar

Ao assumir minha inabilidade com bússolas, restava me entregar à corrente de lembranças, sons e imagens que me pareciam vindos de algum lugar além do meu ser desperto. O trabalho no barro e a escavação pela escrita me aliviavam a angústia do pensar “sem rumo / sem sina”. Era preciso esquecer as “bandeiras ao largo / orgulhoso” e dar à mão à minha adormecida “menina memória”, emersa de um poema que escrevi anos atrás.

Sem rumo
sem sina
esquecem-se
as bandeiras ao largo
orgulhoso

No dorso adormecido
a menina memória
aos passos apressados
recolhe sua estória

(Tamara Castro)

⁶ “Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler e *levantar a cabeça*?” (BARTHES, 1994, *apud* BAJOUR, 2012, p. 17-18.)

Esses versos voltam a mim com uma significação bem distinta daquela que lhes conferi no momento da escrita. Para meu ser desperto, a “menina memória” era um tema pungente mas exterior a mim – personificava, em uma menor abandonada, a memória, recolhendo sua estória para não ser pisoteada pela História, “as bandeiras”, o “Largo”. Ao longo de minha “escavação”, percebi que mora em mim essa menina mítica, esquiva escavadora, à margem da minha história. A rememoração e a criação poética, ao estabelecer um distanciamento da autoimagem consolidada, possibilitaram uma compreensão mais profunda de mim. Nas palavras de Ricoeur:

a subjetividade do leitor só advém a ela mesma na medida em que é colocada em suspenso, irrealizada, potencializada, da mesma forma que o mundo manifestado no texto.

[...] a metamorfose do *ego* [...] implica um momento de distanciamento até na relação de si a si. [...] o distanciamento é a condição da compreensão. (Ricoeur, 1988, p. 58-59.)

Cavoucando o barro e a palavra, sem me preocupar com distinções e sistematizações, me perdendo mais que me achando, (des)aprendendo, fui me percebendo muito próxima daquela menina que escava ardentemente em busca de uma luz coada de sombras. A menina que fui e que ainda mora em mim, mas que eu havia soterrado sob as demandas do dia claro e pleno de espelhos lúcidos e vazios. Essa menina guiou a escavação pelas minhas memórias, abrindo olhos d’água na minha carne de lama.

me
esqueci para
me
tornar

pedra, quero
me lembrar
marcar no corpo
o roliço das águas
na corrente
ser-criar
o que sou
(Tamara Castro)

Mergulhada no mangue que me habita, o ímpeto de criar foi desabrochando em mim, despertando imagens, sons, sonhos e devaneios. Estes são meus guias para um novo caminho cujas margens tateadas no lusco-fusco se foram tecendo, entre breu e brejo. Trago aqui as reflexões de Ferreira-Santos (2010, p. 70) a respeito da memória/perlaboração na compreensão e (re)invenção de si:

Na concepção psicanalítica, seria necessário *rememorar*, trazer a contribuição da história. Seria necessário atentar para a *repetição* (essa tentativa arquetipal de driblar o tempo e a morte); trazer do esquecimento o fato e seu sentido, emergir a diferença da diluição idêntica do *Mesmo*. Seria necessário *perlaborar*, um trabalho infundável destes conteúdos reprimidos para reescrevê-los.

A escavação por estas memórias me permitiu perceber aspectos importantes da minha pessoa, manifestos por meio da repetição em formas de sentir, (re)agir, omitir, pensar. Essa percepção tem me ajudado na compreensão mais profunda de mim, dos meus medos, sonhos e desejos, que tantas vezes me levaram a atitudes aparentemente inexplicáveis, dada a distância que eu mesma construí entre meu ser desperto e minhas “subterrâncias”.

Fomos formados no mato – as palavras e eu. O que de terra a palavra se acrescentasse, a gente se acrescentava de terra. O que

de água a gente se encharcasse, a palavra se encharcava de água. Porque nós íamos crescendo de em

par. Se a gente recebesse oralidades de pássaros, as palavras recebiam oralidades de pássaros. Conforme a gente recebesse formatos da natureza, as palavras incorporavam as formas da natureza. Em algumas palavras encontramos *subterrâncias* de caramujos e de pedras. Logo as palavras se apropriavam daqueles fósseis linguísticos. Se a brisa da manhã despetalasse em nós o amanhecer, as palavras amanheciam. Podia se dizer que a gente estivesse pregado na vida das palavras ao modo que uma lesma estivesse pregada na existência de uma pedra. Foi no que deu a nossa formação. Voltamos ao homem das cavernas. Ao canto inaugural. Pegamos na semente da voz. Embicamos na metáfora. Agora a gente só sabe fazer desenhos verbais com imagens. Tipo assim: Hoje eu vi outra rã sentada sobre uma pedra ao jeito que uma garça estivesse sentada de tarde na solidão de outra pedra. Foi no que deu a nossa formação. Eu acho bela! Eu acompanho. (Barros, 2010, p. 169. Grifo meu.)

No trabalho de me escavar, vou (des)aprendendo com o corpo minhas formas de sentir, agir, pensar. Uma das (des)aprendizagens mais importantes é que só me envolvo intelectualmente se tenho um vínculo amoroso com o que estudo: “o percurso depende da vontade, dos desejos, do impulso” (Ferreira-Santos, 2010, p. 60). Então posso afirmar que só penso se *sinto*. E para sentir preciso de tempo: de caos e ordem, silêncio e som, dia e noite. E para pensar preciso de água e calor. E de terra, mãos e calos. De paisagem e poesia.

Ao mesmo tempo, a escavação por minhas memórias é matéria-prima da navegação poética que me tomou, trazendo imagens tão insistentes que era impossível ignorá-las na investigação.

“A imaginação tenta um futuro” (Gaston Bachelard, *A poética do devaneio*)

Na intuitiva associação barro-palavra morava a semente do meu projeto, “Palavras na lavra do barro: Tateando momentos de escrita sensível”. Na toada dessa intuição – de que poderia chegar a uma escrita sensível, uma palavra fecundante –, me embrenhei em busca de ouvir a voz fêmea do barro, a argila. E essa voz me trouxe um canto se fechando e se abrindo em torno de uma quilha, cicatriz feita de água, areia e lama. Por meio do barro, ostra e canoa, duas imagens silenciosas, se apresentaram, em diferentes momentos e formas: uma barca trazendo Iemanjá (ou Hécate? ou Ísis? ou Inana?); um berço de águas abrigando em seu útero uma estrela de quatro pontas, uma folha nau ciclope, uma ocarina terracota tatuada de mar.

Na escrita, essas imagens ressurgem em diferentes momentos, mobilizando metáforas que me guiam, como a argila conduz a mão pelo mergulho subterrâneo. Sendo uma escrita fragmentada, não planejada, só fui perceber essas reiterações ao longo da minha escavação memorialista e de várias leituras dos meus poemas. Neles emergia com toda força um ambiente anfíbio, constituído na travessia canoeira entre terra e água, rio e mar, em que sentia ecos de obras poéticas, entre elas, com destaque, a de Manoel de Barros. Diz ele:

As outras dez ou doze palavras que são meus arquissemas, vêm de minha infância. São elas: árvore, sapo, lesma, antro, musgo, boca, rã, água, pedra, caracol. Acho que são palavras que me comandam subterraneamente. Arquissema, aprendi de um filólogo, cujo nome não me lembro agora, são palavras logradas

dos nossos armazenamentos ancestrais, e, que ao fim norteiam o sentido de nossa escrita. [...] Essas palavras-chaves, portanto, orientam os nossos descaminhos. Orientam nossa obra a fim de que não fuçamos de nós mesmos no escrever. (BARROS, 1990, p. 328, *apud* BARBOSA, 2003, p. 88.)

Relaciono essa reflexão poética ao que Maffesoli denomina de pensamento orgânico, associando-o ao que os simbolistas entendiam como correspondências:

Assim se exprime aquela unidade subterrânea que pode, à primeira vista, escapar a uma simples concepção racionalista do mundo: os processos de interdependência. Processos que observamos cada vez mais na economia, na política e no social. Há “um princípio formal que funda essa unidade”. Um princípio que se torna mais necessário à medida que o mundo vai sendo tendencialmente levado a desagregar-se. (Maffesoli, 1998, p. 68-69.)

Além de canoa e ostra, quais seriam meus arquissemas? Como eles orientam meus “descaminhos”? Água, barro, breu, brejo, lama, mangue, mão, margem, mar, morte, pé, pedra, rio, terra, travessia... Essas palavras-imagens atravessam o curso da minha escrita, tecendo uma teia que dá unidade e sentido a esses fragmentos. Mas como tratar essas imagens, me aprofundando na compreensão do que elas me dizem e do que revelam de mim? Recorro a Bachelard (2009, p. 4):

O devaneio que queremos estudar é o devaneio poético, um devaneio que a poesia coloca na boa inclinação, aquela que uma *consciência em crescimento* pode seguir. Esse devaneio é um devaneio que se escreve ou que, pelo menos, se promete escrever. [...] Então as imagens se compõem e se ordenam. O sonhador escuta já os *sons da palavra escrita*. [...]

Todos os sentidos despertam e se harmonizam no devaneio poético. É essa polifonia dos sentidos que o devaneio poético escuta e que a consciência poética deve registrar. (Bachelard, 2009, p. 4. Grifos meus.)

Talvez o mergulho nessas imagens, num devaneio que escuta os “sons da palavra escrita” e abre caminho para “uma consciência em crescimento”, buscando sentidos para a própria existência em minha poesia, possa ser relacionado com a religiosidade arcaica, como a apresenta Mircea Eliade (2010, p. 135):

O primeiro fato com que deparamos ao adotar a perspectiva do homem religioso das sociedades arcaicas é que o *Mundo existe porque foi criado pelos deuses*, e que a própria existência do Mundo “quer dizer” alguma coisa, que o Mundo não é mudo nem opaco, que não é uma coisa inerte, sem objeto e sem significado. Para o homem religioso, o Cosmos “vive” e “fala”.

Essas vozes me sugerem um caminho, bordando as margens entre o devaneio poético e a reflexão que não se fecha em conceitos, pois, como alerta Bachelard (2009, p. 50), “o conceito, dando estabilidade à imagem, lhe asfixiaria a vida”. Em vez de uma abordagem direta, objetiva, linear de meus escritos, procurarei, na trilha do filósofo-poeta francês, ouvir as imagens, lamber seus sons⁷, num devaneio desperto que inclui a reflexão e o diálogo com teóricos e poetas, construindo-se “em linhas sinuosas”, “no movimento”, já que a “percepção desta realidade (simultaneamente uma e múltipla) se faz pela força centrífuga da significação e das imagens” (Ferreira-Santos, 2010, p. 70).

⁷ “Poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina.” (BARROS, 2010, p. 257.)

Assim, como observa o autor (*op. cit.*, p. 64), a intencionalidade não é um dado *a priori*, ela se constrói na correlação de forças entre obra-pessoa e matéria. Ou, nos termos de Ricoeur (1988, p. 58):

Aquilo de que finalmente me aproprio é uma proposição de mundo. Esta proposição não se encontra *atrás* do texto, como uma espécie de intenção oculta, mas *diante* dele, como aquilo que a obra desvenda, descobre, revela. Por conseguinte, compreender é *compreender-se diante do texto*. Não se trata de impor ao texto sua própria capacidade finita de compreender, mas de expor-se ao texto e receber dele um *si* mais amplo, que seria a proposição de existência respondendo, da maneira mais apropriada possível, à proposição de mundo. A compreensão torna-se, então, o contrário de uma constituição de que o sujeito teria a chave. A este respeito, seria mais justo dizer que o *si* é constituído pela “coisa” do texto.

Entressonhando com meus amados poetas

Junto à escavação pelo barro e por minhas memórias meninas, a leitura erótica⁸ de alguns escritores, em especial Manoel de Barros, Clarice Lispector, Neide Archanjo, João Guimarães Rosa, Hilda Hilst, e Sophia de Mello Breyner Andresen, me ressoava na pele e na imaginação, fertilizando meus próprios escritos. Como afirma Larrosa ao tratar do ensaio literário, entendido como a “reflexão sobre a própria escrita através da escrita de outros”, a experiência de leitor integra a vida de muitas pessoas, mas para algumas tem tanta (ou mais) importância quanto outras

⁸ Como sugere Elni Elisa Willms (2013, p. 131), “o processo criativo é movido por essa abertura erótica, essa vontade de fazer algo diferente, embriaguez que se alimenta da imaginação, do real e da intuição, mas que também se organiza por meio da inteligência. Uma inteligência amorosa.”

experiências vitais. Eu me vejo entre estas pessoas “para as quais o mundo e a vida, seja o que for que se nomeie com essas palavras, seguramente demasiado fortes, é inseparável de sua elaboração em e pela linguagem” (Larrosa, 2006, p. 188).

Como pude resgatar no “Memorial em aquarelágrimas”, as palavras, seus sons, suas imagens, estórias e histórias, marcaram de modo muito intenso minha formação, colorindo meus sonhos e devaneios. No entanto, ao longo de minha vida escolar e profissional fui erigindo arrecifes que, em vez de enriquecer minha relação com a linguagem, tornaram-se um obstáculo entre mim e a criação, me alienando de um caminho pleno de desejo. A vivência com o barro e a escavação pela infância trouxeram à tona, de forma violenta, esse desejo pela palavra poética, tão candente em minha menina mítica. Ela, tão calada e arredia, emergiu do fundo de um poço e me fez vislumbrar o deserto em que eu mesma estava me tornando, ao me forçar a um caminho que pensava necessário para “amadurecer”, mas que acabou por me fechar para a dimensão do sonho e da criação poética.

Qual será meu desafio? Encontrar o caminho que me
traga ao lar, onde me encontro e me alimento do que
pra mim é bom e belo, e me faz feliz?

Ou é a dor e o estranhamento que me apontam a missão?
Preciso vencê-los em mim? Mas o que fazer da saudade de
saber que minha felicidade está tão perto, só depende de
algumas remadas? Será? (Tamara Castro)

O reencontro com a terra e com a água, tão presentes na minha infância, com “minha lama avó de sonho, do meu sonho de jardim”⁹, me permitiram resgatar a ligação erótica com a poesia, fertilizando minhas veredas.

Foi que veio daí um passarinho e cagou na barriga do pote uma semente de roseira. As chuvas e os ventos deram à gravidez do pote forças de parir. E o pote pariu rosas. E esplendorado de amor ficou o pote! De amor, de poesia e de rosas. E havia perto, por caso, um sapo destripado e seco. A abertura do ventre do sapo também se enchera de areia e cisco. Também se fizera ele um canteiro arrumado. Foi que outro passarinho veio e cuspiu outra semente de rosa no ventre do sapo. E outra rosa nasceu na primavera. Foi um dia de glória para o nosso olhar. As rosas do sapo e do pote foram abençoadas de borboletas que pousavam nas roseiras. Houvemos júbilo! (Barros, 2008, p. 125.)

A conjunção amorosa entre imaginação e realidade, intuição, corporalidade e inteligência me permitiu também um contato mais intenso com o real, com meus sentidos em “atenção flutuante” (Ferreira-Santos, 2010, p. 71), impulsionando mais escritas. Como esta, impulsionada por um insólito cheiro de mangue que me visitou em um dia banal na grande urbe, entre a leitura e o olhar à janela do ônibus:

O vento que me leva
sob luz rascante e seca
entre cheiros urbanos
cidadãos
conta-me segredos lamacentos

aos poros atentos à morte
que se tece de saliva e sede
fugazes gotículas de orvalho

⁹ Parte de um texto que estará em “O corpo do barro”.

reluzem e apagam
sussurrando:

todo fim é começo
(Tamara Castro)

A despeito do conhecimento enciclopédico, acumulado ao longo da minha vida escolar e acadêmica – que, na maior parte das vezes, me levou a uma cisão corpo-mente, *animus-anima*, sonho e realidade –, a escavação pela palavra me possibilitou reencontrar/reinventar minha singularidade, mergulhando na estranheza que me habita e que me impulsiona ao risco de criar minha(s) própria(s) história(s)/estórias. Como afirma Claudia M. Ribeiro, em “O imaginário das águas e o enigma da sexualidade da criança” (2005, [s.p.]): “A resistência à padronização implica o desejo como fonte de criação. O desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais atividade criadora.”

Compreendo agora essa eclosão pela escrita como o que Ferreira-Santos (2010, p. 74) denomina de “catarse mitopoiética”:

momento mítico de cada pessoa em que a apresentação de imagens e símbolos vai sendo cada vez mais ampliada e significada até que a “*explosão mítica*”, como nos diz Durand, possibilita à pessoa perlaborar a sua própria estrutura mítica de sensibilidade, aliviando a repressão consciente ou inconsciente ao mito latente que direciona sua trajetória mítica.

A entrega ao caos inicial da criação me possibilitou vivenciar com toda intensidade imagens e símbolos que iam se fazendo presentes por meio da escrita e, surpreendentemente para mim, repetiam figuras que forjara no barro. Imagens e símbolos latentes em mim que viram nessas

duas formas de criação artística um canal para vir à tona e dialogar com meu ser desperto.

As palavras de Bachelard (1986, p. 259-260, *apud* Araújo, 2013, p. 92) ressoam no cerne desse momento mitopoiético:

Nós somos seres profundos. Escondemo-nos sob as superfícies, sob as aparências, sob as máscaras, mas não nos escondemos somente aos outros, escondemo-nos a nós mesmos. E a profundidade é em nós, no estilo de Jean Wahl, uma trans-descendência.

E se algo submerso em mim veio à tona, parte de meu ser diurno se embrenhou nessa busca labiríntica pela *anima*, uma busca feita de medo e de não menos desejo:

Sei que a argila e a areia se querem e se necessitam. A polpa da mão escuta o grito silente dos grãos de deserto por entre a maciez envolvente da argila. Eis seu diálogo silencioso, sua trama fugidia, nunca revelada, apenas segredada para aqueles que se entregam na dança de dedos, mãos e barro.

O grito solar da areia, espreado na cama terracota, é a tônica na átona: olho do sol crepuscular, fecundante. Momento propício de descer a semente ao útero da terra. Momento propício de alimentá-la de água e luz. Na medida sensível que só tem a mão calosa, cálida e paciente, para cuidar e esperar o primeiro botão. A esperança do jardim.

Apalavrar a terra
aterrar a palavra
rememorando-lhe a raiz de
lodo que renova o
Hades no botão em flor

O jardim é um hades
em botão

mil olhos de Cérbero espreitam
olorosos cada quadrante
de verde e luz
E o sol absorto na folha alimenta
a terra reafirmada
do caule à raiz
Cada grão de luz se abriga
no útero da romã que prende
Perséfone em sua morada
noturna
(Tamara Castro)

“Passageiro desta barca da linguagem / devo guiar o nome que me guia”
(João de Jesus Paes Loureiro, Hinos dionisíacos ao Boto)

O mergulho no breu brejo da terra resguardada, clareando o caminho “somente com o olhar (*lumina*, em latim) que avança cotejando as penumbras e lusco-fuscos da peregrinação na profundidade dos significados” (Ferreira-Santos, 2004, p. 112), me fertilizava de imagens, cheiros e desejos profundos. Como atesta o poeta, “Flores engordadas nos detritos até falam!” (Barros, 2010, p. 220). Com o corpo no barro, sentindo no sangue a pulsação de riachos, a escavação ia revelando um rio de imagens que ganhava corpo e fluxo à medida que se aprofundava.

Essa região selvagem (*Ursprungs*), campo de forças da criação, se inscreve a corporeidade do Ser. É em meio à corrente sanguínea, na tensão da tessitura muscular, na anatomia líquida dos hormônios, na sístole/diástole cardíaca, na combustão pulmonar, na ascensão postural, no recolhimento fetal, na cópula e no ritmo equilibrante dos passos que engendramos nossos *arquetipos em flor*. (Ferreira-Santos, 2004, p. 112.)

As imagens que vêm à tona em meus escritos me sugerem uma estrutura mítica submersa em mim que, por meio da perlaboração, encontraram canais de contato com meu ser desperto, mas que este ainda não compreendia, pois, como afirma Bachelard (*apud* Ferreira-Santos, 2004, p. 111): “a linguagem está sempre um pouco à frente do nosso pensamento”. Entre essas imagens, destaco agora a da canoa/canoeira.

A importância dessa imagem ficou patente quando, tocada pela ilustração de uma mulher remando em uma canoa, sem entender bem por que, escrevi num jorro: “Assumir meu destino: ser canoeira”. Foi então que percebi como essa figura, recorrente em tantas histórias, poemas, canções, se repetia em meus trabalhos no barro e na palavra. Essa percepção impulsionou ainda mais minha escrita, despertando memórias e outras imagens que iam se tecendo, no lusco-fusco.

Caillois coteja a função fabulatória com o comportamento instintivo dos animais, concluindo haver uma espécie de condicionamento biológico da imaginação, que faz com que o mito represente “para a consciência, a imagem de um comportamento de que ela sente o pedido insistente”. (Ferreira-Santos; Almeida, 2012, p. 54.)

As imagens-ações *travessia*, *navegação*, que pulsam entre as margens de mim, ecoam em inúmeras obras de arte, sugerindo seu papel fundante no imaginário humano e em suas criações, como mostra o poeta paraense João de Jesus Paes Loureiro (2008, p. 14):

O épico se diz navegando em grandes barcos no oceano. O lírico se mostra como a navegar os rios numa canoa pequena. O poeta é marinheiro, precisa ser nauta experiente, passa por entre os escolhos, enfrenta monstros marinhos, corta ondas encapeladas, atravessa

ventos contrários e tempestades. A linguagem torna-se, portanto, o grande rio oceano em que o poeta navega.

A figura do navegante, barqueiro, está presente na mitologia de diversos povos, remontando a tempos remotos. Na tradição ocidental, desponta Caronte, o barqueiro dos inferos, responsável pela travessia dos mortos pelo rio Aqueronte ao reino de Hades.

Caronte, gênio velho do mundo infernal, filho de Erebo e da Noite, cuja função é transportar a sombra dos mortos, em sua barca escura e feia, através de um pantanoso Aqueronte até a margem desse rio. [...]

Em pagamento, recebe um óbolo que os vivos tinham o cuidado de colocar na boca dos mortos, a fim de não faltar o pagamento ao barqueiro.

Diz-se que ele conduz a barca fúnebre mas não rema. São as almas que remam. Costuma ser representado como um velho feio, magro vigoroso, de barba hirsuta e grisalha, olhos vivos, roupas largas, a cor sombria, manchada pelo limo dos rios infernais... (Ferreira, 2004, p. 20.)

Barca de Ísis.

Fonte: Wikimedia Commons.

Aponta-se que o taciturno personagem está relacionado a um mito mais antigo, o de Osíris (o deus morto e renascido) e à Barca de Ísis, ritual de iniciação egípcio em que os neófitos deveriam entrar em um sarcófago e lá permanecer em transe durante três dias. Após esse período, o “morto renascia”, quando um dos sacerdotes pronunciava as palavras “Levanta-te e sai”.

Um mito mais antigo em que a travessia se apresenta remonta à Suméria: é a descida da deusa Inanna ao mundo inferior, governado por sua irmã, a terrível Ereshkigal.

A rainha do céu, a filha de Deus, deusa da estrela da manhã e da tarde, a hierodula ou escrava dançarina dos deuses – que, como estrela da manhã, é sempre virgem, mas, como estrela da tarde, é a “prostituta divina”, e cujos nomes em uma era posterior seriam Ístar, Afrodite e Vênus – “das ‘grandes alturas’ estava ávida pelo ‘grande infero’, abandonava os céus, abandonava a terra e descia para o mundo mais baixo”, para libertar seu irmão e esposo do reino sem retorno. (Campbell, 1992, p. 333.)

Na descida ao ventre da terra, a cada portal Inanna era obrigada a despir uma a uma suas joias e vestes, obedecendo às inquestionáveis leis do mundo inferior, até que, nua, chegou diante de Ereshkigal e dos Anunnaki (os sete juízes infernais). Eles puseram sobre ela os olhos da morte e, “quando pronunciaram a palavra, a palavra que tortura o espírito, a mulher pesarosa foi transformada num cadáver”. Mas, depois de três dias e três noites, Ninsukubur, “mensageiro de ventos favoráveis” (protótipo de Hermes), clamou pela volta de sua senhora a Nanna (Deus Lua) e a Enki (serpente, senhor da sabedoria). E assim Inanna retornou ao mundo dos vivos: “a morte, como nos ensinam todas as tradições

mitológicas do mundo, não é o fim” (Campbell, 1992, p. 336-337). A respeito desse mito, a junguiana Silvana Parisi (2012, [s.p.]) analisa:

Simbolizando uma verdadeira viagem ao inconsciente, este mito retrata os processos profundos da alma em que ocorre a morte e o renascimento, o que também é característico dos rituais de iniciação: abandonar velhos hábitos e apegos, despojar-se da antiga persona, para dar lugar a um novo modo de ser. Atravessar cada portão e ser despida implica sacrifício, entrega, rendição. Há que se ter coragem para empreender tal jornada.

Em meus escritos, as imagens da canoa e da travessia surgem associadas à escavação e ao mergulho no barro, no breu e numa água salobra, lamacenta e morna. Mas a escuridão dessa água e desse ambiente anfíbio não me é repugnante, pois está ligada à minha infância e à minha dimensão lúdica, afetiva e onírica. É minha essa lama, tépida e macia, vinculada a sentimentos profundos, cujas raízes me levam às minhas memórias meninas, à minha amada avó Maria – mais amada porque eleita –, ao meu sonho de jardim, ao Saco do Mamanguá, minha querência – que também elegi, já adulta –, a cidade de Paraty, “nossa roça à beira-mar” (Perequê, 1992)¹⁰, onde nasceu minha busca de mestria.

É nessa ambiguidade entre terra e água que minha canoa vai ganhando força e, no rastro lume feito em ardentia, vai me revelando outras imagens, sons, sensações e sentimentos: ostra, pedra, espelho, labirinto, rede, vento, vela, lua, cristais, silêncio, medo... Nessa navegação pelo “rio da linguagem” (Loureiro, 2008, p. 8), as duas margens, que no início da travessia pareciam tão distantes, opostas, vão se mostrando parte

¹⁰ Versos da canção “Encanto caiçara”, do compositor paratiense Luis Perequê, gravada originalmente em vinil pelo selo Via Cult, em 1992, e recentemente transformada em CD.

de um mesmo rio, que corre para o mar. Do mesmo modo, as dimensões da minha vida prática, “política”, e onírica, “poética”, vão se revelando complementares, indissociáveis. Um novo sentido de vida e de criação se insinua “na escavação que é meu / navegar”, me remetendo à observação de que se trata de uma “memória que tende mais para o futuro que para o passado, mais para o esquecimento que para a lembrança, mais para a inversão, a criação, que para o resgate da vivência original” (Castello Branco, 1991, p. 31).

Nessa toada, vida e morte vão me mostrando sua irmandade (como as deusas sumérias Inanna e Ereshkigal), duas faces do feminino, do sagrado que nos ultrapassa. É a morte, esse mar vasto fundo infundo, que dá húmus à vida em toda a sua exuberância. Joseph Campbell (1992, p. 69) mostra que esses dois aspectos associados ao feminino, à mãe – beatitude e perigo, nascimento e morte – se manifestam tanto “na mitologia e no rito, como na psicologia do recém-nascido”. Ambos os aspectos se relacionam aos elementos femininos, terra e água, que propiciam tanto acolhimento e vida, como destruição e morte.

O velho pescador, “cum saber só d'experiências feito” (Camões, [1572]), sabia disso:

O velho sempre pensava no mar como sendo *la mar*, que é o que o povo o chama em espanhol, quando verdadeiramente o querem. Às vezes, aqueles que o amam lhe dão nomes feios mas sempre como se se tratasse de uma mulher. Alguns dos pescadores mais novos, aqueles que usam boias por flutuadores e têm barcos a motor, comprados quando os fígados de tubarão valiam muito dinheiro, dizem *el mar*, que é masculino. Falam do mar como de um adversário, de um sítio, ou mesmo de um inimigo. Mas o

velho pensa sempre no mar no feminino e como se fosse uma coisa que desse ou não desse grandes favores, e se o mar fizesse coisas selvagens ou cruéis era só porque não podia evitá-lo. “A lua afeta o mar tal como afeta as mulheres”, pensou o velho. (Hemingway, 1972, p. 31.)

Ao longo desta investigação poética, que busca alimentar um diálogo de meus escritos com a literatura, a mitologia e os estudos sobre o imaginário, os vários sentidos das imagens que me atravessam vão se abrindo e se incorporando ao meu percurso de formação.

Ao tratar da relação entre mito e poema, Loureiro (2008, p. 14) afirmar que em ambos:

ocorre o mesmo fenômeno do poético como sendo uma espécie de encantaria submersa na linguagem, capaz de emergir com um brusco jorrar de significações, impregnando de um novo sentido, o tão antigo e usual sentido das palavras.

Um dos aspectos que pretendo aprofundar será a investigação dos mitos subjacentes à minha poética, em busca de ouvir com cuidado de ostra o que me balbuciam essas “vozes subversas”. Guiada por elas ao meu inventado destino de canoeira, encontro em mim uma Caronte, escutando vozes à distância (Ferreira, 2004, p. 24). Como o mítico barqueiro, eu sou calada ostra, a que ouve e guarda.

De ostra a canoa: a reinvenção de meu canto ecoando no outro

Ao mesmo tempo que me desperta para um autoconhecimento mais profundo, esse encontro com o Eros da criação, tendo como mediadores o corpo do barro e a água da palavra, me trouxe à consciência minha própria incompletude e com ela a necessidade de ecoar nos outros

e de lhes permitir ecoar em mim. Ostra, reencontro em meu canto “emimesmado” os marulhos e o sentido dos ventos que me fazem ecoar, ocarina, navegante da terceira margem, de mim ao outro, do outro a mim.

É este o limite possível de aproximação: quando consigo ressoar na sensibilidade do Outro. Mas tal conquista só se dá na aceitação da distância e no reconhecimento dela: *eu sou eu e tu eres tu*. A distância entre os dois entes é a possibilidade de ressonância. Caso contrário, a solvência e diluição das pessoas na indiferenciação do impessoal ou na dominação devoradora.

Estamos falando de uma potência instauradora de sentidos que possibilita a comunicação entre as pessoas na medida em que elas se ensinam como tais. Ensino como tentativa de colocar o Outro em sua própria sina... (Ferreira-Santos, 2004, p. 64.)

A escrita como “reinvenção de mim”¹¹, no diálogo com o outro, seja na convivência diária com as pessoas, seja no contato profundo com a arte, me permite viver em carne e alma outras possibilidades de ser, para além do discurso normativo, que ao longo da minha formação foi se sobrepondo à dimensão do sonho, do desejo, me afastando de minhas memórias meninas e obstruindo os caminhos da criação.

Celebração de bodas da razão com o coração
Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos?

¹¹ “O que seria a individuação senão uma *reinvenção de si*, a partir de um mergulho anímico no que em nós é improvável, partindo de uma especial atenção às narrativas ou mitos que nos constituem? Não poderíamos então pensá-la como uma busca de si, que tenta abolir o tempo morto, linear, uma ruptura com o que já está estabelecido, numa tentativa de alcançar o tempo circular, aparentemente errático, um tempo que foge ao controle da consciência? A individuação consistiria, então, numa releitura do mito pessoal do sujeito, se considerarmos que todo mito possui incontáveis variantes.” (PALOMO, 2006, p. 68.)

Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração.

Sábios doutores de Ética e Moral serão os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra sentipensador para definir a linguagem que diz a verdade. (Galeano, 2002, p. 119.)

Marcos Ferreira-Santos alerta sobre o risco de alienação que corremos ao manter uma relação meramente mercadológica com a arte: “‘alienação’ do sujeito em relação ao produto acabado, na medida em que não se reconhece como participante de seu processo de criação”. Essa alienação tantas vezes se dá em nossa formação pessoal, quando covardemente abdicamos de criar nosso percurso formativo: “poucos se ensinam como pessoas na coragem de ser, segundo a fórmula de Nietzsche, *demasiadamente* humanos” (Ferreira-Santos, 2010, p. 64).

Empreender a grande e temerária aventura da criação, no embate entre nossa singularidade e a resistência do mundo social e cósmico, embate “que colore de autenticidade a nossa existência” (Ferreira-Santos, 2004, p. 63), é que possibilita “uma mestria artesã, *didaskalia*” (idem, 2010, p. 61):

Um possível mestre – ou, mais rigorosamente, um buscador de mestria (*didaskalia*) – um *apresentador de mundos* que lhe testemunha a possibilidade de construção de um caminho, um itinerário pessoal e, desta forma, lhe exige a mesma construção pessoal no afrontamento das pessoas; mas, sobretudo, movido por uma grande *philia* (paixão) pela alteridade.

Abrir espaço ao novo exige coragem para criar(-se), permitir aos outros e a si mesmo navegar, em contato com os ventos e as brisas, as ondas e marolas, as tempestades e calmarias, os mares e os jardins secretos, as montanhas e baías, as chegadas e partidas, o cais e a linha do horizonte. Caso contrário, mantendo-nos na ostrácea posição de seguidor

de cartilhas, que determinam o que e como pensar, gostar, agir, ser, apenas reforçamos o modelo que há séculos persiste atropelando singularidades em botão.

Diz uma criança, percebendo a diferença entre duas formas de trabalho com a palavra: “Lá na escola é só escrever, escrever, escrever. A professora dá bronca em você, se você erra uma palavra. Mas aqui, não! Se você errar alguma coisa, a professora não fica dando bronca...” Como observa Albano (2013, p. 15),

Na fala desta criança fica evidente o desconhecimento da dimensão criativa da palavra e, portanto, o desconhecimento da literatura como forma de arte. A palavra era aprendida na escola para ser escrita de forma correta, para não levar “bronca”. A palavra não era aprendida para fazer sonhar, para acender a imaginação, para ampliar a compreensão de mundo, como acontecia com as linhas, cores e formas, com os sons, ritmos e movimentos, nas oficinas daquela escola de arte. Ali, não havia certo e errado porque as linhas podiam ser retas e/ou curvas, os sons longos e/ou curtos, os movimentos rápidos e/ou lentos, tudo dependendo do que se queria dizer ou esconder, falar ou calar: isto ou aquilo, ou isto e aquilo, sem necessidade de acertar a resposta correta.

A fala da criança e a reflexão da educadora dão margem a pensar na educação pela arte e nas infinitas possibilidades de articular a dança, o teatro, a pintura, a escultura, o cinema e tantas outras expressões artísticas ao trabalho poético com a palavra, como uma abertura de mundos às pessoas envolvidas. Amolecando as linguagens, sujando-as de chão, espojando-as na natureza: “Ah, ter a voz de um lagarto escurecido!” (Barros, *apud* Barbosa, 2003, p. 124.) Abrindo um espaço de silêncio para “escutar os ecos sepultados das palavras, dos cheiros e dos sons”, como

“todos os ‘escritores da memória’ aprenderam” (Rodari, 1982, p. 15). Cultivando esse “tom de voz que ninguém mais tem e que quase nunca nos é permitido ouvir em meio ao burburinho e às vozes impostadas, [em que] se oculta o ponto de partida da própria criação.” (Reyes, 2012, p. 46.) Possibilitando que a palavra em seu duplo complementar, *animus* e *anima*, *cogito* e *poiesis*, brote em cada pessoa, que brinca e pensa, sonha e cria, reflete e desvaira.

Criar um mundo que só existe na linguagem, mas que deve se sustentar como se sustenta o mundo real; construir um *como se*, como quem constrói uma ponte entre duas margens, e ter esse misto de paciência e de irresponsabilidade que as crianças têm quando brincam, para localizá-lo e povoá-lo e habitá-lo até as últimas consequências... (Reyes, 2012, p. 46-47.)

Como afirma Larrosa (*apud* Rangel, 2013, p. 36-37), um saber de experiência, vivido pela pessoa em sua singularidade e integralidade, e nos encontros com os companheiros de caminhada:

... só tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, numa palavra, uma forma humana singular que é, ao mesmo tempo, uma ética (um modo de se conduzir) e uma estética (um estilo). Por fim, tem a ver com a “vida boa”, entendida como a unidade de sentido de uma vida humana plena, uma vida que não só inclui a satisfação de necessidades, mas, sobretudo, aquelas atividades que transcendem a futilidade da vida mortal. O saber de experiência ensina a “viver humanamente” e a conquistar a “excelência” em todos os âmbitos da vida humana: o intelectual, o moral, o político, o estético etc.

Minha travessia, do corpo do barro às águas da palavra, é o registro de saber vivido – escavação por imagens e vozes “subversas” –

num percurso de autoformação poética, sem modelos ou metodologia preestabelecidos, mas constituído pela experimentação artesã, cotidiana, na lida com a matéria barro, memória, mundo, palavra, pessoa. Um percurso sem metas nem garantias de chegada, ao contrário: transitório e aberto à alteridade, ao imprevisto, ao caos, em busca da minha mestria.

Não há clareza em meu caminho. Ele se faz de tato e olfato na escavação. Ouço vozes, algumas se incorporam em imagens. Sigo-as, elas me conduzem. Me deixo levar, canoa à deriva, ostra flagelada a quem só resta navegar. Ventos, ondas, marés, me levem à sua vontade. (Tamara Castro)

Penso que o grande desafio apresentado a mim ao longo desta escritura é ecoar meu canto e, expondo-me ao risco da travessia, me deixar navegar, canoeira ocarina, conhecendo “co-nascendo” (Mounier, 1963, *apud* Ferreira-Santos, 2010, p. 62) com o outro, a arte, o mundo. A escritura *autopoiética* da minha “pessoa como *prosopon* (aquele que afronta, que afirma sua presença)” (Ferreira-Santos, 2004, p. 107), da minha singularidade em botão, na, com a e apesar da vida,

é mais do que um exercício egocêntrico. Ela é mesmo um exercício de ultrapassagem dos contornos egoístas do ser. Trata-se de um terreno de exploração do poder-ser. Lugar de transformação, de compreensão para se compreender diferentemente. A pessoa conta-se e o verbo faz-se corpo. Acompanhamos um processo vital e observamos a nossa própria evolução. Habitamos a nossa fala e essa fala move-nos e faz mover os outros quando o que dizemos os toca ou sensibiliza. No fundo, trata-se de uma metodologia que permite pôr no mundo o mundo que desejamos e vislumbramos. (Lechner, 2006, p. 182.)

laiá, me dá teu remo, teu remo pra eu remar...

II. MEMORIAL EM AQUARELÁGRIMAS

Como me formar do caos?
Como fazer dos dedos à flor do barro
emergir
a palavra que me tome
canoa à beira-mar?
Queria ser folha de palmeira
em doce viagem às águas
Mas meu corpo terroso pesa,
devo
me entregar à escavação
Eis-me aqui nesta busca de
memoriar,
das reentrâncias de ostra
ouvir meu canto,
reencantar-me
(Tamara Castro)

Minha primeira lembrança verbal não é bem minha, mas do meu pai: “Tamara, o que você quer ser quando crescer?” “Quero ser feliz.” E ele jura, à Chicó: “Num sei, só sei que foi assim...”

Minhas mesmo, as primeiras são memórias sonoras, olfativas, táteis, *flashes* de acontecimentos onírico-reais... Cheiro de terra, flor de dente-de-leão, maria-fedida, bala... O azedinho da uvaia reinando no quintal da casa na rua Gilberto Sabino, meu primeiro lar. Papagaio empinando ao vento numa manhã azul e dourada... Ar rescendendo a folhas vermelhas dançarinas e a carne assada da mãe. O cheiro do manjerição seguindo o pega-pega, esconde-esconde no quintal da avó Maria.

Depois... (ou junto?) o grande jardim da infância, jardim de infância. A primeira professora, Geni, tia Geni – de quem meu pai zombava, cantando o refrão do Chico, e eu chorava, emburrada: “Não! Não taca pedra nela não!”

Amores macios de criança. O algodãozinho dos cabelos da avó Maria, tão queridos, quentinhos, como seu “chafé” bem doce: doce de chafé. E o abraço acolhedor entre braços magrinhos, negros, chocolate sempre disponível, na hora do riso, da arte ou do choro. Histórias, estórias da avó Maria. Saudade...

A ambiência da infância, seus cheiros e cores, imagens e querências me voltam e arrebatam. Mas o que me guia nesta volta? Qual é minha bússola? Novamente e sempre, perdida nesse mar alto... Tendo por companheira a poesia com sua miríade de imagens, ritmos e melodias... Será ela meu cicerone? Ou meu caronte? Ou será Satyavati, a barqueira que cheira a peixe do Mahabharata?

Espaços-sensações que nunca vi mas são tão meus, de sonhos passados, voltam a me visitar. O deserto de um amarelo ofuscante, colunas varridas do vento árido, nem um respiro, silêncio, só. Sinto-me o novo Jó, mas sem pássaros em volta, apenas os ventos nas vestes amarelas.

Bom era caminhar sem dono
na tarde
com pássaros em torno
e os ventos nas vestes amarelas
(Manoel de Barros, “Um novo Jó”)

Barros, barro, matéria úmida querida – ausente nessa aridez que me habita o sonho renitente da infância. Sonho que me devorava o dia, me alheando da manhã até a tarde. Ao crepúsculo, sangria que me tomava do peito aos olhos. Como facada de amor?

Entre os raios da minha íris se asila outro sonho de infância. Ele é também composto de silêncio, mas suas cores intensas são felizes. Encontro-me num pomar de luz bordada por ramos verdes. Eles se debruçam sobre minha cabeça, trançando-se entre mim e o azul que amanhece. Ergo os olhos e o coração se alumbrá: pendem da pérgola frutas vermelhas, pesadas como maçãs e luzentes como ameixas. Plenas de sumo, a pele estala. Numa eternidade meus olhos saboreiam essa beleza hipnótica. Até que o desejo me estende o braço e colhe um daqueles rubis. Os dentes cravam em uma carne macia, e a boca se inunda de um riacho doce e de leve acre, onde a língua navega. Acordo mergulhada num gosto pleno de jamais. Eterno sonho erótico, que me habita e em mim entardece.

Medos. Vem-me a vertigem de deitar de peito aberto ao céu. Altas horas, Drummond me visita.

Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,
a menina pisou a relva para pegar um pássaro,
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranquilo
[em redor de Clara.

As crianças olhavam para o céu: não era proibido.

A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia perigo.
Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os insetos.
Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas,
esperava cartas que custavam a chegar,
nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no jardim, pela
manhã!

Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!

(Carlos Drummond de Andrade, “Lembrança do mundo antigo”)

Volto a contemplar o poço durante dias de chuva intensa. A dor do mergulho ainda lateja fundo. Tenho medo e agora desejo o devaneio das gotas grossas macerando a pele d’água do poço. Transbordo com ele. A água impede que a ferida seque. Mas me negar a ela... não posso. E acho que após o transbordamento estou mais forte pra contar os feridos. A voz da chuva me acalenta no dia-noite que não acaba. Preciso acordar. Pausa na átona, pulo pra tônica. Banho quente e trabalho. Encontrar os outros. ENCONTRAR os outros.

Minha mãe, Nicolau e eu.

Minha mãe contava, entre muitos silêncios, que por ocasião do meu nascimento, apareceu em casa uma pedra. Topázio amarelo. Que assim como surgiu desapareceu. Minha mãe era um oceano de silêncio encrespado por cristais de palavras que em vagas de tempestade nos arrebatava. E nos lançava à beira, sob o sol ofuscante e mudo.

Um dia perguntei ao meu pai, ele estava tomando banho: “Ô pá, e se Deus não tivesse inventado o mundo, o que existiria? Nada, né? Mas se ele não tivesse criado nada, nem o nada existiria?” A pergunta me entontecia, a mesma sensação de quando deitava peito aberto ao céu. Vertigem do nada. Meu pai disse que eu estava filosofando. Estava? O que era filosofar? A pergunta continuava roendo.

Porque é feita de pergunta
De poeira

Articulada, coesa
Persigo tua cara e carne
Imatéria.

(Hilda Hilst, “XIV”. In: *Da morte. Odes mínimas.*)

Não me lembro de brincar de princesa. Também não ligava muito pra boneca. Era pirata, viajante, desbravadora de imensidões verdes resumidas a um monte coberto de mamonas de onde podia ver minha casa e me sentir acima e invisível, me confundindo com o vento.

Ficava horas talvez, oculta entre o mato, sentindo o cheiro das ordinárias florezinhas brancas e amarelas, cheiro fresco e levemente doce, que até hoje busco nos passeios com as crianças. E quando o vento sussurra às narinas essa lembrança sinto hoje a mesma alegria que me

tomava ao achar uma preciosa pedra no tanque de areia do parque. Ou uma nuvem de dente-de-leão ao alcance do meu sopro.

Tecido ser do tempo,
trança agora
o tênue véu do instante
de transparência e o traz
em seus fios hialinos

(Andrés Sánchez Robayna, Poema 27. In: *O livro atrás da duna*)

A sangria dos crepúsculos acordava em mim uma vontade doída de chorar. Sem entender por que, me entregava à tristeza. E quando o céu exangue se cobria de luto, a noite estrelada soprava um novo hálito. Meu pai contando história antes de dormir era uma hora por demais esperada. Enquanto meu irmão caçula, Nicolau, adormecia às primeiras palavras, eu ouvia atenta até o final. E pedia de novo, de novo, de novo. Dormia com gosto de bolo de milho na boca. A história era a da galinha ruiva.

Eu e meu pai em Caraguatatuba.

As primeiras brincadeiras de que me lembro com mais nitidez aconteciam na chácara ao fim da rua sem saída, no Butantã, para onde mudamos quando eu tinha 4 anos e Nicolau, 2. Rua de terra, antes um brejão, contam os antigos do bairro. Terra chorona, onde à noite reinavam sapos e rãs, e de um preguiçoso esgaravatar da terra brotava logo um olho d'água. Rua escondidinha, que ninguém conhecia de nome. Era a rua da chácara, ou a do clube de bocha.

Na chácara vivia uma família grande de alagoanos alegres e festeiros. As festas aconteciam por ocasião das colheitas de milho, mandioca, e da animada tradição de fazer bolo de mandioca puba, após o ritual de morte e putrefação da massa. Minha mãe adorava contar esse detalhe enquanto se deliciava com a iguaria, rindo diante da cara de nojo do meu pai.

Ao lado, moravam dona Isaura e seu Zé, dois portugueses recém-chegados d'Trás dos Montes, com seus filhos Nelsinho e Priscila, com quem meu irmão e eu brincávamos. As festas na casa deles eram memoráveis, com muita dança e comida – nunca faltava tremoço, tubaína e música do Roberto Leal. Meu pai dizia que, se tocasse a marcha fúnebre, todos dançariam o vira. Às vezes, vinha o convite pra um coelho assado, ocasião em que eu passava longe da casa dos meus amigos. Já meu irmão não perdia a oportunidade.

Desse convívio com os vizinhos, um dos momentos que mais me marcaram foi uma viagem à casa da Marlene, uma das filhas da família que morava na chácara. Ela havia trabalhado em casa, ajudando minha mãe nas tarefas domésticas, e depois de casada foi morar em Cotia. Nesta breve viagem conheci minha primeira cachoeira, em que pude pular pedregulhos, ouvir-lhe o

canto fresco arredondando a paisagem dourada de sol e poeira, me refrescar em suas águas brincalhonas e geladas, motivo de gritaria e algazarra.

Muitas cachoeiras passaram por mim desde então, mas é como se todas fossem manifestações da primeira, revisitada sempre, sempre cantando, dançando e brincando com seus pedregulhos que lhe coroam o leito, arredondando as arestas do dia, me preenchendo de silêncio com sua melodia. Na dança de suas mil lágrimas se torna habitável meu deserto. Moldo-me de sua fluidez, sonho de suavidade que não se basta em contemplação, experiencia um desejo de mergulho, dissolução, renascimento.

A primeira cachoeira.

Ah, este desejo de te ter tão perto
Ah, esta carícia que a mão prolonga
e não alcança

Assim como o rio
o amor imagina as suas margens
Eu imagino as tuas águas

(Neide Archanzo, in: *Todas as horas e antes*)

O quintal ao fundo da casa da avó Maria era canto de Ossanha. Lá aprendi que no chão, após o trabalho de braços, debaixo do sabão coagulado ao sol, é que a roupa reencontra sua alvura. Lá brincávamos eu, meu irmão de pai e mãe, Nicolau, e meu irmão de avó, Alê, neto da avó Maria. Com ele as brincadeiras duraram pouco: mais velho, logo trocou o quintal pelas ruas, pelos bailes. E quando chegava ouvindo Michael Jackson, eu corria até o quarto dele pra ver seu show de *break*. Gostava de modelar o cabelo com pente em forma de garfo, eu dizia “que legal!”, e ele “o seu é que é legal, tão lisinho, nunca fica bagunçado”.

Foi no quintal da avó, no canteiro das ervas santas – manjerição, benjoim, alfavema, alecrim, arruda, espada-de-são-jorge –, que recebi as primeiras lições da alquimia dos cheiros. Eles me acompanhavam nas brincadeiras silenciosas, minhas preferidas. Boa parte da minha infância tem o cheiro desse lugar. Onde tantas vezes passava a tarde, até que o sol se deitava e vinham me chamar pra fugir do sereno, “menina, não fica aí, ainda mais descalça, que faz mal. Quando ficar mocinha você vai ver”, dizia a avó, na sua doçura exalando “chafé” e quentura de abrigo, armistício.

Então me restava a sala e o quarto semi-iluminado das velas coloridas onde se canta-rezava, a avó benzia as crianças e minha mãe

recebia o caboclo Pedra do Rio. Quando eu era pequena, muita gente entrava e saía daquele quarto. E tinha momentos em que criança não podia ficar lá, nessas horas o som escapulia pelas frestas da porta e iam me arrepiar lá na sala. Me acompanhava esse susto até a minha casa, quando sozinha subia as escadas pro meu quarto. O medo só ia embora ao acender a luz, o coração aos saltos.

O tempo foi passando, as pessoas que entravam naquele quarto, rareando, a tristeza da minha mãe, aumentando em silêncio e ondas de tempestade. avó Maria voltou a ser menina, e eu, de menina a mulher. Às vezes ela não se lembrava de ninguém, nem do filho, Carlos Eduardo, de quem perguntava “é nosso hóspede?”. Até que se foi, breve e lépida, deixando seu corpo magro e o algodãozinho dos cabelos, e em mim a saudade do abrigo dos seus braços, das suas histórias, do consolo e dos conselhos. “Menina, com você é tudo 8 ou 80... Não pode ser assim.” Doce, sábia avó Maria.

Minha mãe. Lembro-me de ouvir muitas vezes que sua missão, designada pelos guias, era aproximar as linhas religiosas da África e do Oriente. Era preciso buscar um caminho em que todas floressem. Minha mãe lia Bastide, Rohden, Kardec, budismo tibetano, zen... Procurava interlocutores pelo caminho. Penso agora que sua doença pode ter nascido da tristeza de ver aquele quarto cada vez mais vazio.

Emergem de águas esquecidas as férias passadas na casa da bachan e do dichan, meus avós maternos. Eles moravam em Pompeia, cidadezinha próxima a Marília, no Oeste paulista. Sinto o cheiro do anko, doce de feijão, cozinhando no tacho da bachan, para depois recheiar os

manjus servidos no café da tarde (alguns eram cuidadosamente surripiados antes, ainda quentes e exalando um odor ardido de amoníaco, e eu não entendia: como podia feder tanto e ser gostoso?). Em um lugar recôndito em mim ainda vive o tanque de carpas, onde também reinava um casal de tartarugas, que o dichan cuidava com a mesma minúcia com que decorava seus doces. Ele fora um doceiro de mão cheia, teve até uma pequena fábrica familiar. Dichan, figura controversa na família, amava o Brasil, a língua, o clima, a terra, a pinga, a comida, as pessoas – tanto que seu maior orgulho foi ter cantado o Hino Nacional ao ser naturalizado brasileiro. No entanto, em 1945, pouco tempo depois que o Japão havia se rendido na Segunda Guerra (minha mãe tinha alguns meses de nascida), ele foi preso como suspeito de pertencer ao “Shindo-Remei”, grupo formado por japoneses que não aceitavam a derrota de sua nação na 2ª Guerra Mundial. Simpático, fanfarrão, mulhereiro e bebedor (diziam as más línguas), Shigeo Hanada, na segunda metade da vida, após ter formado os sete filhos, se tornou monge zen. Mas não abandonou o gosto pela “marvada”. Lembro agora uma pequena homenagem que lhe escrevi no ano de 2008, por ocasião dos 100 anos da imigração japonesa no Brasil.

Centenário

Meu avô de Hiroshima veio pra Pompeia lavar café e fazer de feijão anko, manju, 7 filhos, 16 netos.

Meu avô monge zen bebia saquê não, cachaça, pinga em São Paulo, biritinha para os íntimos e gostava de carne-seca e amendoim bem torrado. No Japão sonhava ser antropólogo. Do Brasil que o fez doceiro dizia: melhor país do mundo. E sentia a brisa de café que amorna o ar e o hálito da manhã. (Tamara Castro)

E como esquecer as festas de final de ano na casa do tio Milton e da tia Cecília? Toda a família se reunia, a maioria vinda da capital, os primos se divertiam com concursos de pingue-pongue e apostavam quem tomaria

refrigerante mais rápido. À noite, aconteciam as tão esperadas guerras de travesseiro no quarto das crianças, às ocultas dos adultos. Eu ainda me lembro da ema no quintal, roubando os morangos que eu transportava da cozinha para os fundos da casa, onde acontecia a comilança. Morria de rir da esperteza e, sem sucesso, corria atrás da pernalonga. O tio Milton sempre foi meu tio mais engraçado, contando piada suja, falando palavrão, correndo atrás dos sobrinhos com um cocô de cerâmica que enfeitava a mesa da sala de jantar: a gente fugia gritando, mesmo careca de saber que não era de verdade, e ele atrás de gente: “Volta aqui, cambada de FPD!!!” As pessoas que não eram da família comentavam em meio a um riso desconcertado: “Nem parece japonês!”.

Meu primeiro desacerto com as asperezas do mundo: o ano em que escolhi pelo calo: aos 4 anos, emudeci na escola maternal. Foi minha resposta birrenta à professora que substituiu a tia Geni e logo no primeiro dia me gritou um áspero “cala a boca”. Pronto, calo, pra sempre – decisão dramática. Tornei-me muda.

Descobria minha forte fraqueza pelas sombras, vagando sozinha pelo parque infinito na tarde emudecida. A escola e seus “exercícios de coordenação motora” se arrastavam ao ritmo de um relógio sem corda.

Lembro com nitidez a minha resolução vingativa e dos meus passos silenciosos se afastando das brincadeiras e dos amigos. Me orgulhava de “punir” a professora “má”, que gritava, que não era a tia Geni. Indignada de ser a única a quem aquele primeiro grito ofendera, eu nem cogitava em contar meu segredo a alguém.

Algum tempo depois, a professora chamou minha mãe para falar do meu “problema fonoaudiológico”. Minha mãe se espantou: “Mas em casa ela fala que nem matraca!” E eu, com meus botões, pensava: *“Ela nem lembra que me mandou calar a boca?!”* Guardei comigo minhas razões, só as contei depois de adulta. Era meu segredo de um inverno precoce.

Meus pais, preocupados, me mudaram de escola. Entrei em uma escolinha cuja lembrança calorosa me remete a seu nome, homenagem ao lindo flamboiã que incendiava a grama do jardim. Sobre ela se espalhavam brinquedos – balanços, gira-gira, escorregador – e uma casinha de madeira onde vivíamos momentos felizes, não isentos de algum mistério quando o vento soprava entre as frestas da janela.

O doloroso exercício de repetir mil vezes o número 8 à perfeição, sob pena de ouvir os gritos de “Não é assim! Está errado!”, era uma lembrança cinzenta, sobreposta pelas brincadeiras coloridas com guache, massinha, canções, roda, permeadas por longos momentos de silêncio e sussurros do vento entre as folhas das altas árvores, ou de escavações por cristais no tanque de areia.

Ao redor do parque, a teia alambrada deixava passar os sons da rua, dos poucos carros que por lá circulavam, dos transeuntes. O grande dia da semana era a sexta, quando tinha feira na avenida em frente ao parque. Nesse dia, outros bordões, cheiros e cores imprimiam um ritmo diferente às brincadeiras. Como no dia em que um siri (ou caranguejo?) escapou do cativeiro e veio pedir abrigo se pendurando no arame da cerca. Foi uma grita sonora, a criançada se amontoando para ver aquele exilado fugindo da panela, talvez com esperanças de rever no tanque de areia sua terra natal.

Papai Noel visita nossa casinha de brinquedo na Flamboyant.

Muitos anos depois, já adulta, quis rever o local onde vivi tantos bons momentos de brincadeiras e devaneio. Na imaginação, quase palpável de tão viva, se delineava o alambrado florido de hibiscos rosas e vermelhos, a grama atapetando as brincadeiras, a pequena casa ao fundo e, arvorecendo flamejante, a rainha do bosque. Mas, em vez desse cenário, deparei com um prédio branco e asséptico cercado de muros lisos e intransponíveis. Da minha Flamboyant não sobrou nem o nome. Lembro-me disso e o coração aperta, a mente se turva, o choque se renova. Como algo tão presente em mim não encontra par na realidade que me cerca? Sempre me surpreendo quando a vida me mostra, incansavelmente, que

seus caminhos não são circulares. Os passos seguem, cobrindo de poeira as ruínas de cenas passadas. Será? – me pergunta de soslaio o Zaratustra de Nietzsche: “‘Tudo o que é reto mente’, murmurou com desdém o anão. ‘Toda verdade é sinuosa; o próprio tempo é um círculo’” (Friedrich Nietzsche, *Assim falou Zaratustra*).

Recordo Walter Benjamin e seu nostálgico devaneio sobre o *Ângelus Novus*, de Paul Klee:

Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (Benjamin, *Teses sobre o conceito de história*.)

Essa passagem me impressionou desde a primeira vez que a li, mas só agora percebo o quanto revela da minha relação com a vida. Talvez seja uma chave para compreender o que sinto como uma recusa ao mundo, à vida que se nega a *flashbacks* ou *slow motion*.

Que dor desses calendários
Sumidiços, fatos, datas
O tempo envolto em visgo
Minha cara buscando
Teu rosto reversivo.

(Hilda Hilst, “II”. In: *Cantares*.)

Paul Klee, *Angelus Novus*, 1920.
Desenho a nanquim, giz pastel e aquarela sobre papel.

Aos 7 anos, fechando o ciclo da educação infantil naquela bucólica escolinha, meus pais me mudaram para uma escola primária, também do bairro, cuja denominação nunca me disse nada: Nova Pedrita. Era um prédio pequeno cercado de um pátio cimentado, que escondia a nudez da terra e qualquer vestígio de verde. Também não havia brinquedos. Éramos grandes agora... Apesar dessa assepsia e da saudade de Flamboyant, minha 1ª série foi feliz. A professora, “tia” Natalina, era uma alfabetizadora de mão cheia, daquelas que amam o que fazem: alegre e enérgica, ela nos apresentou as vogais como personagens – os coelhinhos A, E, I, O e U. Todo dia, entre outras atividades, ela nos contava aventuras desses personagens que passaram a povoar nossa imaginação. O momento da história era esperado ansiosamente. Um dia, tia Natalina entrou na sala com semblante preocupado e nos informou, pesarosa, que os coelhinhos haviam se perdido na cidade. Ficamos desolados. Mas logo ela nos incumbiu de uma importante missão: resgatar os pobrezinhos. Disse que devíamos pedir aos pais livros, revistas, jornais e procurá-los lá. Desanimei: além de não ter história nesse dia, não me empolguei muito com essa missão. Para mim, os coelhinhos faziam parte de outro universo, o das histórias contadas, de boca, ou melhor, da boca da tia Natalina. O que eles estariam fazendo em livros, revistas, jornais? Mas qual não foi a surpresa quando, ao chegar em casa e tomar um jornal nas mãos, dei de cara com um, dois, três, quatro, cinco coelhinhos! Não cabia em mim, corri para mostrar à minha mãe: tinha achado os coelhinhos perdidos e, melhor, poderia encontrá-los todas as vezes que quisesse! No dia seguinte, a turma estava em polvorosa: as crianças pulando que nem pipoca, com seus jornais, revistas, livros, transbordando sua grande descoberta às outras. Foi assim que aprendemos a ler.

A matemática veio depois. A tia Natalina fazia suspense: ia anunciando, dia após dia, que nos ensinaria um jogo muito legal, chamado tabuada. A ansiedade crescia: que jogo seria aquele? Quando íamos jogar finalmente? Eu imaginava alguma coisa cheia de aventuras, viagens... Mas a revelação da tão esperada tabuada pra mim foi um balde d’água fria. Não só decepcionante como torturante. As aulas de matemática, ou melhor, de decorar e fazer chamada oral logo se tornaram minhas arquiinimigas, apesar de toda a animação e boa vontade da tia Natalina em tornar esses momentos mais interessantes. Ai que saudade do tempo em que eram apenas os coelhinhos...

E mais saudade ainda quando passamos para a 2ª série e deixamos o regaço da tia Natalina. Avesse completo dela, a professora do ano seguinte era azeda, rabugenta, desanimada e desanimadora. Eu achava que ela gostava de repreender, não de ensinar. Essa percepção logo me despertou a menina turrone que prefere ficar de canto a participar da turba. Sempre calada, gostava de andar sozinha pelo pátio cinzento. Não gostava de andar com as meninas (“muito frescas, só falam dos Menudos”), preferia alguns meninos, os mais quietos, a quem defendia de um certo valentão, que aliás era o queridinho das meninas. Me orgulhava de ser a Mônica da turma.

Eu me lembro de um episódio vergonhoso para uma menina de 8 anos. Numa briga, alguns meninos subiram no alambrado e pularam para a rua, e eu saí gritando, “os muleque fugiu!”. Isso me rendeu uma bronca da professora: “Não fala *muleque*, é *meninos*”. Meu vocabulário era fiel aos meus amigos de rua, não gostava da linguagem que devia usar na escola, preferia falar “nóis vai” em vez de “nós vamos”. Caso contrário, me sentia

traindo a vida livre da minha rua, as festas da vizinhança, as brincadeiras sem monitoramento que me permitiam longos silêncios e mergulhos de mãos, nariz, olhos, ouvidos, na cama amarela de uma flor do mato, no verde azulado dos besouros, tesouros que meu irmão guardava dentro de vidrinho vazio de remédio homeopático, ou nos cristais de vidro achados na areia que, entre luz e sombra, me deixavam vislumbrar segredos de névoa e maravilha.

Esses momentos iam sendo substituídos mais e mais por lições de aula e de casa. E se meu mundo se empobrecia da vida invisível que buscava tanto, preenchido por momentos claros e vazios de silêncio que espantavam meus brincantes fantasmas, se preenchia da descoberta de outro mundo, aparentemente menos acidentado, mas onde percebia potencial mergulho: os livros. Como o grande livro de capa dura, presente do querido e silencioso tio Shiro, com o conto de Hansen e Gretel, trazendo impressionantes ilustrações da casa de doces e da volta das crianças a bordo de um lindo cisne. Preferia os que me envolviam em viagens a lugares longínquos e misteriosos, contos de fada, grandes aventuras: *Sítio do picapau amarelo*, *Os segredos de Taquarapoca*, *A montanha encantada*... Lembro também a primeira poesia que li, em um livro didático: “A fada das crianças”, de Fernando Pessoa. Mesmo sem conhecer o significado exato, me encantei com uma palavra do primeiro verso: “longínquo”... Imaginava que deveria ser algo muito, muito longe, perdido nas névoas do horizonte, talvez lá pra onde vão as pipas quando o vento as arrebatava de nossas mãos. Ainda hoje, quando ouço ou leio essa palavra, um sopro me transporta àquela manhã enevoada.

Do seu longínquo reino cor-de-rosa,
Voando pela noite silenciosa,
A fada das crianças, vem, luzindo.
Papoulas a coroam, e, cobrindo
Seu corpo todo, a tornam misteriosa.

À criança que dorme chega leve,
E, pondo-lhe na fronte a mão de neve,
Os seus cabelos de ouro acarícia —
E sonhos lindos, como ninguém teve,
A sentir a criança principia.

E todos os brinquedos se transformam
Em coisas vivas, e um cortejo formam:
Cavalos e soldados e bonecas,
Ursos e pretos, que vêm, vão e tornam,
E palhaços que tocam em rabecas...

E há figuras pequenas e engraçadas
Que brincam e dão saltos e passadas...
Mas vem o dia, e, leve e graciosa,
Pé ante pé, volta a melhor das fadas
Ao seu longínquo reino cor-de-rosa.

(Fernando Pessoa, “A fada das crianças”)

O gosto pela escrita foi despertando aos poucos, alimentado pela fama de “escritora” que meu pai e algumas professoras foram construindo para mim. E eu fui acreditando, orgulhosa de ser “boa” em alguma coisa, já que em matemática era uma “negação”, como dizia minha mãe. Que sofrimento era estudar tabuada e resolver “contas”! Qualquer coisa era mais interessante: brincar com a cachorrada, atormentar os gatos, brigar com o Nicolau, lavar a louça e conversar com a tia Fia (a moça que trabalhava em casa na época). Ou fazer nada, contemplando pela janela

uma nuvem, uma abelha, alguém voltando para casa num passo lento, no ritmo da “vida besta” da minha ruazinha sem saída... Quando não havia como adiar o suplício, lá ia eu, condenada a me sentar, por horas, na cadeira de vime, diante da mesa redonda na sala de jantar... Era incontável: nas operações de adição e subtração, os algarismos ganhavam vida e personalidade, se relacionavam, se casavam, brigavam... O 1 era esbelto e “metido”, sempre querendo chegar antes de todo mundo. O 2, claro, patinho na lagoa – mas eu achava mais parecido com um cisne, como o do meu livro de Hansen e Gretel. O 3 era irmão gêmeo do 8 e primo do 8... O 5 era um folgado, sempre empurrando com a barriga os problemas, resolvidos à perfeição pela inspirada 9. Eu achava que 9 era uma moça muito bonita e esperta, como as fadas dos contos. Assim, eu ia combinando os números conforme imaginava que devia ser a vida deles, suas preferências, seus humores e amores. O problema era que os meus resultados nunca batiam com os que diziam ser corretos. Eu só não entendia por quê.

Demorou um bocado para eu assimilar o que era, afinal, essa tal de matemática. Já a lógica das palavras era tão clara, tão deliciosamente simples... Minha mãe dizia que português não tem lógica, é só “decoreba”. Mas eu me sentia à vontade entre as palavras, suas imagens, seus sons. Acho que foi no 3º ano que eu me aventurei a escrever minha primeira redação, uma poesia, toda rimadinha, que falava de um palhaço. Fiquei feliz da vida ao descobrir que podia fazer como nos livros: combinar as palavras (ao contrário dos números, que são sisudos e não conversam com qualquer um na hora que a gente bem entende). Da redação, só lembro que rimava “alegria” com “estripulia” e que, ao ler minha quadrinha (acho que era uma quadrinha) em voz alta para a classe, a professora fez a maior

festa, aplaudindo o uso de uma palavra tão difícil, “estripulia”... Creio que aí nasceu minha fama de “escritora”. Quando ia visitar meu pai no trabalho, seus colegas vinham me festejar dizendo: “ah, você é a futura Rachel de Queirós? Seu pai sempre mostra pra gente as coisas que você escreve!” Eu ficava toda vermelha, sem saber o que dizer. Nunca tinha lido nada “dessa tal de Rachel de Queirós”, será que eu queria ser ela?

Um dia, numa aula de redação, acho que na 8ª série (na época ginásial), me veio um texto que me parecia sussurrado pra mim. Ele vinha pronto e eu, entre espanto e encanto, escrevia. Não sei bem como aconteceu, só sei que o texto era assim:

Contra
Era uma vez
o bicho-homem.

Diferente tão
da onça, da palmeira
do mar
e da estrela.

Diferente tão
da terra,
da chuva
do pó.

Diferente e tão igual,
o bicho-homem é tudo,
é nada,
é sim.
E é não.

Eu não entendo, não, senhor.

Nós, a gente, o bicho-homem
passam e passaram e passarão

por milhares de pontes,
de caminhos mil.
E nunca saberão a trilha de volta, nunca saberão
qual é o caminho.

Talvez sim,
é,
talvez saibam,
eu também não sei,
que o caminho primeiro
é o estreitinho e tortuoso.

O bicho-homem é o único
que mata sem fome,
que mata com papel e caneta.
É o bicho sem igual.

É o bicho-homem
capaz de amar sem barreiras,
de sacrifícios imensos,
de morrer por amor,
de matar por amor,
de grandiosos pequenos atos
de todo dia.

É a gente, o bicho-homem,
dos prós e contras,
dos contrastes,
da fome e da sapiência,
do amor, do Horror.

É o que diz sem saber
que faz por querer
e que pede perdão.

Oh, bicho-homem,
impetuoso,
horrendo pedaço de tudo que é dor
maravilhoso prisma de flor.

É a gente,
é nós,
ela, você
a insustentável incerteza de ser.

E eu, que nem entendo
não, senhor.

(Tamara Castro)

Esse texto me deixou confusa, satisfeita por ter gerado um poema assim, mas a prontidão com que veio me dava a sensação de que não havia sido eu quem escrevera. Quem foi então? Cheguei a dizer isso à minha mãe, que apenas sorriu e elogiou o texto, o que me surpreendeu. Era duro arrancar um elogio da dona Lídia... Essa vivência me animou a continuar escrevendo, mas nunca mais havia sentido essa sensação de “receber” uma dádiva em forma de poesia. Até hoje.

Eu fui me acomodando à imagem da boa aluna. Em compensação, me encorujava nas relações sociais. Em casa, meus grandes companheiros eram os cães e gatos (sempre tivemos muitos) e, cada vez mais, os livros. Perder-me em suas palavras se tornou minha grande aventura. Inventava momentos furtivos para me entregar a ela. Adorava ler enquanto tomava banho, quando ninguém me perguntava o que é que eu estava fazendo. Com a pele embevecida dos murmúrios líquidos, a imaginação se embebia de histórias. Quem sofreu com esse hábito foi minha companheira favorita nessas horas, a coleção do Sítio do picapau amarelo. Eu achava que, assim como as histórias, os livros eram indestrutíveis...

Avó Maria.

Mas os livros saciavam em parte minha sede de estórias. Houve pessoas que me alimentavam desse imaginário, ao longo da minha infância. Minha avó Maria era uma delas. Ela era espírita, benzedeira, e sempre me contava que, em outra vida, havia sido uma sinhazinha linda e

cruel. Também me contava histórias de sua mãe e de sua infância em Minas. Eu adorava quando ela lembrava o dia em que conheceu minha mãe e eu, bebezinha, chorando que “nem uma bezerra desmamada” na praça perto de onde morávamos, em Pinheiros. Desde então, nossas famílias se aproximaram cada vez mais. Mas o laço, que parecia tão firme, desatou com a morte das duas mulheres fortes: primeiro, minha avó, e, anos depois, minha mãe.

Outra mulher que marcou meu imaginário, com causos fantásticos, cheios de uma graça simples, foi a Eliane, a moça que veio trabalhar em casa quando a tia Fia foi ter bebê. Ela havia chegado recentemente do Cacimbão, uma aldeota nos confins de Pernambuco. Eu nem fazia ideia de sua localização geográfica, para mim era um lugar imaginário, como os das estórias da tia Nastácia. Eliane contava: em sua terra diziam que as calçadas de São Paulo eram feitas de ouro e cravejadas de diamantes. “Ôxe, menina, falavam se andasse descalço a gente dava topada nos brilhantes!” Eu adorava ouvir sua conversa naquele sotaque gostoso e me punha a imaginar que legal seria viver num Eldorado... Ficava atrás da Eliane, pra cima e pra baixo, pedindo que contasse mais algum causo. Um dos meus preferidos era o do saci: um tio dela estava “obrando” no meio do mato e, de repente, viu “de rabo de olho”, o capim seco se mexendo: era o saci fugindo depois de algum “mal feito”. “De verdade, Eliane? Ele viu mesmo? Mas como era o saci? Ele tinha uma perna só? E capuz?”, eu azucrinava a coitada. E ela, querendo se livrar da minha aporrinhação: “Ôxe, não sei, menina da gota serena! Foi meu tio que viu, não eu!”.

Na adolescência descobri, na estante de casa, os livros do Steinbeck (seus adoráveis vagabundos, as viagens com Charlie a bordo de

um trailer por sua pátria que tanto me fizeram sonhar com uma vida verdadeira e livre), Jorge Amado (o velho Vasco Moscoso de Aragão e suas deliciosas histórias de marinheiro) – autores preferidos do meu pai –, e os das irmãs Brönte, Hermann Hesse – favoritos da minha mãe. Como amei *Narciso e Goldmund*! Devaneava, sonhando com um mítico futuro. Quem seria eu: o circunspecto, estudioso e sereno Narciso, ou o aventureiro errante e atormentado Goldmund? Gostava de fantasiar que teria uma vida cheia de peripécias como a do último. Mas viver no claustro, como o futuro monge Narciso, também poderia ser interessante, pensava... Amava livros de viagem, desde as aventuras da Emília e companhia à Grécia antiga... Queria ser caminhoneira, ou andarilha (cientista maluca nas horas vagas), e devorava as aventuras literárias que me faziam sentir o vento batendo no rosto.

A entrada na poesia veio mais tarde, por caminhos oblíquos, na adolescência, pela prosa poética de Lygia Fagundes Telles. Depois, mergulhei em Clarice Lispector, que me foi apresentada pela Cris, prima-amiga querida, com quem trocava longas cartas. Por cerca de três anos, dos 15 aos 18, essa correspondência foi meu espaço de liberdade, onde me sentia ouvida e valorizada. Falávamos de nossos medos, descobertas, inseguranças, revoltas, que relacionávamos à leitura de nossos autores preferidos. Cheias de ingenuidade e insolência, íamos bordando suas palavras às nossas vivências, àquilo que não sabíamos bem como nomear. Naquela feliz inconsequência, fazíamos Clarice Lispector se enamorar do Legião Urbana, Fernando Pessoa conversar com Chico Buarque, Simone de Beauvoir trocar figurinha com Caio Fernando Abreu. E tudo bem, nem nos passava pela cabeça que talvez aquela apropriação não fosse “autorizada”

pela teoria ou crítica literária. O que era isso? Nem fazíamos ideia. A alegria de sermos ouvidas com atenção amorosa era o que importava.

Talvez a minha vocação não seja esta
ou seja esta por ter perdido o espaço que nunca tive
Era algo selvagem algo violentamente vivo
o espaço na sua integridade deslumbrante
o mar na sua plenitude de felina substância
as ilhas de ouro verde as ilhas solares
as grandes pradarias com os seus cavalos vagarosos e tranquilos
a liberdade de ser o fogo com as suas veias indolentes
Sim eu perdi todo esse espaço que nunca tive
e se escrevo é para inventar um espaço a partir desta perda
na ficção de respirar o que há de mais selvagem e mais nu
como se estivesse entre escarpas verdes inundado pela espuma
ou como se estivesse no esplendor do deserto à hora do meio-dia
Mas o que faço não é mais do que um trabalho de insecto
que perfura a cal e as páginas dos livros
para traçar a sua caligrafia insignificante
na nulidade de uma matéria árida e anônima

(Antônio Ramos Rosa. “Deambulações oblíquas”)

A Cris morava em São José dos Campos, pra onde eu ia em algumas férias de inverno e, no verão, em geral íamos para Caraguá, onde seus pais tinham uma casa. Assim acabei convivendo bastante com amigos dela, de quem me sentia mais próxima do que de meus colegas de escola. Uma época a turma dela estava fazendo teatro e eu resolvi escrever uma peça para eles. Ousadia adolescente, eu nunca tinha assistido a uma peça na vida, a não ser pela TV! Mas estava animada, me sentindo autora, e, nas falas dos personagens, misturei textos de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Chico Buarque, Fernando Pessoa, Saint-Exupéry, Shakespeare, Vinícius de Moraes, Alfred Tennyson, Emerson, Walt

Whitman (estes últimos, conheci pelo filme *Sociedade dos poetas mortos*, que vi umas cinco mil vezes...). Dei o título “Na noite escura” ao texto, que tinha como epígrafe versos inspirados no poema de Mário de Andrade: “Há uma gota de sangue e / um facho de luz / em cada poema”. Não me lembro de onde veio o verso do meio. Será que inventei? Mas lembro que, levando a sério a brincadeira, passei tardes e noites mergulhada entre livros e caderno. Como dedicatória, escrevi: “Graças ao Mar, à Noite e aos seus navegantes”. Por fim, datilografei e enviei o texto para minha prima. Depois ela me contou que eles encenaram a peça. Fiquei só imaginando como teria sido...

Nessa época, começava a substituir o medo de parecer “Carrie, a estranha” por certo orgulho em me distinguir dos adolescentes que conhecia na escola. Pois é, gostava de ouvir Chico Buarque, Edu Lobo, Noel Rosa, João Gilberto, Vinícius de Moraes, Tom Jobim: “música de velho”, e daí? Cultivava uma nostalgia do que não vivi. Passei a idealizar as décadas de 1950 e 60. Sonhava ter vivido a época da Bossa Nova e até os anos de chumbo, ter participado dos movimentos estudantis, como meus pais. Eles foram estudantes de Ciências Sociais na época do conflito entre Maria Antônia e Mackenzie. Meu pai havia sido filiado ao Partido Comunista e minha mãe trabalhara no grêmio estudantil da faculdade. Eles sempre contavam das invasões, perseguições, passeatas, dos amigos que desapareceram, do medo que pairava sobre sua geração. Eu invejava o engajamento, o idealismo daqueles jovens, e me isolava dos meus colegas. Preferia viver no mundo das músicas e dos livros, me poupando de uma vida e de um pensamento que considerava medíocres. À margem.

Por que sempre fugi de mim? Porque sempre fujo de mim. Numa abundância de deserto, ardência estéril, aragem de terras prometidas e palavras ouvidas em canção. Desconfiança dos próprios passos, seguindo às cegas, pulando janelas pra fugir das gentes, em busca de amazônias em morros pelados, pintalgados de mamonas. Fugindo mas com o fio dos olhos voltados pra trás. E acabei me rendendo à multidão, sorriso social e doce. Mas nunca realmente íntegra, nunca entregue. Como pássaros recém-libertos, as palavras saem em atropelo de asas que perderam a graça no cativeiro. Em que a terra pode me achar?

Nos baixios onde nos sentimos tão à vontade
Diretamente na argila original da carne
Eu me enterro...
No país ignorado, cuja ignorância é uma aurora
(Jean Wahl, *Poèmes*, apud Bachelard, 2003, p. 135.)

De quantos silêncios é feita minha lembrança? De quanto vazio se preenchem meus dias pretéritos? Meus e de meus pais, avós, antepassados. Busco escavar essas memórias, feitas de breu onde ecoa minha só voz.

na ruína das horas
uma ronda de palavras
embrenha nervuras negras
murmúrio lamacento que serpenteia
na superfície verde das folhas
alumiada à sombra
de pestanas castanhas

castanholas percutem no pulso
herança paterna
será o eco de uma voz

submersa toda a vida?

minha avó de Granada
grão encalacrado no oco
deste baú de nadas
cujo fundo é um espelho em cacos

Parcas fiando as rugas que
em mim tecem
raízes abissais e seus lentos habitantes
(Tamara Castro)

A solidão desértica cheia de arestas fustiga meus olhos vazios. Sentia como silêncio incômodo, ardido, minha presença na vida. Uma incompletude que nada respondia. As muitas palavras e gestos me enrodilhavam as pernas, me impedindo o andar comum. Como uma desterrada, em meio a estranha língua, num lugar onde a ninguém e nada eu fazia sentido, como peça perdida em caixa de quebra-cabeça alheia.

Crescimento: sonhos, escolhas, imposições, resignações, angústias. Meu primeiro sonho se desenhando em torno da pergunta “O que você quer ser quando crescer?”: arqueóloga. Que incríveis descobertas que esse ofício me traria! O desejo de aventuras, grandes viagens ao passado, algo que sempre me atraiu (desde as viagens da turma do sítio do Picapau à Grécia mítica...), vida em contato com a natureza, um horizonte generoso à minha volta, somado ao meu interesse por história, principalmente antiga (os maias, astecas, egípcios – tão pouco estudados na escola), tornava a opção perfeita aos meus olhos de menina de 15 anos, recém-ingressa no “colegial”.

No 2º ano precisava escolher qual área seguir até o fim do ciclo: exatas, biológicas, humanas. A primeira já estava totalmente descartada – nem podia imaginar ter mais de seis aulas de matemática por semana, além de física e química, com suas fórmulas cada vez mais compridas e os caminhos que levavam a elas, incompreensíveis. Decora e pronto, pra que pensar? O coração, cheio de sonhos alimentados pelos livros, já havia escolhido: humanas, sem dúvida.

Cem dúvidas. Acabei por seguir a área de biológicas, vacilante entre ser agrônoma, veterinária, jornalista, historiadora, antropóloga, psicóloga, pedagoga... No final do 3º ano, louca para me dedicar ao que mais gostava, ler, declarei: Como é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que faço Direito.

E como recompensa, sorrisos da nação, liberdade condicional para ler e ignorar matemática, física, química. Pra que estudar isso? Eu vou fazer Direito! Despontava em mim um nariz em pé nunca antes visto. Adolescência, inédita aquiescência da família, aragem de uma tão esperada liberdade e um vestibular pela frente. Me sentia segura com essa decisão fácil. Era agradável me perceber subitamente popular. Aplausos pela grande escolha, caminho seguro e largo à frente, uma beca e quem sabe um martelo na mão após cinco duros anos de estudos. Devia ser essa a imagem do meu futuro para a família.

Mas a minha estava bem longe disso, feliz, mergulhada em névoas densas, leitura e escrita sem rumo. Gostava de me sentar no batente da janela do meu quarto, à noite, recitando em voz baixa poemas de Fernando Pessoa. Até hoje sei de cor este início:

Vem, Noite antiquíssima e idêntica,
Noite Rainha nascida destronada,
Noite igual por dentro ao silêncio. Noite
Com as estrelas lantejoulas rápidas
No teu vestido franjado de Infinito.

Vem, vagamente,
Vem, levemente,
Vem sozinha, solene, com as mãos caídas
Ao teu lado, vem
E traz os montes longínquos para o pé das árvores próximas.
Funde num campo teu todos os campos que vejo,
Faze da montanha um bloco só do teu corpo,
Apaga-lhe todas as diferenças que de longe vejo.
(Álvaro de Campos/Fernando Pessoa, “Dois excertos de odes”)

Quanto à escrita, que ia e vinha ao sabor das minhas ondas, tive de aos poucos ajustar aos padrões da redação para o vestibular. Afinal precisava garantir que a boa brisa continuasse me guiando. Um dos aspectos da minha escrita que minha mãe sempre criticou era a prolixidade e a dificuldade em seguir uma linha de ideias clara. Ela me orientava a ter como referência o texto jornalístico. Na literatura, sempre dizia que eu deveria observar a forma enxuta, direta de Hemingway. As imagens, os adjetivos seriam, nesse parâmetro, acessórios que buscam ocultar um conteúdo vazio. Assim, fui incorporando a ideia de que deveria manter uma escrita límpida, desbastada de excessos, se quisesse passar no vestibular. E, nos meus cadernos cuidadosamente escondidos, rabiscava tentativas de poemas, entre letras de canções, trechos de livros que me emocionavam, poemas que lia e relia, relia, relia...

Quando ao curso para o qual acabei me inscrevendo no vestibular, não sabia o que me esperava. Tinha feito uma visita monitorada às

pomposas Arcadas do Largo São Francisco, assistido a palestras de estudantes e professores, e achado tudo muito chato. Mas todos diziam que no começo é assim mesmo, depois a gente se acostuma e começa a gostar. E eu tentava me animar, enfim, tantos escritores que admirava fizeram Direito (até a Lygia Fagundes Telles passou por lá!). Não devia ser tão ruim.

Ao fim daquele ano, 1992, prestei vestibular, junto com a Cris, prima-amiga e confidente. Ela, que prestava Editoração, na ECA, me perguntava: “Será que você vai gostar de Direito? Deve ser chato...” No início do ano seguinte, recebemos a notícia. Meu pai, que tinha ido até à USP ver a lista dos aprovados, voltou para casa com a cara desolada. Disse que a Cris passara, mas eu... Senti uma mistura de decepção e alívio, que logo foi atropelada pelo animado anúncio: “Tô brincando, você passou! Parabéns, filha!” O sentimento ambíguo deu lugar a um desanimado conformismo.

Fim de 1992. Fomos ao cinema, meu pai e eu, ver *A última tempestade*, cuja crítica no jornal me tinha apetecido. Estava terminando o 3º colegial e sentia no rosto uma brisa nova trazendo alento e medo. Não sei o que disse a meu pai, que quis me acompanhar. Será que eu disse algo? Também não me lembro o teor da nossa conversa após a sessão. Acho que eu não entendi bem o filme, mas me recordo de ter saído da sessão atordoada. Foi minha primeira aventura com o cinema contemporâneo, me sentia toda mergulhada em meu tempo. Era o que queria, o que sentia precisar para me acordar de um sono nevoento. Lembro vagamente que meu pai não gostou do filme. Muito fragmentado, alegórico... Mas o incrível para mim hoje é lembrar que ele foi comigo. Por quê? Como? Quem éramos nós naquele 1992?

Minha passagem pelas Arcadas pode ser resumida a: inadequação, desânimo, reação, conflito, conformismo. Nos primeiros dois anos, me esforçava por ler os textos indicados, prestar atenção às aulas. Afinal, sempre havia sido “boa aluna”. Era o mínimo que esperavam de mim. Mas não conseguia me envolver com os estudos e com a vida acadêmica. Logo de cara, percebi que, em geral, era mais bem avaliada quando repetia o discurso dos professores e usava o famoso “lero-lero”, parafraseando o texto dos códigos legislativos, do que quando procurava desenvolver alguma reflexão. E como, no fundo, minha preocupação era alimentar o orgulho de meus pais, me acomodei repetindo a artimanha *ad infinitum*...

A menina turrona que vagava só pelo pátio me deu a mão. Resolvemos, juntas e sós, que aquele mundo não merecia conhecer nosso maravilhoso mundo interior. Começamos a sabotar subterraneamente aquele dourado projeto de vida que nos impingiram. As aulas, as leituras, as conversas, tudo o que se referia àquele mundo feito de leis e normas nos repugnava. E nos refugiávamos em outras leituras, literárias, sempre. Mas vivíamos na biblioteca da faculdade, os olhos perambulando preguiçosos por aqueles livros que para nós só traziam palavras inexpressivas e ridículas. Não esqueço um trecho do venerado *Tratado de Direito Civil* de Washington de Barros e seu discurso de que era o homem o chefe da família, a mulher deveria se resignar ao papel de coadjuvante. Não entendia: como alguém podia ler aquilo com algum interesse? Colecionava essas pérolas como quem se arma para uma guerra, fria, cada vez mais convencida que havia feito a pior das escolhas. Mas como voltar atrás?

No 2º ano da faculdade, comecei a trabalhar como corretora de redação em um cursinho pré-vestibular, onde fiz amizade com estudantes de

outras áreas: História, Letras, Jornalismo, Geografia... Jovens que, como eu, gostavam de ler literatura, escrever poesia, ouvir MPB, cantar. Mas, diferente de mim, falavam animados de suas atividades universitárias, discutiam seus textos, que dialogavam com o que faziam no trabalho. Meu sentimento de que precisava mudar o rumo da minha vida gritava. Cogitei várias vezes em abandonar a faculdade, prestar outro vestibular, ou só trabalhar por um tempo até decidir o que queria fazer de verdade. O embate com a família era constante. Procurava outro lugar para morar quando minha mãe, que ia operar de um suposto mioma, descobriu um agressivo câncer no útero. Após muitas sessões de quimioterapia, enjoos, minha mãe irreconhecível, silenciosa numa cama, advieram a recuperação e a esperança.

Decidi ceder e continuar no caminho previsto. No fundo, temia jogar fora a chance de um futuro “líquido e certo”. No 3º ano da faculdade, junto com o trabalho no cursinho, comecei a estagiar na Secretaria Estadual do Meio Ambiente, na área de planejamento e legislação ambiental. Estagiei nesse departamento por dois anos, onde fiz amigos até hoje presentes na minha vida. Eu me esforçava em me convencer que tinha encontrado um espaço onde poderia respirar: Direito Ambiental. O irônico é que, sabendo do meu trabalho com redação no cursinho, a chefe do departamento me encarregou de revisar os projetos de lei elaborados pela equipe, formada por com pessoas com diferentes formações acadêmicas: psicólogos, arquitetos, geógrafos, biólogos, pedagogos, sociólogos... Novamente aflorava a inadequação ao curso em que me formava.

Em maio de 1997, minha mãe faleceu, após dois anos de luta contra o câncer, que lhe tomou o corpo. Logo depois pedi demissão do cursinho e fiquei só no estágio. Estava esgotada. Era o último ano do curso

e eu mal frequentava as aulas. Alguns amigos da faculdade, condescendentes, assinavam meu nome na lista de chamada e me colocavam nos grupos de trabalho que eu não fazia.

Assim me formei bacharel. Não tinha experiência nem o mínimo desejo em prestar concurso e fazer carreira na área, como meus pais tanto sonharam. A chefe do departamento onde estagiava conseguiu prorrogar meu contrato por seis meses, mas ao final tive de sair daquele lugar, onde me sentia em casa. E me vi com um diploma na mão, “no meio do redemunho”, a vista enevoadada de veredas. Continuava lendo muito, sim. Ao contrário das expectativas alheias, não lia tratados jurídicos: me mantinha fiel à literatura. Teimosa como uma mula, como dizia minha mãe... Mas o rio da escrita ia perdendo suas águas.

Foi no meio duma noite, indo para a madrugada, todos estavam dormindo. Mas cada um sentiu, de repente, no coração, o estalo do silenzinho que ele fez, a pontuda falta da toada, do barulhinho. Acordaram, se falaram. Até as crianças. Até os cachorros latiram. Aí, todos se levantaram, caçaram o quintal, saíram com luz, para espionar o que não havia. Foram pela porta da cozinha. Manuelzão adiante, os cachorros sempre latindo. – Ele perdeu o chio... Triste duma certeza: cada vez mais fundo, mais longe nos silêncios, ele tinha ido s’embora, o riachinho de todos. Chegado na beirada, Manuelzão entrou, ainda molhou os pés, no fresco lameal. Manuelzão, segurando a tocha de cera de carnaúba, o peito batendo com um estranhado diferente, ele se debruçou e esclareceu. Ainda viu o derradeiro fiapo d’água escorrer, estilar, cair degrau de altura de palco a derradeira gota, o bilbo. E o que a tocha na mão de Manuelzão mais alumiu: que todos tremiam mágoa nos olhos. Ainda esperaram ali, sem sensatez; por fim se avistou a estrela d’alva. O riacho soluço se estancara, sem resto e talvez para sempre. Secara-se a lagrimal, sua boquinha serrana. Era como se um menino sozinho tivesse morrido.

(Guimarães Rosa, “Uma estória de amor”)

Comecei a pensar na possibilidade de viajar ao Canadá para estudar inglês. Minha mãe tinha uma amiga fotógrafa, Ruth, que morava na Colúmbia Britânica, próximo a uma reserva florestal e uma reserva indígena. Ela sempre mandava fotos incríveis, protagonizadas por ursos, lobos, raposas em meio às coníferas geladas que circundavam a casa de Ruth. Uma de suas filhas era casada com um indígena local, e eu imaginava que me sentiria bem lá, em meio a mestiços como eu. Mas, enquanto pesquisava preços de viagem e curso, fui chamada para trabalhar em um escritório de advocacia e consultoria ambiental. O senso de dever, o desejo de segurança e o medo do desconhecido falaram mais alto que o sonho de aventuras. Fiquei em São Paulo.

Por quase dois anos, trabalhei neste escritório, fiz amigos com quem aprendi que podia errar. Errância, será que isso me cabe? Finalmente, em 1999, decidi tomar um rumo diferente: ao final deste ano, vou sair de São Paulo. Desejava muito morar perto do mar, sentir a brisa no rosto, andar a pé à beira da praia, ter mais tempo para ler. Vivia cantando com Bethania a versão musicada do poema “Brisa”, de Bandeira:

Vamos viver no Nordeste, Anarina
Vamos viver no Nordeste
Deixarei aqui, meus amigos, meus livros
Minhas riquezas, minha vergonha
Deixarás aqui, tua filha, tua avó, teu marido
Teu amante

Aqui, faz muito calor
No Nordeste faz calor também
Mas lá tem brisa
Vamos viver de brisa, Anarina

Andava cada vez mais enevoadada entre buzinas e um desejo de silêncio e vento que as dissipasse. Não sabia o que esperar, só vislumbrava um ponto luminoso à frente, o final do ano e minha mudança decidida. Um passo à beira do abismo, mas só o que eu queria era movimento. E vento no rosto, nos cabelos, me levando corpo e alma.

Finalmente me animei a prestar o exame da Ordem dos Advogados de São Paulo, pensando que assim seria mais fácil sobreviver em qualquer lugar. De posse do número dourado, mandava meu currículo para escritórios que atuavam na área ambiental no Nordeste. Em vão esperei respostas ao longo do ano. Em julho, a convite da Beth, uma amiga do grupo de canto de que participava, fui passar uns dias em sua casa numa vila de pescadores. O paraíso, segundo ela. Saco do Mamangá.

Era uma manhã fria e chuvosa. Saímos de São Paulo, Bia, Naná e eu, de carro. A previsão era chegar à tardinha. Rodas na estrada, eu no banco traseiro, o trio cantando Bossa Nova. Ríamos muito da Naná, cabeluda que num dia rebelde tosou as madeixas encaracoladas com máquina um. Que desapego maravilhoso!

Nem imaginava aonde chegaria. A estrada tranquila trazia uma paisagem de verde generoso. Já em Ubatuba, deparamos com uma cena bonita. Uma nuvem de urubus cobrindo a beira da estrada, disputando peixes abandonados na praia. A Naná, entusiasmada e artista que só ela, quis fotografar. Eu achava graça daquela falta de pressa, daquela entrega à vida, tão presente na menina doce e carequinha. Com a Bia, sua namorada e minha colega no grupo de canto, mais calada e de ironia certa, fazia uma dupla divertida.

Antes de chegar à cidade de Paraty (que eu não conhecia), entramos à esquerda. Estradinha de terra. *“Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas”*, avisa Manoel de Barros. Desacreditava no que via e sentia, na pele arrepiada da brisa fria nos beirando, vinda do riachinho correndo à nossa esquerda. Do outro lado, uma aldeia guarani, onde pequenos vendiam os trabalhos da comunidade, trançados de palha e escavados na madeira mole do mangue, caixeta. Mais à frente, a ponte suspensa, flutuando sobre as águas cantantes.

Vinte minutos de descida e estávamos à beira do cais, vila de Paraty-Mirim. Ao lado da igreja secular, patrimônio histórico rendado de cupins, no boteco eremita, regando a espera com uma pinguinha da terra, estavam a Beth, o namorado e um jornalista amigo do casal. Para esquentar a chegada, acompanhando a cana boa, pedimos sororoca frita. Nunca tinha ouvido falar desse peixe e logo fiquei fã.

E aquela paisagem. Não era apenas paisagem, um quadro parado. Aquelas águas mansas eram quentes, como eu nunca havia sentido, acostumada a mares mais agitados e frios. Entrei no mar, era de verdade aquele cheiro de mangue. Aquele silêncio vivia. Eu estava lá, vendo e sentindo tudo aquilo.

Conversa mansa, o tempo esquecido de nós. De repente a Beth nos apresenta um morador local. Meia-idade, altura mediana, barba negra e cerrada. A Beth contava, cheia de graça, que ele era pirata. *“Vive navegando e mergulhando por aí atrás de tesouros”*, dizia a amiga, em tom de segredo, atizando minhas memórias literárias... Ah, os *Velhos*

marinheiros, capitão Vasco Moscoso de Aragão e suas estórias. Imagina quantas esse homem não deve guardar sob a barba!

Enfim, chegou a baleeira, “baliera”, como os locais chamam o barquinho toque-toque que nos levaria ao Saco do Mamanguá. Quanto tempo que não andava de barco... A última vez tinha sido na travessia de Cananéia para a Ilha Comprida, havia uns dois anos, num agosto gelado.

Como descrever aquela travessia! A cantiga mansa da baleeira nos sossegava, dando crédito a cada detalhe daquelas águas verdes acinzentadas, daquelas margens pujantes de vida e cor. O marinheiro era o seu Dário, um senhor moreno e robusto, que me lembra o Dorival Caymmi. Uma simpatia cheia de amor pela esposa, dona Cláudia. Já na minha primeira viagem, ele contou sua espera por aquela mulher. Ele a amava desde muito jovem, mas ela era noiva de um rapaz do Rio de Janeiro. Quando ela se casou, foi viver por lá, onde teve filhos e netos. Seu Dário, morando no Mamanguá, mantinha amizade com a família. Foi padrinho de um dos filhos do casal. Nunca se casou. Até que, muitos anos depois, o marido de dona Cláudia faleceu. Ela, com os filhos já crescidos, resolveu voltar à terra natal, para ficar perto dos irmãos. E seu Dário, finalmente, pediu a amada em casamento. Fiquei encantada por aquela história de amor. Aquela paciente espera, incomum entre os homens, na hora me lembrou *Amor nos tempos do cólera*. Na tecedura da rede de espera. Uma espera que, tecendo, navega.

Assim encantada, a baleeira foi se aninhando entre as mamas do Mamanguá. É difícil expressar a importância de ter conhecido este lugar, onde me reencontrei com meus sonhos meninos. Mergulhando em suas

águas quentes, salobras, entre suas mamas redondas e simetricamente imperfeitas, como a vida, a lama viscosa amaciando meus pés, me sentia finalmente vivendo. Em um lugar que pensava existir apenas em mim. Esse lugar me reencontrou. Minha querência.

Remando entre as mamas.

Na segunda vez, fui ao Mamangá com outra querida amiga, companheira de viagens desprogramadas, Renata, querida Rê... Chegamos a Paraty de ônibus e da rodoviária pegamos outro a Paraty-Mirim. Chegando lá, encontramos o seu Licínio, que eu havia conhecido na primeira estada. Seu Licínio era um líder na comunidade: barqueiro, técnico do time de futebol, músico e organizador da ciranda local. Assobiando seu riso inconfundível, disse que podíamos ficar no terreiro atrás da sua casa. Mas não tínhamos trazido barraca de camping. Ele pensou um pouco e disse que o seu Tito, morador da praia da Currupira, podia nos abrigar.

Chegamos à casa do seu Tito, senhor moreno, bigodão farto e olhar desconfiado. Depois de alguma conversa para amaciar a fera, seu Licínio o convenceu: éramos meninas “de respeito”, amigas da dona Beth, queríamos passar o fim de semana. Assim, ficamos na casinha pré-fabricada de madeira, à beira-mar. Ao lado, uma generosa pedra convidava à contemplação.

Seu Tito, de início, nos olhava de soslaio, caladão. Mas logo ficamos amigas do filho, Levi. Companheiro e cicerone, ele nos levava de canoa para conhecer as outras prainhas, o mangue, a cachoeira. À tardinha íamos ao boteco do Mauri, jogar sinuca, tomar cerveja, bater papo, cantar com os cirandeiros, rir com muitas histórias e nos indignar com outras. Estávamos felizes, tão bem acolhidas por aquelas pessoas generosas e simples. E ao fim do domingo, nos despedimos do seu Tito, já menos desconfiado.

Voltei muitas outras vezes ao Mamangá naquele ano, com a Rê e outros amigos. Todos se apaixonavam pelo local e traziam mais amigos. O

terreiro do seu Tito se floria de barracas, mas a casinha era nossa, sempre que fôssemos lá, garantia ele. Seu Tito agora já nos acompanhava a alguns passeios, contava histórias e piadas, de que se ria junto com a gente, naquela risada boa, contagiante. “Sabe como a gente mata formiga?” “Não, seu Tito, como?” “A gente pinta uma de branco e as outras morrem de rir. He he he...”

Em um dos passeios de canoa com o Levi, seu Tito se animou a nos acompanhar. Um dos momentos mais bonitos que vivi no Mamangá: Rê, eu, Levi e seu Tito canoando pelas águas do Cruzeiro, onde o rio se mistura ao mar. De repente, seu Tito começa a assobiar, imitando a falinha das aves de lá. E Levi responde no mesmo idioma alado, como se conversassem. Pai e filho, tão calados, se olham e riem, um riso manso de rio sobrevoado de asas.

Ia ao Mamangá quase todo fim de semana. Paraty era só uma parada obrigatória, na rodoviária. Quando chegava de dia, descia na estrada e ia, de carona ou a pé, até o cais de Paraty-Mirim, onde sempre havia algum amigo pronto para me levar até a casinha à beira-mar, sob a custódia carinhosa do seu Tito e do Levi.

Embalada pelo toque-toque, a maresia me tomando corpo e alma, voltava a ser menina. Mas diferente da bugrinha que preferia brincar só entre moitas de mamona, se achando a desbravadora da Amazônia, ou conversar com cães e gatos, com se entendessem minhas dores e alegrias. Tornara-me mais sociável, cantava com os amigos, ria, falava besteira (mesmo sentindo o rosto esquentar de vermelhidão). Mas também gostava de ficar quieta, apenas olhando o que as águas não me diziam em

palavras, lendo sob os coqueiros à beira-d'água, nadando até as duas ilhotas entre as margens ou contemplando seu Tito remendando a rede de espera, que levava canoando ao cerco, de tardinha, e ainda na madrugada ia visitar para ver o que o mar lhe havia reservado.

Lá eu não me preocupava em ser “criançona”, não percebia olhares críticos, mas cúmplices. Protegida entre as mamãs, podia ser mais livre e autêntica. Uma das coisas de que mais gostava: brincar com o cãozinho Piquenique, fiel escudeiro da dona Noêmia nas pescas de siri, à tardinha. Puxava um dedo de prosa com a dona, acarinhava a cabecinha mascarada de preto e caramelo, e logo saíamos correndo e rolando pela grama do terreiro, como fazia em criança com a cachorrada do bairro. “Não ter nascido bicho é uma minha secreta nostalgia”, diz Clarice em *Água viva*. Sinto essa frase como um estigma da minha alma.

Conversava com meus amigos mamanguenses sobre a decisão de ir morar por lá. Dizia que moraria em Paraty só para ficar pertinho do Mamanguá. “Se pudesse moraria aqui, mas não sei pescar...” Eles não fiavam muito na minha fala decidida. Falavam que eu não ia me acostumar ao marasmo de lá, voltaria logo para São Paulo.

Próximo do fim do ano, precisava procurar emprego em Paraty. Em uma das idas ao Mamanguá, com muita tristeza, voltei mais cedo, para afinal conhecer a cidade onde ia morar. Em um rápido passeio pelo centro histórico, pensei: o negócio é chegar na alta temporada e arranjar um emprego no comércio. Depois eu vejo o que faço. Quem sabe não consigo dar aulas?

Levi, menino grande, na cachoeira do Cruzeiro.

Após o Natal, me mudei para Paraty. Não pensei muito em como viabilizar isso, apenas separei as roupas, embalei muitos livros, meu aparelho de som e todos os meus CDs e LPs. Comprar mesmo, só um jogo de cama solteiro, pra ingressar na vida nova. Meu irmão, Nicolau, único cúmplice da minha loucura na família, foi comigo de carro, levando a pouca tralha. Saímos no dia 25 cedinho da casa do meu pai, em Ibiúna. A rodovia Raposo Tavares parecia um rio manso, horizonte livre à frente, à exceção de um bêbado tesourando o nada, que logo foi interditado pela polícia rodoviária. Ainda antes do almoço, chegamos a Paraty-Mirim e fomos direto ao Mamanguá. Animada, compartilhava meus planos de vida com os amigos caiçaras, seu Tito, Levi, seu Dário, seu Licínio, dona Claudia, dona Noêmia, dona Pedrina... Passamos dois dias lá, onde também estavam amigos paulistanos, entre eles a querida Rê, minha prima Cris e seu então namorado (hoje marido) Júlio, que iam passar o Ano Novo acampando no terreiro do seu Tito.

Só fui a Paraty na véspera de começar a trabalhar no meu novo emprego, o Dinho's, um dos bares locais mais animados da época. Nunca tinha trabalhado como garçoneiro, achava que seria divertido. Logo descobri que não tinha vocação para trabalhar à noite e era muito atrapalhada para atender ao público. No Dinho's conheci o Maia, meu companheiro de descaminhos até hoje, cicerone do mergulho na alma paratiense. Como ele me disse logo que nos conhecemos, cada pedra de sua cidade é única e tem uma história, a qual se emaranha de muitas outras histórias de pessoas presentes e pretéritas. Esse chão pedregoso e seus caminhos irregulares me exigiram voltar olhos e ouvidos aos meus pés. Como é o som dos meus passos?

Cantoria no bar do Mauri, no Mamanguá.

Comecei a lecionar em uma escola recém-aberta na cidade. Mesmo sem nenhuma formação na área, dava aulas de Português para turmas do ensino fundamental e médio, regular e EJA. O que me ajudou a conseguir o emprego foram os quatro anos como corretora de redação no cursinho e a falta de professores formados na cidade.

A escola ficava a cinco minutos da casa onde morava. Ia de bicicleta ao trabalho, beirando o rio Mateus Nunes. Logo de manhãzinha, o sol dourando a pele sombreada das águas, deparava com garças e tiés-sangue, às vezes uma cobra se espreguiçando nos galhos. À noite, sobre a cerca do

campo de aviação, que separava a escola da rua onde eu morava, olhos de muitas corujinhas acompanhavam minhas pedaladas de volta a casa.

Morávamos numa casinha pequena, mas de olhos grandes. A sacada da sala e as janelas da cozinha davam para as montanhas. Quando vinham amigos de São Paulo, lavar a louça era motivo de disputa. “Com essa vista, também, né, Tamis...”, confessou uma vez minha amiga Fabíola.

Depois de um ano morando nessa casa, mudamos para outra na mesma rua, a uma quadra de distância. Nesta a vista não era tão ampla, em compensação o quintal era generoso. Já na entrada, um pé de maracujá animadíssimo, sempre carregado de flores e frutos, se agarrava no muro. Atravessando o corredor para chegar à casa, nos recepcionava

um casal de goiabeiras, uma branca e outra vermelha, tão apaixonadas que demorou para descobrirmos serem dois: os troncos e os galhos, trançados, sempre nos enganavam. Colhia uma goiaba, crente que era branca, mas os dentes se enterravam surpresos numa carne rosada, ou ao contrário, achando que iam saborear uma bela goiaba vermelha, davam em uma palidez inesperada... Não havia tédio com essa dupla! Coroando o quintal, um majestoso pé de graviola se erguia até a janela do nosso quarto. O ano todo tínhamos frutas grandes e carnudas. Algumas noites chegamos a acordar assustados com um estrondo lá fora: era uma graviola, nada discreta, despencando do pé e esparramando suas sementes castanhas.

Com 25 anos, descobria enfim algo que gostava de fazer: dar aulas. Mas me ressentia a falta de formação que apoiasse meu trabalho como professora, o que vinha à tona em vários momentos. Para compensar, buscava me apoiar nas lembranças das boas aulas que tivera (minha referência não eram os professores de Português, mas um professor de História de quem gostava muito), lia bastante e sempre conversava com os alunos. Queria que eles se sentissem parte ativa nas aulas, que propusessem temas para discutir. Procurava inventar maneiras que eu considerava divertidas, tentando aproximar seus interesses daquilo de que eu tanto gostava: a literatura, o trabalho com a palavra.

Essa falta de formação, aliada ao meu desejo de ser uma professora diferente dos muitos que passaram pelo meu itinerário estudantil, gerou situações desconfortáveis e conflitos. Vários com a direção e com alguns colegas, que criticavam a balbúrdia nas minhas aulas, alguns com alunos, que me acusavam de não ter “pulso firme” com os

“baderneiros”. Lembro uma de minhas primeiras aulas, no 2º ano médio. Para apresentar o Romantismo indigenista, comecei a ler “I Juca Pirama”, de Gonçalves Dias. Metade da turma fazia parte da fanfarra da cidade e encetou um batuque animado para acompanhar a leitura. No recreio, veio o pito da direção: tinha atrapalhado a aula de História, na sala ao lado. Protagonizei muitas outras situações embaraçosas, como o dia em que, apresentando a poesia de Fernando Pessoa para a pequena turma do 3º ano (formada por uns seis alunos), resolvi levá-los à minha casa, no meio da aula, para ouvirmos *A música em Pessoa*, LP com poemas musicados por grandes compositores. No outro dia, a bronca do diretor foi grande...

Foram três anos intensos, em que fui obrigada a ir descobrindo meu jeito de ser professora, em um local que também ia conhecendo. Muitos alunos me ajudaram nisso, me contavam histórias, algumas mal-assombradas, que eu adorava ouvir. Outros confidenciavam segredos, conflitos bem adolescentes. Ia crescendo em mim um sentimento maternal por aquela turma. Bem eu, que dizia nunca querer casar e formar uma família? Alguns às vezes me perguntavam se eu não gostaria de ter filhos, e eu respondia “pra que, se já tenho um monte aqui na escola?”

No lugar de filhos humanos, minha casa se enchia de cães e gatos, pois, entre muitas semelhanças e outras tantas diferenças, o Maia e eu amamos animais. Em Paraty há muitos abandonados nas ruas. Depois de um banho, uma semana de bons tratos, eu fazia propaganda dos enfeitadinhos na escola, e assim vários conseguiram um lar – mais uma vantagem de morar perto do trabalho, descobri. Outros acabaram ficando em casa mesmo. Com salário de professora e rendimento de artesanato, tínhamos de fazer magia para alimentar tantas bocas...

O convívio diário com adolescentes me exigia flexibilidade e capacidade de diálogo. Uma turma me marcou em especial: a que, no meu primeiro ano como professora, debutou comigo no 1º ano do Ensino Médio, e seguimos juntos por três anos, nos descobrindo e nos transformando. Era um grupo alvoroçado, questionador e participativo, características que me agradavam, mas muitas vezes me tiravam do sério. Isso me exigia criar mais, buscando dar vazão às nossas inquietações. Era nessa turma que as novidades ganhavam logo cúmplices. Uma dessas novidades foi ouvir músicas na aula. Eu costumava propor atividades de interpretação e produção de texto baseadas em letras de música. Trazia para a aula o meu repertório: Chico Buarque, Tom Jobim, Caetano Veloso, Noel Rosa, Elomar... O mais atual era Zeca Baleiro. Em uma atividade de produção textual, apresentei um *rap* dele, “Piercing”. Estava entusiasmada, me achando na vanguarda. Foi aí que o Danilo, um dos alunos mais inquietos, me questionou: “Prof, você só traz essas musiquinhas de velho!” Levei um susto: Como de velho, um *rap* do Zeca Baleiro? Imagina as outras músicas que eu trazia! Perguntei então se toda a turma achava isso e o que eles gostariam de ouvir. Houve um bombardeio de sugestões. Eu disse que combinaríamos a cada semana quem traria as músicas e o responsável traria também a letra para discutirmos em aula. Isso transformou a minha relação com a turma. Sentia que eles amadureceram com essa possibilidade de criar uma aula diferente, junto comigo. Ao fim dos três anos de convivência, na formatura do Ensino Médio, eles me convidaram para ser paraninfa, algo que eu nunca imaginei e que me emocionou muito. Meu discurso para eles foi também minha despedida de um tempo de muitos aprendizados.

Tive também muitos momentos em que me sentia incapaz, incompetente, sem referências para lidar com o choque cultural. Como na conversa com uma aluna da EJA, de 17 anos, que me disse não ter interesse em continuar os estudos, porque ia casar mesmo, com o primeiro namorado. Para que estudar? Eu lhe perguntei, atordoada: mas você não tem vontade de conhecer outros lugares, outras pessoas antes de se casar? Ao que ela respondeu que não, para que, se ela estava muito bem como e onde estava. Me defrontei inúmeras vezes com essa forma de pensar e sempre me chocava, achava que era comodismo demais. Por mais que criticasse o insano modo de viver em uma metrópole, era ainda a minha referência.

Outros choques aconteciam na vida pessoal, com meu ingresso em uma nova família, totalmente diversa da minha. Quando conheci o Maia, rapidamente ganhei três cunhadas, Rosana, Lúcia e Silvana, um cunhado, Neto, além de vários sobrinhos e sobrinhas. Antes mesmo de assimilar a ideia, fui incorporada a essa “família muito unida, e também muito ouriçada”, generosa e atrapalhada. Eles me traziam, de chofre, outros valores, outra forma de ver o mundo e de se relacionar: a forma mansa e bem-humorada de encarar os percalços da vida, a abertura ao erro próprio e alheio, a capacidade de perdoar e seguir em frente me desconcertavam. Não entendia bem essa maneira de ser, que às vezes me fazia rir e me aquecia o coração, outras me afogueava do estômago até as bochechas.

Minha busca de me reencontrar fugindo do conhecido, do estabelecido, do seguro – São Paulo, família de origem, faculdade – se deu de modo caótico, intuitivo, às vezes autodestrutivo. Ouvindo uma voz feita de silêncio e grito, a voz de meus desejos, meu amor ao mar, à terra, aos

seus variados verdes e cheiros, ao humano que pisa a terra e a povoa de histórias, estórias.

Revendo hoje, a escolha de Paraty, lugar onde morei por três anos, me achei e me perdi, que marcou para sempre meu coração, olhos, pele e mente, faz muito sentido para uma desterrada de conceitos definidos. Eu, japanhola de olho verde que gritava por dentro, num deserto de mudez e palavras pedras, à porta de uma inexistente tabacaria: “Não sou nada. Nunca serei nada, não posso querer ser nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.”

Lugar ambíguo (diz um ditado local “Paraty: se cobrir vira circo, se cercar vira hospício”), que dribla definições. Desde sua natureza, cujos limites esgarçam o olhar, que não se cansa de se aninhar nos longes crespos e curvos, onde o verde do mar se encontra com a terra, baía de montanhas, abraço que nina o mar. Cultura caiçara, mestiça (“Nossa roça à beira-mar”, canta o inspirado Luis Perequê), fundada na força do lodo, do mangue mãe do mar, mangue que é rio e que é mar, lama que é terra e que é água.

Lugar onde os homens tecem sua espera na rede das noites e dos dias. Comunidade onde o nome, o apelido ainda não foram substituídos pela logomarca. Também cultura de favores, mais matriarcal que patriarcal, onde costume e lei trançam passos em uma dança confusa. Minha entrada neste lugar outro colocou em xeque tantos valores recebidos em criança, cultivados na juventude, e me jogou numa crise muda e funda.

A falta de formação para o ofício que estava exercendo me trazia vários inconvenientes. Além de me sentir inúmeras vezes impostora, incompetente, sem base teórica, via um horizonte de atuação profissional muito estreito, já que outras escolas exigiam a habilitação que eu não tinha. Desabafava essas angústias com o Maia, minhas cunhadas, meu irmão, e todos me aconselhavam a fazer outra faculdade, desta vez de Letras. Eu me animava com essa possibilidade, estudar literatura! Mas em Paraty isso não era possível, eu teria de cursar a faculdade em outro lugar. Comecei então a pensar em cursar uma faculdade privada em Caraguatatuba. Meu irmão Nicolau, no entanto, me convenceu de que essa não seria a melhor solução. Eu devia voltar a São Paulo, prestar a Fuvest, fazer o curso de Letras, a licenciatura e depois retornar à minha terra do coração. Aí sim teria muitas portas abertas, poderia prestar um concurso, ter mais autonomia e segurança na condução das aulas...

A primeira vez que ouvi em voz alta essa alternativa me arrepiei toda. Voltar a São Paulo era meu pior pesadelo. Trânsito, poluição, violência, frio, distância da natureza, do mar... Só de ir a passeio à minha terra natal, já voltava congestionada, enjoava ao andar de carro, ônibus (meu corpo tinha se acostumado a se locomover quase sempre só de bicicleta). Gostava de vir a São Paulo para visitar a família, os amigos, ir ao cinema, rever lugares, mas o melhor era saber que logo voltaria à minha casinha, de onde podia ver as montanhas, ao rio que embelezava o caminho diário para o trabalho, às pedras históricas em que os pneus da minha bicicleta se acostumaram a não derrapar, ao mar manso daquela baía...

A princípio descartei o conselho do Nicolau. O melhor seria mesmo fazer faculdade em Caraguá. Cogitei em morar nessa cidade por alguns

anos, cheguei a mandar currículos para algumas escolas de lá. Mas eu tinha a preocupação de fazer um curso ruim e “sujar meu currículo”. Percebendo minha indecisão, o Maia passou a fazer coro a meu irmão, dizendo que preferia ficar um tempo em São Paulo a morar em Caraguá. Acabei me convencendo de que a melhor opção seria mesmo voltar.

No início de 2003, pedi demissão no colégio, avisamos à família e aos amigos de nossa resolução e começamos os preparativos. Se ao mudar para Paraty não trouxe quase nada, agora, de volta a São Paulo, tinha móveis, mais livros, CDs, três cadelas e seis gatos. Precisávamos de um caminhão para a mudança. Depois de muitas dificuldades, estávamos o Maia, eu, a bicharada e nossas tralhas, todos juntos em um caminhão baú, cujo motorista conhecemos por acaso pelas ruas de Paraty. Ele topou fazer a nossa mudança, já que, voltando para o Rio Grande do Sul, passaria mesmo por São Paulo. Numa manhã de fevereiro, chegamos à minha antiga rua sem saída.

O primeiro ano de volta à terra natal foi marcado por desconcerto, dificuldade de readaptação, saudade da vida mais livre e saudável que tinha em Paraty, banzo do mar... Já tinha me acostumado a outro ritmo de vida, em que as pessoas paravam na rua para bater um papo furado, tomar um café demorado. Aqui estranhava o corre-corre e principalmente o fato de não encontrar um conhecido a cada esquina. Tinha sempre a impressão de que veria um rosto familiar, mas era quase sempre era engano, o que me dava uma grande sensação de vazio. Andar de ônibus, então, era motivo para lágrimas. Diante da paisagem cinzenta pela janela, me lembrava, desconsolada, das montanhas verdes e das praias deslumbrantes, que eram minha vista cotidiana. Uma cena terrível: subia a

Teodoro Sampaio debaixo de uma chuva torrencial, quando vi um morador de rua sentado no meio-fio, bebendo a água que corria para o bueiro. Chovi junto com a tempestade. Pensava a todo momento o que estava fazendo aqui, nessa cidade de anônimos, em que não me reconhecia. O Maia me animava, dizendo que logo estaríamos de volta (isso foi há mais de dez anos!). Para piorar o quadro, não conseguíamos trabalho. Eu pensava: parece que São Paulo está me castigando, como a uma filha ingrata... Então, um amigo nos indicou para fazer uns bicos em um bufê que servia festas VIPs. Tudo a ver com a gente... Mas não estávamos podendo escolher muito.

Nas horas vagas, fazíamos peças de papel machê. Eu aprendia e ajudava o Maia a criar móveis, máscaras e outros objetos de decoração, que expúnhamos numa feirinha de artesanato na praça ao lado da Biblioteca Municipal Cecília Meireles, na Lapa. Lá conhecemos a bibliotecária, que nos convidou a fazer oficinas de papel machê com as crianças de uma Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) da região. As oficinas, batizadas de “Amassando papel, tecendo histórias”, ocorriam semanalmente e se estenderam por um período de três meses. A proposta era deixar as crianças porem a mão na massa.

Percebíamos as singularidades dos pequenos na relação com a massa de papel. Alguns tinham receio, nojo de tocar na “meleca”, misturar a cola. Outros se lançavam felizes, se lambuzando para criar flores, casinhas, bichos variados e até um “vulcão em erupção”, segundo me contou Gustavo, um pequeno aventureiro de 5 anos. Como encerramento, fizemos uma adaptação do conto “A terra dos meninos pelados”, de

Graciliano Ramos, apresentada como teatro de bonecos confeccionados em papel machê a partir de formas de barro.

Modelar em barro personagens que conheci na minha infância, na aquarela melancólica de um Graciliano entregue ao devaneio de uma terra de meninos de um olho preto e outro azul e onde aranhas tecem bonitas teias coloridas que vestem os pequenos, despertou em mim uma pretensão divina, um devaneio prometeico. Encantada, o cheiro de terra úmida remontando a felizes banhos de chuva, e os grãos ásperos sob os dedos tornando-se nariz, boca, olhos, parecia que bastaria o sopro cálido

para que os meninos pelados, a Guariba, a princesa Caralâmpia, Raimundo ganhassem vida e assumissem os papéis na trama de Graciliano. Pretensão brincante de uma adulta que nunca havia associado a literatura, “matéria nobre”, à delícia do barro na pele.

Enquanto isso, me preparava para prestar vestibular para Letras na Fuvest. Nesse meio-tempo, navegando pela internet, pesquisava textos, temas, projetos de pesquisa que me pareciam muito interessantes. Nesses passeios virtuais, passei a buscar, de uma forma um tanto intuitiva, pesquisas relacionadas à cultura popular, oralidade, memória e encontrei o site da Anpoll (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Alguns nomes eram recorrentes, entre eles Jerusa Pires Ferreira e Paul Zumthor. Passei então a cultivar o desejo de pesquisar essa temática, talvez algo relacionado à cultura paratiense, mas não sabia o quê. As reminiscências de medievalismo na poética de Elomar, Ariano Suassuna e outros mestres nordestinos também era algo que tinha muita vontade de pesquisar. Planejava definir melhor na faculdade que rumo daria a esse desejo.

Então, no início de 2004, ingressei em Letras. De alguma forma, parecia uma novidade: estar na Cidade Universitária como aluna do *campus*! Quantas vezes acalentei esse sonho enquanto me dirigia de ônibus ao centro de São Paulo para assistir sem o menor ânimo às aulas na faculdade de Direito... Agora começava uma nova etapa. Ansiava a isso desesperadamente.

Assistir a aulas de literatura e estudos clássicos era um sonho se realizando. Tinha vontade de estudar, ler as indicações dos professores,

beber suas palavras. Alguns, animados, ultrapassavam o horário de término das aulas, noturnas. E eu voltava para casa passando da meia-noite, com a cabeça fervilhando. Brincava com o Maia e alguns amigos: no Direito, tinham colocado uma forma quadrada na minha cabeça, agora, em Letras estavam me desenformando.

Não entendia linguística. Tantos conceitos abstratos, cientificistas sobre a língua... Tudo tão esquemático! E a carne das palavras? Não era bem o que eu esperava quando lia as pesquisas sobre literatura oral, memória e cultura popular. Tudo aquilo me soava muito estranho, mas me parecia que, se eu conseguisse ultrapassar as primeiras águas, mergulharia no mistério insondável dos signos escritos, sonoros, visuais. Um anseio confuso, entremeado de um desejo infantil de encontrar a “palavra mágica”.

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.
(Carlos Drummond de Andrade, “A palavra mágica”)

Por incrível que pareça, ainda que entendendo mal e parcamente tantos conceitos e autores, cada um mais descarnado que o outro, nesse primeiro ano fui bem avaliada pelos professores da área. Uma me chamou de lado e elogiou minha escrita. Espantada e feliz, agradei. Ela insistiu que eu escrevia bem e perguntou qual área estava pensando em seguir no segundo ano. Resendi que meu interesse era literatura e estava em dúvida se escolheria francês, espanhol ou italiano. Ela me disse que a linguística textual, a semiótica e a pragmática poderiam ser boas áreas de pesquisa. Fiquei com essas palavras ressoando em mim. Afinal, quem não gosta de um elogio, ainda mais vindo de uma autoridade?

Enquanto isso, profissionalmente, ingressava na área de revisão de textos. Depois de um ano espalhando currículos por escolas, não podia mais ficar esperando. Comecei a estagiar em um birô editorial que prestava serviços de preparação e revisão a editoras de textos médicos e jurídicos. Pela minha formação, claro que acabavam me sobrando todos os últimos. Ô sina... Meu pai ria, dizendo que eu nunca escaparia dela. E eu resmungava, brava: “Ah, se não vou. Espera pra ver.”

Alguns meses depois, outra espera me aguardava. Acordei numa segunda-feira cinzenta com um enjoo muito forte. Ai, minha gastrite! Ou será fígado? Quem mandou ir com tanta sede ao pote de sopa de cebola? E dá-lhe água tônica. O alívio vinha, mas era temporário. Passei semanas assim. Um dia, me queixando à Vânia, então namorada do Nicolau (hoje sua esposa e mãe do meu lindo sobrinho, Bruno), ela brincou: “nossa, mas essa gastrite tá meio estranha, hein?” Opa, alerta vermelho: minha menstruação estava atrasada, mas isso para mim era bem comum. Ah, deve ser gastrite mesmo. Mais algumas semanas, e nada. O Maia,

animado, insistia para eu fazer exame. Eu respondia que era improvável estar grávida, mas ia fazer. E ficava protelando... Vendo que eu não ia tomar a iniciativa, ele marcou o exame para mim. Um dia antes do exame marcado, tive um sangramento, durante o expediente de trabalho. Liguei pra ele, dividida entre alívio e decepção: alarme falso. Mas, já que o exame estava marcado, eu fui. Qual não foi a surpresa: estava mesmo grávida!

Bem agora, ingressando na faculdade e ganhando uma mixaria como estagiária, sem segurança nenhuma? E comoalaria isso para as donas do birô? Medo, insegurança e muito enjoo me seguiram ao longo desses meses, em que aquele serzinho ia crescendo. Na primeira vez que o vi, pelo ultrassom, me espantei: parece uma virgulinha! Será que meu olhar estava sendo formatado pelo trabalho como revisora? Ai ai ai... E tudo me dava enjoo: fritura, cebola, alho... Pimentão era veneno. Café, não podia nem com o cheiro. E carne, então? Não queria nem ver. Até um outdoor de uma churrascaria, com um pedaço de picanha coberto de gordura e sal grosso, me dava embrulhos. Na minha inexperiência, achava que não podia comer nada: acordava, só tomava um copo d’água e ia para o trabalho. Quantas vezes não passei vergonha no meio da rua por causa disso! Em compensação, não tive vontades esdrúxulas. Já no final da gravidez, os enjoos diminuíram, então me empolgava. Um dia devorei um saco de mexerica. Pra quê! Passei mal a noite toda... Com tanto enjoo, engordei pouco e mal dava para notar a barriga, o que me causava alguma frustração. Terminei o ano na faculdade, já com quase nove meses de gestação, e os colegas e professores não notavam meu estado.

Ao longo desses meses, uma confusão de sentimentos foi me tomando. Nunca havia pensado seriamente em ser mãe. Eu sempre adorei

brincar com crianças, mas não me via cuidando de um bebê. Quando me perguntavam, respondia protocolarmente: quem sabe daqui a uns cinco anos? Ainda era cedo... Ao me ver grávida, no início de um novo caminho, entre tantas inseguranças, fiquei com medo. Não tinha nem mesmo experiência com crianças pequenas! O Maia me acalmava: ele ajudou a cuidar dos sobrinhos, é calmo e adora crianças. Comecei a cultivar a certeza de que esperava uma menina. Ela já tinha nome: Clara, em homenagem à linda e forte Clara Nunes. Um dia sonhei estar ao pé do berço, contemplando um rostinho sereno e redondo, dormindo na penumbra. Ela despertava e eu a pegava no colo para amamentar, mas não tinha leite. A bebê chorava e eu, desesperada, acordei, chorando também. Minha menina... O sonho era tão real que eu sentia o calor daquele corpinho nos braços e no peito.

Estava ansiosa para exibir a todos minha certeza, agora respaldada no pronunciamento inquestionável da medicina. Mas, com cinco meses de gravidez, acompanhada do Maia e do meu pai, o ultrassom revela algo inacreditável: estava esperando um menino. Levei um choque. Não era possível! E a minha menina? Não concebia essa possibilidade. Mãe de menino! Não saberia como criar um menino. E sobre o que íamos conversar? Fiquei algumas semanas de luto, sem vontade de levantar da cama. Sentia como se a minha Clara tivesse morrido. E agora?

Um dia, na espera para ser atendida no hospital universitário, onde fazia o pré-natal, me deparei com um cartaz a que eu nunca havia dado atenção. Era o desenho de uma grávida de perfil, o rosto inclinado, as mãos acarinhando a barriga, onde se via um bebê segurando uma rosa, que

oferecia à mãe. Imagem piegas, sim, que me fez cair em prantos, soluçando e em silêncio pedindo desculpa ao meu menino. Assim saí do luto.

Então comecei a pensar que nome daria ao meu menino. O primeiro que me veio foi Pedro, lembrando o destemido personagem do Sítio do Picapau, que acompanhei em tantas aventuras na infância. Depois cogitamos Natan, não sei por quê. Mas foi Pedro o nome que vingou, depois de convencer o Maia. O meu Pedro veio à luz no dia 6 de janeiro de 2005, 12 dias depois do meu 30º aniversário, meu presente de Dia de Reis. Nasceu moreno e japonesinho, como minha mãe. Tão conversador que parece ter engolido a pílula falante do dr. Caramujo, como a Emília. Carinhoso, sonhador, reflexivo e muitas vezes rabugento. Observador do mundo e das pessoas. Meu menino que não se conforma ao ver um morador de rua e chora, aspirando a quando crescer ter força para ajudar as pessoas. Ele que tão cedo percebeu nosso drama maior.

E no meio do caminho...
... tinha uma borboleta. Como uma folha, simples e bela, nela a morte pesava como um sonho.
O Pedro que me avisou, com pena: – Olha, mamãe, a borboleta morta.
– Tadinha, né, Pedro? Ela devia estar velhinha. Parou para descansar e morreu...
– É... Mas é triste ver uma coisa tão bonita morta.

Meu companheiro de tantos papos, viagens reais e imaginárias. Ele deu a mão à minha criança tão acanhada, sem espaço no meu ser desperto, e a trouxe à tona.

Pedro conhecendo o mar, na praia do Pontal (Paraty).

Voltei à faculdade três meses depois do nascimento do Pedro, mas só me matriculei em duas disciplinas, para não atrapalhar a amamentação. Estava trabalhando em casa, com revisão. O Maia e eu nos revezávamos no cuidado do pequeno.

Na faculdade, após muita indecisão, optei pela linguística. Lembro de ter comentado a decisão com minha prima Cris, que, após ter se formado em Editoração, havia cursado algumas disciplinas no curso de Letras. Ela achou estranha a escolha e hoje eu também acho. Mas lembro que fui bastante influenciada pelo meu bom desempenho nas disciplinas dessa área. Eu pensava que deveria escolher algo em que me destacasse, afinal agora tinha 30 anos e um filho, não dava mais pra ficar experimentando e ver no que dá. Também achava que a semiótica seria uma chave para eu entender as relações entre signos de diferentes linguagens. Além das palavras, as imagens e os sons me atraíam, eu queria entender como eles se tecem no corpo vivo dos textos.

Mas logo meus anseios deram de cara com o muro alto e liso do estruturalismo. Nunca vou me esquecer do quadrado semiótico de Greimas. Esse era um instrumento fundamental para entender qualquer texto e deveria ser ensinado para as crianças na escola, como se faz na Europa, defendia o doutor em semiótica. Agora era claro para mim como qualquer texto fica em pé. Qualquer texto, sim, mas e o que faz um texto não ser qualquer, mas único? Onde encontro o sopro que dá vida, pulso e singularidade a cada texto? Por que, ao ler, com olhos, ouvidos e pele, um me co-move, outro me repele, e outro ainda me é indiferente?

Apesar de todos os holofotes voltados para a estrutura do texto, eu não me contentava. Alguma coisa me soprava que o texto era mais que a soma de seus ossos. O que lhe dá sua carnadura pulsante? Não seria na linguística que encontraria alimento para esse saber cheio de desejo. Então abandonei o caminho no meio. Hoje penso que só me permiti isso em razão de um longo e doloroso aprendizado, adquirido com minha errática trajetória profissional. Inconscientemente, eu me deixava conduzir por aquela menina turrona que fugia das gentes em busca de amazônias em morros pintalgados de mamonas.

Eu estava no 3º ano da faculdade. Após alguma indecisão, me convenci de que, no fim das contas, não seria de todo mal largar uma das habilitações. Então aproveitei os créditos da linguística e foquei no bacharelado em português. Profissionalmente, depois de dois anos “frilando”, fui contratada como assistente em uma editora, na área de livros didáticos. Embora nunca tivesse trabalhado com esse tipo de texto, a pequena experiência como professora me ajudou a ser selecionada ao cargo. Mas principalmente, já na entrevista, nasceu uma afinidade entre mim e a coordenadora da área, Dulce, uma mulher linda e sensível, nascida em Lisboa, mas brasileira por amor, com quem tive a felicidade de trabalhar. Essa afinidade cresceu com a convivência e se tornou amizade, que cultivamos com carinho jardineiro.

Essa editora fica em um casarão histórico no bairro da Liberdade, construído por Ramos de Azevedo. Há mais de 10 anos, quando ainda trabalhava no cursinho, sempre passava na frente daquele casarão e me detinha alguns instantes admirando a beleza da arquitetura e principalmente do jardim. Meu olhar se espichava até o telhado, onde se abria uma janela

vermelha, lembrando um olho sapeca, semicerrado. Quem diria que, uma década depois, trabalharia lá, exatamente no sótão, e poderia olhar a rua daquela janelinha tão simpática, tantas vezes quanto quisesse!

Nos três anos em que trabalhei lá, aprendi bastante sobre o processo editorial. Posso dizer que ali aprendi quase tudo do que sei sobre esse meio. Como é uma editora de porte pequeno e a equipe, enxuta, acabava me envolvendo em várias etapas do trabalho, o que foi muito interessante.

O mais importante foi fazer grandes amigos: Dulce, Sandra, Sibele, Luana, Reve, João... Pessoas, antes de colegas de trabalho, que se preocupam uns com os outros, se olham e se ouvem. Além dessa presença humana, ou talvez propiciando essa humanidade, que não encontrei em outras editoras, havia o jardim! Atravessar aqueles portões era como mergulhar em um tempo diferente, em que havia espaço para flores e frutos, cuidados pela mão paciente do seu Antonio. Já nos primeiros passos em direção à entrada, os olhos floriavam para as orquídeas imperando sobre as árvores, entre lírios, íris, manacá-da-serra, jabuticabeira, pitangueira... E muitos, muitos passarinhos!

Todos os dias, depois de subir dois longos lances de escadas cobertas por carpete vermelho (que me causou uma sinusite renitente), já no sótão, além de assuntos do trabalho, conversávamos sobre a vida, família, lembranças, planos, apreensões, alegrias. Nessa época, o Pedro era pequenininho, e eu, coruja, sempre vinha com alguma gracinha dele. Como esta:

- Mamãe, você sabe o que é serrealizar?
- O quê, Pedro?

– É, serrealizar! É que nem quando eu tô pintando com tinta de verdade. Eu serrealizo. E quando a gente vai pra praia também! A gente não serrealiza?

Ou esta:

– Mamãe! Eu chamei o Antonio assim: Antooooonio! Antooooonio! – bem alto, mas ele não me viu. Acho que eu tô invisível!
– Claro, Pedro, você esqueceu que comeu gelatina? Ela te deixou assim, invisível.
– Hããã! Então eu tenho que comer alguma coisa pra ficar desinvisível... (pensativo.)

Nós sorriamos, emocionados com aquela inocência cheia de imaginação. A Dulce, que é apaixonada por crianças e, além de editar textos, também é escritora, me incentivava: “Tamara, escreva essas histórias, se não, daqui a algum tempo, você vai se esquecer...” E de tanto ela me falar isso, comecei mesmo a anotar. Um belo dia, vi que minha coleção de gracinhas estava bem crescida. Então me animei: criei um blog, que batizei de “Camisa de vento”, inspirada em um poema da portuguesa Natália Correia:

Senhores jurados sou um poeta
um multipétalo uivo um defeito
e ando com uma camisa de vento
ao contrário do esqueleto

Sou um vestíbulo do impossível um lápis
de armazenado espanto e por fim
com a paciência dos versos
espero viver dentro de mim

Sou em código o azul de todos
(curtido couro de cicatrizes)
uma avaria cantante
na maquina dos felizes

Senhores banqueiros sois a cidade
o vosso enfarte serei
não há cidade sem o parque
do sono que vos roubei

Senhores professores que pusestes
a prémio minha rara edição
de raptar-me em criança que salvo
do incêndio da vossa lição

Senhores tiranos que do baralho
de em pó volverdes sois os reis
sou um poeta jogo-me aos dados
ganho as paisagens que não vereis

Senhores heróis até aos dentes
puro exercício de ninguém
minha cobardia é esperar-vos
umas estrofes mais além

Senhores três quatro cinco e Sete
que medo vos pôs por ordem?
que pavor fechou o leque
da vossa diferença enquanto homem?

Senhores juizes que não molhais
a pena na tinta da natureza
não apedrejeis meu pássaro
em que ele cante minha defesa

Sou uma impudência a mesa posta
de um verso onde o possa escrever
ó subalimentados do sonho!
a poesia é para comer.

(Natália Correia, “A defesa do poeta”)

Na apresentação, escrevi:

Este blog nasceu querendo ser diário. Daqueles que a gente não tem mais tempo de fazer, e o anseio acaba esquecido no fundo da gaveta. Aqui compartilho poemas que amo, momentos que não tenho como guardar, risos e doçuras do meu pequeno, palavras que escrevi e sopro ao vento. (Tamara Castro, camisadevento.blogspot.com)

Além das falas engraçadas e poéticas do Pedro, e de textos que encontrava pelo caminho, postei alguns contos e poemas meus, escritos em 2007, durante a disciplina “Introdução aos Estudos Comparados de Língua Portuguesa”, com o professor Mauricio Salles de Vasconcelos. Ele veio com uma proposta que toda a turma considerou inusitada: além de estudar autores e obras de diferentes nações de língua portuguesa, também produziríamos contos que dialogassem com eles. Foi um susto geral. Como assim, escrever... contos? Será que sei escrever? E que medo de não ser capaz de produzir algo criativo – e, pior, ser lida por um especialista! Mas acabamos (alguns desistiram) por aderir ao desafio. Para mim, foi uma escrita difícil, cheia de travas. Eu sentia necessidade de me apoiar nos textos teóricos e poéticos, que me ajudariam a desenvolver uma escrita valorizada na academia. Os temas e a ambientação também eram orientados: nós deveríamos explorar a vida na *urbes*, captar a pulsação da cidade. Revendo hoje, essa pauta de alguma forma restringiu minhas possibilidades de escrever sobre minhas raízes oníricas, muito mais ligadas aos elementos da natureza. Acabei expressando como dilema essa relação sonho/natureza e realidade/cidade, no primeiro conto que escrevi para a disciplina:

Idílio

Lago sob montanhas que se fecham circulares. No silêncio de infinito a lua nova se reflete em pequenas gotas de ardência. O rastro lume se forma seguindo o círculo deixado pelo remo. Acorda.

Seis e meia! Sono, sufoco. O chuveiro derrama grossas gotas fumegantes, sem brilho, no dia seco. A roupa, amassada – ê, gato, tinha de dormir em cima? Mais alguns minutos perdidos, vai ter de tomar aquele café melado do trabalho. Toca pra rua.

Sua mais nova resistência pacífica de caixão perdido na metrópole: adotar a bicicleta para fugir do enlatamento diário. Ainda não acostumado à recém-adquirida liberdade em duas rodas, segue o comboio já gordo, que, com metabolismo acelerado, aceita sempre mais um bocado, devidamente digerido logo à entrada. O pensamento vincado nas testas e bocas, mais um dia desta vida não sei até quando.

Corredor, até a Paulista. O monumento ao progresso resplandece de carros, ônibus: pobre bicicleta desafiando muralhas. E a cada pedalada na reta em direção ao Paraíso o medo vai se esvaindo com o suor que lhe escorre perna abaixo. A velocidade das rodas traz uma breve alegria, a ânsia de um destino inesperado.

A garganta arde e num olhar rápido para o céu esvai-se a esperança de chuva. Um esgar de lua sussurra silêncio de maré cheia em meio a buzinas e motores. (Tamara Castro)

Depois de alguma relutância, entreguei os três primeiros contos que havia escrito, esperando, com ansiedade e medo, a devolutiva do professor. Na semana seguinte, recebi os textos com comentários positivos, com observações sobre o que poderia aprimorar. Isso me animou a continuar produzindo. No semestre seguinte, me matriculei em outra disciplina com o mesmo professor. A proposta agora era produzir poemas, a que aderi com mais tranquilidade, me sentindo menos enferrujada pela escrita de contos. Novamente, o professor propunha que focássemos a cidade como cenário/temática. Tentando tecer um olhar poético sobre minha cidade, meu primeiro poema na disciplina resgata um local cujo nome me encantou desde a primeira vez que passei por lá, no primeiro ano do curso de Direito, 1993: Ladeira da Memória. Desde então,

sempre que passava pelos arredores, ainda que tivesse de fazer um caminho mais longo, fazia questão de subir ou descer aquela escadaria. Mais do que suas formas arquitetônicas, a sonoridade desse nome me imbuía numa atmosfera nebulosa, onírica, que eu fazia questão de cultivar nos meus jardins submersos às injunções da realidade.

Beira

A escadaria
que a enxurrada
lava
nada tem
de Bonfim

A acre urina e os gritos
ambulantes
ensinam a nova
memória

Ladeira

Sem rumo
sem sina
esquecem-se
as bandeiras ao largo
orgulhoso

No dorso adormecido
a menina memória
aos passos apressados
recolhe sua estória
(Tamara Castro)

Ao trazer este lugar à minha poesia, expressava o desejo de me embrenhar pelas margens da história, em busca de vozes submersas, dos ecos da memória, das estórias. Mas o poema não se desprende do cenário real, pois guarda a intenção de uma escrita comprometida com a realidade – ou melhor, presa a ela. Vejo hoje como estava dividida entre a obrigação de manter os pés no chão e o desejo de me entregar ao imaginário, a seu canto de sereia – que ecoa tímido, quase inaudível, nestes escritos.

Chafariz

*Porém eu vi no chão suja e calcada
A transparente anêmona dos dias
Sophia de Mello Breyner Andresen*

São Paulo devia ter
mar São Paulo devia
canta iara bela
à beira da fonte
da sé que a fé
refrata

des-
embaralhando breus caminhos
com o pente dos dedos longos negros
unhas feitas a dente
a menina se mira nas águas
verdes de musgo e mijo
onde
se lavam pombas

(Tamara Castro)

A epígrafe da poeta portuguesa Sophia de Mello é significativa desse meu momento. Conheci sua poesia por vias oblíquas: ouvindo o CD de Maria Bethania (*Mar de Sophia*, 2007), me encantei com seus versos transbordando maresia. Aquela poética repleta de tudo o que em mim falta

imediatamente me fez reviver uma sede sempre presente no meu corpo, mente e alma: mar, mar, mar... Para mim, me sentindo exilada neste deserto de concreto, ler seus poemas é ouvir a calada voz da minha alma:

Cidade, rumor e vaivém sem paz das ruas,
Ó vida suja, hostil, inutilmente gasta,
Saber que existe o mar e as praias nuas,
Montanhas sem nome e planícies mais vastas
Que o mais vasto desejo,
E eu estou em ti fechada e apenas vejo
Os muros e as paredes, e não vejo
Nem o crescer do mar, nem o mudar das luas.

Saber que tomas em ti a minha vida
E que arrastas pela sombra das paredes
A minha alma que fora prometida
Às ondas brancas e às florestas verdes.
(Sophia de Mello Breyner Andresen, “Cidade”)

Sinto seu canto como um lamento íntimo, saído das profundezas de minha ostra, condenada a viver a seco, longe de sua paixão, a quem sonha um dia se entregar total e irremediavelmente. Anos mais tarde, em 2012, num momento de angústia, sentindo as areias do tempo escorrerem por entre os dedos, apelei novamente a esse poema. Um grito abafado que transbordei no blog e compartilhei com pessoas queridas:

Fim da jornada como apertadora de vírgulas na Fábrica de Livros Didáticos. Saio à rua e, em meio ao trânsito da grande Sampa, abro com ânsia pulmões e olhos para o horizonte um pouco mais amplo. E que sorte linda: a LUA. Cheia, plena, dançando no céu. Senhora do mundo. Flor da Noite. Selene. Adoyá. Luz do canto de Sherazade. Senhora da palavra da vida, encantando a morte.
E me ponho a devanear (mergulhada em Bachelard, em sua *Poética*

do devaneio) sobre uma cena futura de um breve devir, espero. Pedra, Nani, eu, Maia diante do mar, cabeça no colo da areia. Marcando o passar dos dias e das noites não apenas pela foice de Chronos (uma das muitas imagens do querido mestre Marcos Ferreira Santos que não me saem da imaginação), mas pelas marés, pelo mudar da lua, seu doce nascer-desabrindo-se à morte, pelo milagre dos peixes, pela migração dos pássaros. Que doce caminhada até a costumeira estação de trem me proporcionou esse futuro imaginado. Tenho lido muito vocês, Bachelard, Manoel de Barros, Hilda Hilst... Somos imbuídos de poesia e de sonhos. Só é possível viver num mundo imaginado, creio eu. Calderón de La Barca, tens razão: "Toda a vida é sonho e os sonhos, sonhos são".

Ah, linda Sophia de Mello, teu poema é para mim um canto doloroso, um canto de liberdade. (Tamara Castro)

Quando me abri para esse poema, estava finalizando o projeto com que ingressaria no mestrado e trabalhando num ritmo desumano em uma grande editora de didáticos. Era período de entregar obras para um programa governamental, o que, no meio editorial, é considerado um fenômeno da natureza, incontável como as enxurradas de janeiro. Para os revisores, simplesmente é preciso esquecer a vida pessoal e se tornar um “apertador de vírgulas” em dedicação integral. Dizia aos colegas que me via como Carlitos em *Tempos modernos*, apertando vírgulas como parafusos, naquela engrenagem gigantesca que fatalmente me engoliria. Isso me angustiava profundamente: se a entrada no mundo editorial representou para mim uma libertação do “destino” cinzento que o diploma em direito apontava para mim, com os anos o trabalho de revisar/editar textos foi se tornando cada vez mais alienante.

Demorei a extravasar esse sentimento a alguém, temendo ouvir a crítica que eu mesma me fazia: “Mas não foi essa a sua escolha? Está

reclamando de quê?”. A visão libertadora dessa lua de maio, laranja, enorme, absurda, crepuscular, me desatou o nó: não, não é com essa vida que sonhei, não é essa a relação que eu desejo manter com a leitura e a escrita. Uma voz me pedia sensatez: já não tenho mais 20 aninhos, sou mãe, não posso simplesmente largar tudo, como antes, em resposta a um sonho indefinido, um suspiro despertado pela lua. Sim, devo calar essa ânsia lunar, esse desejo indizível. Mas, do fundo de um poço, minha voz menina, aquela mesma que respondeu ao meu pai “Quero ser feliz”, no seu silêncio não se cala docilmente. E, ao contrário do que o lado sensato me diz, minha condição de mãe desperta ainda mais essa sede de felicidade.

Em 2013, recebi uma proposta de uma organização não governamental na área de educação. Este trabalho envolve pesquisar, discutir, ler e escrever, de forma colaborativa com a equipe (pequena, mas composta por pessoas com diferentes formações) e com os leitores, a maioria professores da rede pública de várias regiões do país. Essa construção colaborativa me empurra para fora da minha ostra. Se isso muitas vezes me causa incômodo, me faz perceber o outro e me abre ao diálogo, me transformando no movimento.

Volto agora a 2008. Ainda trabalhando na pequena editora ajardinada na Liberdade, já nos créditos finais da faculdade, ingressei na Licenciatura em Português. Na disciplina “Introdução aos Estudos da Educação”, optei pela vertente filosófica, tendo aulas com um jovem professor, Guilherme Umeda Mirage. Por meio de suas aulas, entrei em contato com autores fundamentais como Hannah Arendt, Theodor Adorno, John Dewey e, entre estes, Marcos Ferreira-Santos, que trazia uma proposta cuja denominação logo me atraiu: educação pela

sensibilidade. Com base na bibliografia indicada por Guilherme, conheci o livro *Crepusculário*, minha primeira entrada nessa linha de pensar e praticar a educação. Ela me chegou tal qual um sopro alentador, como expressei no trabalho final para a disciplina:

A liberdade de ver a nós mesmos como processo, e ao mundo como caminho a ser aberto, sem esquecer as reservas arquetípicas legadas por nossos ancestrais, parece-nos uma contribuição humana, demasiado humana, ao processo educativo, uma forma de resgatar o sentido da aventura de estar no mundo: misto de prazer, dor, ordem e caos. (Tamara Castro)

A partir de então, passei a trilhar esse caminho da educação crepuscular, surpresa em poder reencontrar amores antigos, que não vi em outros espaços da academia: o imaginário, a mitologia, a cultura popular, a oralidade, a escrita que não esmague com palavras as entrelinhas. Essa trilha tem me permitido dar a mão à minha menina, com quem cavouco memórias em busca de “achadouros da infância” (Manoel de Barros).

Ainda em 2008, engravidei novamente. É curioso ter iniciado e encerrado a faculdade à espera de uma nova vida. Mas agora as circunstâncias eram bem diferentes. Estava empregada, trabalhando na editora-jardim da Liberdade, um lugar onde me sentia bem, entre amigos. Além disso, tinha experiência como mãe, e o Pedro pedia um “irmãozinho”. Dessa vez, não tinha ansiedade de saber qual o sexo da criança, mas pensava que teria outro menino. Aos cinco meses, o ultrassom revelou uma menina, que foi crescendo cercada de amor e paparicos. O nome foi escolhido pelo Pedro, entre uma lista de cinco nomes: Yanni.

Apesar de alguns enjoos, essa gravidez transcorreu como uma primavera, acompanhando as floradas do manacá-da-serra que se debruçava à janela ao lado da minha mesa de trabalho. As cores e o perfume das flores brancas e rosas me tatuaram, íris e alma.

coloquei sobre a ferida
a margarida branca
demorou, demorou
esperei cada pétala
em forma de vela
cobrir a dor
fiquei quieta
fiz repouso
até que a cicatriz
marcou a pele
em forma de flor

(Consuelo de Paula, “Curativo”)

Será por isso que minha pequena Yanni ama tanto as flores, “frois”, como ela dizia? Desde bem pequenina, em toda caminhada ela alonga os passos para admirar, cheirar, acarinhar essas obras-primas tão efêmeras, e talvez por isso tão belas.

Após nove meses plenos, já entrando na 41ª semana de gestação, na tarde do dia 27 de julho de 2009, ao crepúsculo, dei à luz uma bebezinha rechonchuda e faminta, com cabelos alourados e bochechas rosadas, que encheu nossa casa de alegria e beleza.

Yanni recebendo a bênção
do manacá-da-serra.

Foto: Dulce Seabra.

Ela é também muito corajosa, como o Pedro me fez ver na véspera do Natal de 2010. Estávamos passando uns dias na casa do Nicolau e da Vânia, que na época moravam em Ipatinga, Vale do Aço mineiro. O Bruninho, meu sobrinho, havia acabado de nascer. O Pedro e a Nani gostavam de brincar no jardim do prédio, onde calangos preguiçosos passavam o dia ao sol:

- Mamãe, eu não consigo fazer nada sem a Yanni. Ela me dá coragem.
- Por que, Pedro?
- Porque eu não consigo espantar esses calangos sem ela. A Yanni é muito corajosa!

Essa coragem de mergulhar com alegria na vida me trouxe sentidos novos. Minha menina mítica me reúne à minha mãe e minha filha, passado e presente bordados nos fios de um devaneio aquático que procurei tecer em palavras:

mãe menina se aproximam
no manso lago
rio mar
braços e pernas cirandam
nadadeiras cauda azul esmeralda
à luz de uma lua oculta

Poderiam em sua dança alcançar
a barca que sonham
seus olhos?

E com as pernas caudais a bordo
assumir o leme no peito
seu medo cantando
no vento
amor de horizonte
longínquo e próximo?

(Tamara Castro)

As ondas do mar quebravam uma a uma
Eu estava só com a areia e com a espuma
Do mar que cantava só para mim
(Sophia de Mello Breyner Andresen)

De canoas verdes de amargas oliveiras
 De rios pastosos de cascalho e poeira
 De tudo isso meu cantochão tecido de ervas negras.
 Grita-me o louco:
 – De amoras. De tintas rubras do instante
 É que se tinge a vida. De embriaguez, Samsara.
 E atravessou no riso a tarde fulva.

(Hilda Hilst, XI, *Do desejo*)

Um canto nauta
 se insula
 cápsula incrustada
 no mar fundo

à pele d'água
 palavras são ostras
 náufragas emaranhadas em seu medo
 sufocam de sal e sede
 de vento
 (Tamara Castro)

III. O CORPO DO BARRO

Imersão reflexiva. Série de trabalhos em barro de Gabriela Luzzi. São Thomé das Letras (MG), novembro de 2011. Foto da artista.

Em torno de mim
em meio ao barro
que sou eu
meu corpo em rio
diluído

escava canais onde uma penumbra
se aconchega
em caminhos fluorescentes
breves sutis marias sem vergonha
enlameadas
cobertas do meu musgo

mas em suas hastes vibra
um canto submerso
audível apenas aos meus dedos
imersos em sua corola
semiaberta

(Tamara Castro)

Uma das experiências mais marcantes no período anterior à aprovação no mestrado e ao longo dele foi o trabalho com a argila, o barro fêmea. Uma primeira aproximação com esta matéria-mãe de minha navegação poética foram as oficinas no ateliê da ceramista Sirlene Giannotti, conduzida pelo professor Marcos Ferreira-Santos, da qual pude participar em duas ocasiões: em 2011, durante a disciplina *“Mitologia comparada”*, na graduação da Faculdade de Educação da USP, e, na pós-graduação, na disciplina *“Mitohermenêuticas da arte: ancestralidade e criação”*, ambas ministradas por Marcos Ferreira-Santos.

Essa pulsão pela terra me levou a buscar o contato com esse elemento em outros momentos-espacos, como as oficinas *“Diálogos com o barro”*, na Universidade pela Paz (Umapaz), no Parque do Ibirapuera (São Paulo), que tive a sorte de frequentar durante o primeiro semestre de 2012, e, no ano seguinte, as oficinas de criatividade do Sesc Pompeia, com o mestre indonésio Eng Goan.

Diálogos com o barro

O trabalho das mãos sobre o barro é em mim uma forte pulsão. A relação entre o barro e a escrita, no entanto, ainda era apenas uma intuição, que morava dentro de mim, mas que eu não sabia bem como dar forma. Seguindo o apelo das mãos, no outono de 2012, em pleno processo

seletivo na pós-graduação, tive a oportunidade de participar das oficinas *“Diálogos com o barro”*, na Umapaz, conduzidas pela arte-educadora, psicoterapeuta e ceramista Regina Chiesa. O título das oficinas não podia ser mais convidativo, e as vivências propiciadas foram muito além das minhas expectativas. Os quatro meses de oficinas propiciaram uma vivência intensa, com pessoas de diferentes idades, experiências e posturas de vida, num local belíssimo, no coração do Parque do Ibirapuera.

Por conta de uma reforma no ateliê da Umapaz, a maioria das oficinas aconteceu no galpão do Viveiro Manequinho, onde podíamos ver a natureza em plena atividade: ora o sol do meio-dia, quando se iniciavam as oficinas, dando espaço às nuvens trazidas pelo vento, muitas vezes antecipando uma chuva gostosa que exalava o cheiro daquela terra preta, fértil; ora uma tarde de densas nuvens; mas na maioria das vezes pudemos ver o azul do céu se tingindo lentamente de tons alaranjados, típicos das nossas tardes de outono.

Como soube no primeiro encontro, o objetivo das oficinas não era formar ceramistas, mas, por meio do barro, possibilitar um espaço de silêncio e diálogo interior e com o outro. Ao longo desses meses, conheci pessoas com histórias, formações e experiências de vida muito diversas, unidas pelo mesmo amor ao barro. Algumas mais tímidas, outras mais

íntimas dessa matéria “oblíqua e dissimulada”, que parecendo fluida e maleável, se imiscui entre os dedos, se espraia pelo leito das mãos e ardidamente se assenhoreia do corpo e da alma.

Tardes de barro no Viveiro Manequinho.
Outono de 2012. Foto de Tereza Yamashita.

Já na primeira oficina, Regina nos convidou a visitar o corpo com a argila e expressar essa vivência procurando dar-lhe forma. Por fim, pediu que escrevêssemos essa experiência. A tarde findava chuvosa, e com as mãos mergulhadas no pedaço de argila, a imaginação molhada pelas gotas pesadas, eu buscava modelar uma árvore. Mas essa vontade sucumbiu diante da minha pouca habilidade e do que via brotar na massa amorfa: uma fonte, e em seu centro uma flor. Essa ainda não era a forma a que a argila me conduzia, no diálogo entre a imaginação, as mãos e a matéria terrosa. A imagem final que nasceu naquele contato foi a de uma barca, conduzindo uma figura feminina, que imediatamente associei a lemanjá. Escrevi:

O barro fêmea
a argila
acarinha as pontas do dia
no cheiro redondo da terra, sua
silencia memória
chuva em gotas
através da janela
no meu outro
eu

Dentro ao redor dos
dedos
fios de medo
poros em amálgama
Do centro da fonte a flor
lagoa
a haste em pólen

flori abraços
Ao mar me abre
argila
o barro me desabrocha
(Tamara Castro)

As outras oficinas seguiram essa dinâmica: mergulho na argila, escrita silenciosa, compartilhamento das experiências. Não havia a preocupação em ensinar técnicas nem sugerir produções, nenhum objetivo além do diálogo eu-barro-nós. Ao longo desses encontros, os participantes iam se revelando a si próprios e aos demais, descobrindo suas imagens íntimas, que iam tomando corpo no diálogo com o barro. Diferentes modos de lidar com essa matéria foram se manifestando. Alguns se enraizaram profundamente em mim, fertilizando minha lama avó de sonho.

Sem desmerecer os demais interlocutores do barro, destaco os trabalhos de Tereza Yamashita e Gabriela Luzzi, por me revelarem raízes ancestrais que se atualizam no presente da criação singular. Tereza, origamista, designer visual, ilustradora e escritora, traz no barro sua história e sua origem nissei. Gabriela, jovem artista plástica, quase uma menina, une o talento com as mãos ao amor de corpo e alma pela terra. Com o barro *in natura*, a artista cria obras belíssimas e efêmeras, tanto em espaços urbanos, como o Parque da Luz, no centro de São Paulo, quanto

em locais mais afastados, como São Thomé das Letras, em Minas Gerais, onde ela criou uma série de instalações na mata, com materiais disponíveis no local, apenas reordenando sua posição no espaço. Suas belas peças, feitas de barro, folhas, galhos, pedras, ficam à mercê das águas, dos ventos e do tempo. Não há pretensão de eternidade nesta Nanã menina. Em suas palavras: *“Busco um diálogo direto com a natureza, de tal forma que ela possa interferir e dar destino ao meu trabalho.”*

Para mim, como registros dessas belas tardes de trabalho e contemplação, silêncio e diálogo, ficaram algumas peças e escritos. Entre as peças, umas se quebraram, outras deixei para trás. Algumas ainda me acompanham: uma concha de útero azulado, que ecoa em mim como uma ocarina; uma mescla de canoa e berço, onde navega uma estrela, ou flor, de quatro pontas, e uma pequena flor em botão. Como expressão escrita dessa experiência, ficaram esboços.

Metamorfose
A mão pede o barro
o barro pede o tato
a mente não quer calar
o silêncio quer tomar
sem domas
nem palavras

mineral a mão em leque erode as arestas
e a pedra se faz
flor em pétalas se abre

desabre revela

o desejo quer asas
mas a terra chama
a terra

Na gravidade
gravidez paquidérmica
as pétalas se tornam grandes abas
doce peso que ouve sem julgar

Memória da terra
desejo de água
em mim forma
o abstrato retorcido
enigma de esfinge
que não sei nem
quero
responder

Exercício de florescer
o barro chama
a mão
ela quer seu úmido segredo
de calar e florescer

formas em silêncio palavras
plenas
terra água e claro medo
raízes que sugam e sustentam
a flor que se abre ao céu

Busco olhos d'água
na tua carne de terra
Estanco a ânsia
na sede
das mãos de dedos
feito mil olhos de pedra
encontro

palavra
grávida de escuro
silêncio

A pedra comunica
sua frieza laminar
milênios de escuro
silêncio
gerando gerindo
água vento
luar uterino

Do escuro de mim
a pedra humanizada
obra im-
prima
sal semente sonho
desperto
palavra moldada
ser anima
cerâmica

Um pedaço de silêncio
cio vento lenço
livres cabelos suo
sem penso nem
senso

Crendo lento
tempo
criança no quintal
sendo

Esse foi meu último escrito nascido em diálogos com o barro,
momento em que também se encerrava minha seleção no mestrado. Início
da tormenta na travessia.

Trabalhos no barro: mergulho, navegação

Peças e fotos de Tereza Yamashita.

Peças e fotos de Gabriela Luzzi.

Ouvido de mar
secreta na concha do
dia
a pérola da dor
espiral recôndito
útero de pedra
água
(Tamara Castro)

Minhas aventuras pelo barro-palavra, entre
ostras e canoas.

Berço que busca
acalanto marulho
o canto sem fim
terceira margem de mim
(Tamara Castro)

No tato do meu calo

O tato foi meu guia pela escuridão da terra, onde fui sendo arrebatada por imagens fortes, materializadas nas peças de barro e na escrita. Com as mãos esquecidas na lama de Nanã, escrevi: *“Minha escavação é o perder-me e a dor desejo de me achar. Aprender a lição do barro de se deixar moldar e imprimir de sua terracota as mãos que o modelam.”*

Talvez seja isso o que busco no mergulho pelo escuro barro: na provocação sutil de uma concretude maleável, amalga-amando terra e água, que, ambígua¹², cede e resiste, redespertar imagens que pedem um canal, uma forma – no meu caso pela escrita. Resgatando as raízes agrárias do verso¹³, as caladas sombras da terra sussurram no vai e vem do arado, movimento amoroso, fecundante, que une passado e futuro no presente vivenciado por meio da criação poética. A travessia, palavra que abre e

¹² “A argila também será, para muitas almas, um tema de devaneios sem fim. O homem se perguntará indefinidamente de que lama, de que argila ele é feito. Pois para criar sempre é preciso uma argila, uma matéria plástica, uma matéria ambígua onde vêm unir-se a terra e a água.” (Bachelard, 2013, p. 116.)

¹³ Do latim, *versus*: ação de voltar o arado no fim do sulco; sulco, rego; movimento cadenciado; dança; passo. (Torrinha, 1945, p. 924.) Versar: lavrar com regos profundos para a preparação de sementeiras. (Cunha, 1982, p. 818.)

fecha o *Grande sertão* de Rosa, me remete a uma das imagens fortes surgidas do barro: a canoa.

Procuro na mágoa
madrugada
sons perdidos
passos
ensaios de
sonhos
um marulho ecoando
entre seios,
vales

No tronco esculpido
canoa
me lanço à larga
madrugada

(Tamara Castro)

Para Paul Ricoeur, por meio da interpretação podemos ir além dos sentidos imediatos que uma imagem nos evoca, em busca dos seus sentidos latentes, que habitam “num claro-escuro, numa reserva de significação”. (Ricoeur, *apud* Wunenburger; Araújo, 2003, p. 30.)

Nesse sentido, a interpretação é a “apropriação pessoal do conteúdo latente das imagens”: “Uma imagem fala com o sujeito porque apela a algo preexistente nele. Se um sujeito não pudesse referir um

conteúdo simbólico à sua experiência do mundo, à vida humana, a imagem permaneceria fechada, ininteligível, à semelhança de um código do qual não saberíamos a chave”. (Ricoeur, *apud* Wunenburger; Araújo, 2003, p. 31.)

No mesmo caminho, relacionando a atribuição de sentidos de uma imagem ao trajeto da pessoa, Henry Corbin considera que “a Forma imaginal dirige-se a cada um de nós, de acordo com nossa própria capacidade para recebê-la”. Assim, a atualização que cada pessoa faz das imagens antes revela a busca da alma por “quem é que torna a essência presente” do que pela “natureza do inteligível” (Ricoeur, *apud* Wunenburger e Araújo, 2003, p. 33.). Para Corbin, a apropriação pessoal de uma imagem é fruto da imaginação criadora de cada um.

Nasce-me poesia
como fruto redondo
liso em plenitude mas
coberto do meu plasma,
quente, sou eu e
minha obra,
que me olha
e revela
(Tamara Castro)

Buscando reabilitar o papel da imagem no humano desejo de criar, os estudos do imaginário a apontam como mediadora entre o campo do sensível e do intelectual, compreendendo tanto a luz quanto a sombra, já

que suas raízes profundas (inconsciente) permitem uma arborescência mais plena em busca de luminosidade (consciência). Em um ciclo (trajeto antropológico, segundo Durand), as duas instâncias se visitam, alimentando a formação da pessoa, obra em aberto, em diálogo constante com o exterior (mundo cósmico e social) e com seu interior (seus arquétipos, afetos, temperamento).

É essa abertura que propõe a educação pela sensibilidade, ou crepuscular (Ferreira-Santos, 2004a): não uma fusão com a noite e seus fantasmas, nem a negação das sombras em busca da iluminação total, mas a conciliação dos contrários, como dois polos num campo de tensão que não se anulam, mas sim complementam-se na formação da pessoa:

O imaginário deve por conseguinte ser informado e formado a fim de aceder progressivamente a uma liberdade criadora [...] Porque as imagens, longe de negar a racionalidade, obedecem mais a uma outra dialética baseada na bipolaridade, no terceiro incluído, no princípio de contradição. (Wunenburger e Araújo, 2003, p. 41.)

Como afirma Sirlene Giannotti (2008), *criar, dar forma é formar-se*, corporificar-se em uma obra. No ato da criação, a seiva profunda de nossas raízes e a luz absorvida nas folhas mais altas tocam-se, imiscuídas no corpo-alma sempre em formação, em contato com a luz, a sombra, o vento, as águas. O termo *formação* tem duplo sentido, pois, ao dar forma

às imagens, atualizando-as de acordo com nossa história pessoal e social, somos formados por elas, tornamo-nos essas imagens. No contato das mãos com a matéria que aspiramos modelar, somos, desejando ou não, calejados por ela. Nas palavras de Bachelard (2008, p. 80):

É na modelagem de um barro primitivo que a Gênese encontra as suas convicções. Em suma, o verdadeiro modelador sente, por assim dizer, animar-se sob seus dedos, na massa, um desejo de ser modelado, um desejo de nascer para a forma.

O contato com a argila, a vivência corporal de dinâmicas artísticas e a leitura de textos literários, poéticos, musicais e teóricos me provocam as mãos cavoucadoras. Destaco a importância de Bachelard e Manoel de Barros, cuja leitura foi desde o início uma fonte cujos marulhos me sussurravam um caminho às águas profundas. Lá por onde andava, em uma escrita anêmica, desritmada, perdida de chão, esquecida de sua corporalidade, de suas raízes profundas, de si e do outro. Escrita descarnada – porque supostamente convencida de que apenas a racionalidade a justifica – perde seu senso, seu rumo, seu farol. Farol queimado na noite sem lua, nos subterrâneos da cidade.

Entre as estações¹⁴

Não creio nos espectros que passam pelo meu. Hão de ser lenda, mito, platônicas miragens. Os passos, sim, são reais, ouço-os estalar sobre o asfalto, ruído surdo absorto em buzinas e gritos descarnados vendendo ficção. Vida, a prazo, a cada passo.

Outros passos me passam, ultrapassam, estacionam ao meu lado. Sons agudos de saltos sobre o piso frio, séculos marmóreos condensados em instantes de vidro e labor industrial. Alguns soam aveludados como andar de gato à espreita. Seguem-nos um cheiro redondo de café.

Meus passos me levam ao vagão e num relance entre as estações os olhos invadem meu reflexo na janela escurecida. Quem é o espectro que me fita? O breve instante, encurtado pela velocidade, não permite a revelação. A cada chegada e partida novos olhares se revelam na noite iluminada das janelas. E passam. Ao redor resquícios de conversas ecoam vozes já mortas, vindas de bocas que não se abrem sob olhos que não veem.

Apenas os passos são reais. Não há nada a levar, somente o som que não cessa. Levam-me à escada rolante e o clarão da rua ofusca os olhos acostumados à luz artificial. De ouvido busco a trilha das antigas pisadas. A chuva lavou os sons e os rastros. Nas poças chapinham pés de pato que perderam o senso da migração. Só lhes resta o pisar desengonçado de quem não nasceu para o chão.

(Tamara Castro)

¹⁴ Conto escrito em 2007, durante a disciplina “Introdução aos Estudos Comparados de Língua Portuguesa”, ministrada pelo professor Mauricio Salles de Vasconcelos, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP. Com a surpreendente provocação de nos fazer escrever, Mauricio foi um dos responsáveis por reacender meu desejo pela escrita, algo que há muito não ousava, pelo medo da crítica, infértil, endurecida, vinda de mim mesma.

“Para escapar à superficialidade de um instantâneo visual é preciso usar das mãos”, afirma Marcos Ferreira-Santos (2009, p. 9). O movimento de escavar o barro me possibilitou um mergulho profundo às minhas memórias meninas, das quais me sentia tão distante, como se ecoassem de outra vida, de outra pessoa.

Enlameio-me na torrente de minhas pensações.
Não me percebo tempo espaço,
enroscada em fios de mundo
teias de sombra entretecidas por pirilampos
fugazes
na ardência da lua nova.

Naiá, o céu mergulha no mar,
meus pés em voo
encontram-me pequena e plena de medo
no meio do labirinto tinto.

Na noite nada reluzem
dois olhos felinos
estranhos e familiares
(Tamara Castro)

Reencontro com a lama avó de sonho

A lida simultânea em duas matérias e em dois registros, o barro e a palavra, a modelagem e a escrita, permitiram que imagens e sensações submersas viessem à tona de forma incontrolável. Fui sendo tomada por

essas imagens sonoras, que me acordavam, como águas noturnas a cujo fluxo me entreguei. Dolorosamente essas imagens tomavam corpo na escrita, em palavras e na argila. A lama macia, que acolhia meus pés e minhas mãos, se tornava pouco a pouco dominadora, chafurdando meu corpo e minha alma.

A ardência do ventre me
engendra
o pulso desritmado, louco
sufocante

Me acalma a febre enterrar-me
útero e mente
na lama que me falta

É sua ausência que me move
Seu cheiro acre de vida
anfíbia exala em meus
dedos dela modelados

Sufoco ao ar
seco
meu úmido segredo
(Tamara Castro)

Nesse processo, revelou-se uma antagonista: a areia. Provavelmente sugestionada pelo tato na argila, uma sensação interessante surgiu e foi lentamente compondo a ideia de oposição entre essas duas matérias. Em oficinas de cerâmica, aprende-se que uma argila

com muita areia não é de boa qualidade. Por separarem com muita facilidade, os grãos de areia não dão coesão à massa, resultando numa peça porosa e quebradiça.

Nos subterrâneos do imaginário, essa aprendizagem tátil se associou à estranha sensação que sempre me causava o deserto visitado em sonhos na minha infância. Dessa forma, por meio do trabalho simultâneo com o barro e com a palavra, penso ter ocorrido uma simbolização que integrou essas diferentes conotações da areia-deserto, em oposição à lama-mangue.

Percebo um pouco hoje que vivo entre duas margens: uma poética, outra política. Uma que me acolhe e me ecoa. Onde meus passos se absorvem e meus pés deixam marcas macias de lama quente. Nanã boa, Nanã avó.

Outra árida, arestosa, onde estou sempre em xeque, estranha, alheia. Onde meus passos percutem agudos e sem ritmo e meus pés se tornam casca de caracol recolhido e duro em areia só. Minha mãe.

O meu rio, onde canoo nua, é meu canto. Onde marejo em feliz encontro é na minha lama avó de sonho, do meu sonho de jardim. Onde queria me estabelecer, onde estão meus devaneios quentes, redondos e macios. Paraty, as tardes douradas, meus filhos, Manoel de Barros, o desejo de barro e o cheiro de terra molhada. Onde meus pés modulam encontrando espera macia.

A outra margem me dá medo. Onde tudo o que é bom e belo, que trago da primeira, se torna desconcerto e nudez inútil. Meus passos se desnor-teiam nesse horizonte de areia escaldante que se molda em

vital. Minha figura se reflete aos pedaços em cada faceta colorida de artifícios e palavras polidas. Sorrisos construídos, lapidados a sangue frio. Não me encontro nessa margem, sou alheia, um ET coberto de lama. (Tamara Castro)

Nessa escrita, se revela com toda força o desejo de mergulho, fusão mística com o barro, associado à minha vida afetiva, íntima, ao lúdico, ao sonho. Em oposição, a repulsa à esfera pública, profissional, adulta, racional, onde minha “nudez”, a exposição de minhas emoções e imagens internas, se torna vexatória. Também nesse fragmento, nascido numa madrugada marulhada em imagens sonoras, surgem claramente as duas margens de um rio cuja força se revelaria ao longo dessa escavação.

Tal oposição de imagens me revelou uma encruzilhada.¹⁵ Na figura do “meu deserto”, se abre diante de mim uma estrada bem pavimentada, larga e bem mapeada de objetividade, racionalização, postura crítica, cisão entre mim e o mundo. No entanto, essa trilha árida leva cada vez mais longe da experiência, por não se deixar tocada, transformada por ela, deixando-se tingir pelo instante, é arriscar-se à incoerência, à irracionalidade, à erosão de limites entre mim e o outro. Na outra trilha,

¹⁵ “Encruzilhada – *Bifurcação, cruzamento*; na maioria das culturas, é um lugar significativo de encontros, dotado de poderes transcendentais (deuses, espíritos, almas) e associado com frequência ao conteúdo simbólico da porta, visto que a encruzilhada pode simbolizar também a passagem necessária para algo novo (de uma fase da vida para outra, da vida para a morte)”. (Lexikon, 1990, p. 81.)

espraia-se meu mangue, onde reina a lama, o barro, me convidando ao mergulho na experiência, no devaneio, na densa matéria da vida, na alteridade, indicando outras possibilidades de ser e de estar no mundo, com os outros e comigo.

Em *As máscaras de Deus – Mitologia criativa*, o mitólogo norte-americano Joseph Campbell demonstra que o caminho trilhado pelas religiões ocidentais, pautadas na

representação bíblica de Deus como alguém que está “lá em cima” [...], não na condição de substância, mas de criador deste universo, do qual ele é distinto, privou a matéria de uma dimensão divina e a reduziu a mero pó. (Campbell, 2010, p. 33-34.)

Como efeito desse movimento, Campbell aponta uma demonização dos símbolos que as mitologias pagãs consideravam como evidência do sagrado imerso na natureza:

O tridente de Posídon (que na Índia é Śiva) tornou-se assim o popular garfo do Diabo; o grande touro de Posídon, progenitor do Minotauro (na Índia, o touro Nandi de Śiva) deu ao Diabo sua pata fendida e chifres; [...] o fogo criativo do mundo subterrâneo, representado na tocha de Perséfone, tornou-se o fumegante caldeirão de pecados. (Campbell, 2010, p. 34.)

A encruzilhada diante da qual eu me encontrava exigia uma escolha. Ressalto que não foi uma escolha consciente, lúcida, autônoma, mas antes uma entrega a pulsões sensoriais que me tomavam noturnamente e me

dirigiam as mãos pelo papel e pelo barro. Tratava-se antes de ouvir murmúrios vindos de um além, sem me ocupar do sentido. Não sei o que essas imagens sonoras (canto de uma sereia) querem me dizer no instante em que soam, apenas as sigo. Caminho muito semelhante ao que Larrosa inventa em relação ao personagem Lord Chandos, criado pelo escritor austríaco Hugo von Hofmannsthal. Numa carta ficcionalmente escrita a Francis Bacon, Chandos se sente tomado por uma crise

que o faz abandonar essa linguagem que coisifica e separa, essa linguagem que nos faz sujeitos na medida em que converte em objetos a tudo o que nos rodeia, essa linguagem que só nos permite ser nós mesmos ao preço de nos arrancar do mundo. (Larrosa, 2014, p. 98.)

Parece-me que o mal vivido por Chandos tem em sua raiz o mal-estar diante do caminho linear e desértico tomado pela civilização ocidental, na visão de Campbell, da qual compartilho. Ao ser acometido por essa doença da linguagem, Chandos torna-se permeável ao real em toda a sua materialidade. Sente esse real de maneira tão intensa que

não pode dominá-lo de tão presente, de tão vivo. E nada pode protegê-lo do êxtase, da queda fora de si. As palavras não lhe dizem nada, não penetram em seu interior, se mantêm alheias, mas a terrível presença do real lhe fala com uma linguagem que não é uma linguagem e que lhe penetra e lhe coloca em contato com a vida até dissolvê-lo nela. (Larrosa, 2014, p. 98.)

Hoje, com alguma distância desse momento de entrega extática à matéria terrosa, penso ter vivido uma experiência similar à que Larrosa alude: o contato com *“algo que nos acontece, nos alcança, se apodera de nós e nos transforma”* (p. 99). Meu mergulho no barro, numa dança dionisíaca, orgiástica com o outro que me habita, foi abrindo canais para uma escrita fertilizada de imagens, cujo fluxo não pude controlar. A abertura a imagens sonoras não passava pelo crivo da razão. Nesse sentido afirmo que não era eu quem navegava, capitaneando a canoa desta escritura, mas, arrebatada pelo curso das águas, me deixava navegar.

A palavra é minha
lama
barro que me bulina
permite
alucina
Em massa
aos gritos sussurra balbucia foge
ora ora ora meu
dis-curso
ecoa atordoa entoa
e adormece-me caracóis sob
os dedos
acalanto de luta
em plena
travessia
(Tamara Castro)

Recorro novamente a Campbell (2010) para compreender, nesse processo, o papel do barro: terra e água em amálgama. Ao descrever as 16 figuras representadas em uma taça sacramental órfica de ouro, encontrada na Romênia e datada dos séculos III ou IV d.C., o mitólogo apresenta o ciclo de vida-morte-vida simbolizado em um ritual de iniciação. A travessia cíclica se inicia com a imagem de Orfeu, o Pescador, que está ligada ao batismo como uma morte e renascimento espiritual pela água, apropriado ao antigo cristianismo, em que o “neófito era tirado da água como um peixe” (*op. cit.*, p. 27). Também no hinduísmo encontramos essa relação, na figura mítica da virgem Satyavatī, nascida de um peixe. Na epopeia de Gilgamesh, o rei babilônico mergulha nas águas abissais do oceano cósmico para colher a planta da imortalidade. No entanto, ao voltar à terra, o herói perde a planta, que é engolida por uma serpente. Eis o mito da serpente, ser ctônico que, ao trocar a pele, renasce, enquanto o ser humano, não tendo essa capacidade, deve se entregar à morte. No entanto, a morte é o início dessa busca interior: “Como o sol poente, ele [o neófito] desce em morte simbólica à terra, e no décimo quarto estágio ressurge para um novo dia” (*op. cit.*, p. 29).

Além da água, a terra é fundante nessa representação órfica e está associada a uma figura feminina que conduz o neófito. Nas palavras de Campbell (2010, p. 30),

assim como o poder feminino residente na terra liberta da pinha a semente da vida, também o mistério das deusas liberta a mente do neófito de seu vínculo com o que Paulo (usando a linguagem dos mistérios) chamou de “este corpo de morte”.

Snake and Witchetty Grub Dreaming [Sonho de serpente e larvas de mariposa].
Pintura aborígine. Barney Daniels Tjun-Gurrayi/Robert Harding Picture Library

Neste despojamento no barro, como no rito órfico, penso ter se processado uma morte simbólica. A escavação-mergulho simbolizou uma “desenformação”, “desaprendizagem” de conceitos e valores ressequidos,

estanques, que precisavam ser destruídos em mim para permitir o nascimento de novas possibilidades de ser.

Esta escavação não forma, não informa,
nem reforma
É antes e mais um destruir-me as linhas que sufocam

Meus dedos são seus rivais e meus agentes
Escavo-me a terra ressequida enformada infértil
até que os calos se desfaçam brotando
canais de linfa
meu sangue e carne

Até que os nervos gritem
minha deformação
Até que a terra se torne
a lama do meu rio

e eu
possa ser sua
voz

(Tamara Castro)

A destruição das linhas, a deformação dos nervos, a putrefação da pele – última fronteira entre indivíduo e todo – levam à reintegração do corpo com a unidade, a terra mãe. O sangue que brota da violenta destruição torna-se linfa, lama do rio. Despojando-se da forma conhecida, o ser talvez possa se tornar canal de um outro que o habita – a voz do rio.

Desinvenções, reinvenções... Essas palavras cabem a pessoas como nós, cercadas de tantas referências, seguros de vida, saúde, mapas, guias, normas ABNT que nos indicam como andar, falar, pensar, escrever, enfim, viver? Essa questão me atormentava: como eu, adulta, mãe de dois filhos, duas faculdades nas costas e um mestrado em andamento, esboço de carreira “segura” abandonado e um trabalho que não me preenchia, poderia de novo mudar o rumo da minha canoa, sem destino certo?

O barro me dá sua
concreta realidade
mais que essas palavras
vagas
essa mente
remelenta
meios conceitos meios
instintos sentimentos

me dá sua
suada matéria
se entremeia a esta pele
que é corpo mas
se esquece

obra
não me deixa
na parede
(Tamara Castro)

Mergulhar, me perder e me esquecer no barro era preciso, pois as coisas, que são tão fortes, como constata Drummond¹⁶, a realidade das coisas, mais do que as ideias, vão indicando caminhos. Numa “imersão reflexiva” (tomando emprestado a expressão cunhada por Gabriela Luzzi), calando no barro a tagarelice infértil e enfadonha do “cérebro da cabeça”, procuro me colocar à disposição da experiência, tateando e ouvindo caminhos que se abrem no breu, no silêncio fecundo.

O cérebro da cabeça andou toda a vida atrasado em relação às mãos, e mesmo nestes tempos, quando nos parece que passou à frente delas, ainda são os dedos que têm de lhe explicar as investigações do tato, o estremecimento da epiderme ao tocar o barro, a dilaceração aguda do cinzel, a mordedura do ácido na chapa, a vibração sutil de uma folha de papel estendida, a orografia das texturas, o entramado das fibras, o abecedário em relevo do mundo. (Saramago, 2005, p.83)

Guiada pela imaginação material desperta no trabalho com a terra, pude experimentar uma entrega plena às imagens sonoras que conferiam forma e fluxo à escrita. Simultaneamente, na brincadeira ctônica, penso ocorrer uma “desinvenção de mim”. Com sua maleabilidade concreta, meu verso volta à tona: *“o barro me ensina a lição de se deixa moldar e*

¹⁶ “Calo-me, espero, decifro. / As coisas talvez melhorem. / São tão fortes as coisas! / Mas eu não sou as coisas e me revolto. / Tenho palavras em mim buscando canal, / são roucas e duras, / irritadas, enérgicas, / comprimidas há tanto tempo, / perderam o sentido, apenas querem explodir.” (Drummond, 2000. p. 29.)

imprimir de sua terracota as mãos que o modelam”. Descobrir-me impermanente, indefinível, incompleta por natureza (não por defeito de fabricação), possibilitou um novo olhar sobre um traço meu que sempre tive como negativo: o desejo de errância, manifesto na dificuldade em estabelecer definições, valores e desejos, que pressentia ainda na adolescência, quando lia convulsivamente “Tabacaria” (Pessoa, p. 362):

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.

Relendo com os olhos de hoje esse poema tão íntimo, outro verso ganha relevo: “*À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo*”. Percebo, enfim, que não ser nada, não ter um conceito definitivo e absoluto de si, é ter a ilimitada capacidade de sonhar, inventar, criar. Ao assumir a brincadeira viva do barro, a alegria plena de ser transitório, posso vivenciar o que Rogério de Almeida denomina de “aprendizagem de desaprender” ou “pedagogia da escolha”:

Nada pode garantir a permanência de algo que, como expressou Schopenhauer (2004), desperta com o nascimento e se apaga com a morte. Portanto, a consciência que atina para o nada que era antes de nascer, embora o mundo fosse, e para o nada que a espera, ainda que o mundo permaneça, tem a difícil escolha de aprovar uma existência sem princípio ou finalidade que não de ordem circunstancial (escolha trágica), ou, não suportando tal visão, crer em algo que justifique a existência (escolha não trágica). (Almeida, 2013, [s.p.].)

Colocando em suspenso padrões e conceitos impingidos desde o nascimento, essa desaprendizagem, a princípio, gera desconforto, pois faz ruir um chão de certezas. Aos poucos os nós se desatam e uma ideia de liberdade delineia. Se nada tem um sentido prévio, dado, então posso inventar. Eis a arte como criação e escolha de um caminho de autoformação, na qual o imaginário, o caráter lúdico e transitório da vida têm um papel primordial. Nas palavras de Barros (2010, p. 345):

Tudo que não invento é falso.
Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira.
Tem mais presença em mim o que me falta.
Melhor jeito que achei pra me conhecer foi fazendo o contrário.
Sou muito preparado de conflitos.
Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou.
O meu amanhecer vai ser de noite.
Melhor que nomear é aludir. Verso não precisa dar noção.

Mergulhar no barro foi, assim, minha forma de vivenciar o processo de morte e renascimento, que me possibilitou reatar os laços eróticos entre palavra, corpo e imaginário.

As palavras em massa
me atordoam
aos gritos sussurram
balbuciam todas ao mesmo
tempo sem ordem

como a massa de barro
inerte começam a falar para mim
e eu para elas
quando me permito
buliná-las
(Tamara Castro)

Bulino as palavras, despertando nelas (em mim) o fogo da brincadeira, da invenção. Assim reencontro meu pulso, me reconduzo ao fluxo vital, me redescubro corpo e pessoa como “obra em arte”¹⁷, sempre inconclusa, junto com os outros, no trajeto cotidiano, mergulhada no ciclo vida-morte-vida, que a narradora de histórias, Fabiana Rubira (2015, p. 282) denomina de “*dança da Senhora da Vida com o Senhor da Morte*”:

Esse fio humano que dança vai fazendo e desfazendo voltas, numa espiral labiríntica que imita os caminhos que o herói precisou trilhar até encontrar-se com o Minotauro, o Senhor da Morte. O herói civilizador que busca a vitória pela espada não aceita a morte, abandona sua Anima, a Senhora dos Labirintos que é a Senhora da Vida, e assim sela seu destino trágico. Por isso, Shariar é quem nos mostra o que fazer, rei e senhor de seu destino, ele desposa sua anima, une-se a ela na cópula sagrada do *hieros gamos*, que mais que uma fusão de corpos é uma fusão de destinos e almas, que evoca a Primavera, com a qual Dioniso, o que sabe renascer, ressurgue como

¹⁷ Como afirmam Ferreira-Santos e Almeida (2012, p. 152): “Poderíamos [...] em vez de obra de arte, defender uma *obra em arte*, em que o aspecto processual seja predominante sobre o produto final. A consequência imediata dessa operação é que a própria pessoa constitui-se como uma obra em criação, dado sua neotenia [...], que faz com que o homem aprenda durante toda a vida, e o aspecto cultural de sua existência, pelo qual dota de sentido sua experiência de existir.”

Deus de êxtase, garantindo o júbilo daquele que não eliminou o Senhor da Morte, mas o aceitou, de quem não abandonou a Senhora da Vida, mas permaneceu atado a ela, sabendo-a dentro de si, e é unido a ela que ele, o rei, vive e deixa viver.

Percebo hoje outro registro, outra escrita que renasce de mãos meninas, inquietas e silenciosas, buscando às cegas canais, veios d’água, pedras. Tesouros, apenas pressentidos no eco dos dedos, guiados por uma luz úmida e profunda. Mergulhando no poço escuro, trago tesouros da infância à superfície, fecundando-a. Com as digitais entranhadas de terra, escavo em versos a superfície lisa. Minha busca se revela então, aqui, agora, como minha forma de corporificar essa escrita, lembrando-a de seu canto, corpo sonoro formado por pés e mãos que percutem imagens e fecundam o caminho.

Esse fogo que me toma
gelo encandeado
meu barro entumescendo
nesses verões de voz surda
Tambores sob minha pele
retumbam na carne o sangue
e sua dança
Nos pés seus passos que não
são pedra pedem
caminhos, ondas,
cirandas
(Tamara Castro)

IV. DO RIO À CANOA

Tamara Castro, bordado, núcleo Fios e Tramas do Lab-Arte,
1º semestre de 2015. Foto: Nádia Tobias

Tenho em mim
o tempo
da flor de pedra

A carne que me forma
a pétala que me desabrocha
o pólen que me fecunda
sonham seus mares nas águas
turquesas

Emimesmados titicacas
medusam,
sinto a pulsação de riachos
sob a pele espelhada
(Tamara Castro)

Quando menina, seguia fiel qualquer pessoa que me assobiasse uma história cheirando a encantamento. Como a avó Maria e suas lembranças de uma remota vida em que teria sido uma sinhazinha loura e má – logo ela, negra e amorosa avó Maria, colo macio como os algodõesinhos que lhe adornavam a cabeça. Como tia Natalina, minha professora do 1º ano, em cuja voz as letras tornavam-se personagens que a cada dia nos enredava em aventuras: assim nos ensinou a ler e escrever. Como Eliane e suas narrativas cheias de graça, trazidas de um até então, para mim, mítico Cacimão (Pesqueira, em Pernambuco): suas histórias traziam o cheiro e a paisagem daquele povoado longínquo, cujos moradores imaginavam uma São Paulo de ruas feitas de ouro e cravejadas de tantos diamantes, que os pés dos transeuntes sofriam dando topadas em suas pontas lapidadas.

Foi essa sede amorosa de estórias-histórias que me levou a, anos antes, participar do Lab-Arte¹⁸ de Narração de estórias com a *sherazade*

¹⁸ Coordenado pelos professores Marcos Ferreira-Santos e Rogério de Almeida, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp), o Lab_Arte (laboratório experimental de arte-educação & cultura) se estrutura em vários núcleos de vivência e experimentação, coordenados por estudantes da graduação e da pós-graduação da Feusp. Entre esses núcleos estão: narração de estórias, dança, animação, histórias em quadrinhos, cinema, poesia, teatro, fotografia, educomunicação, palavra, música, artes visuais, fios e tramas (bordado). Trata-se de “de um laboratório didático [...] criado, por iniciativa de alguns alunos de Pedagogia, para tentar suprir uma importante lacuna nas atividades

Fabiana Rubira, numa busca de voltar a ouvir essas vozes oriundas de um jardim onde “*as flores falam / e sabem ler, sabem escrever a dor / que calam*” (Marques, 1988).

Essa mesma busca me animou à aventura de, sem ser artista no sentido estrito, ingressar na disciplina “As Narrativas da Tradição Oral e a Formação de Educadores Artistas”, desenvolvida pela pesquisadora de contos tradicionais Regina Machado na Escola de Comunicação e Artes (ECA). Logo no primeiro dia, uma tarde chuvosa de março, me perdi por aqueles labirintos.

Atravessando um gramado extenso, chego à sala, atrasada. À minha frente, uma instigante porta vermelha, cujos olhos estão misteriosamente cerrados por pálpebras negras. Aproximando-me, o chuveiro nos cabelos se alegra: tem música lá dentro. E o receio vai dando espaço à curiosidade. Entreabro, vagarosamente, a porta e, adentrando, deparo com crianças grandes brincando com objetos invisíveis. Tomada da vontade de entrar na brincadeira, me detenho: Pena ter chegado tarde! (Tamara Castro)

Trazendo para a presente dissertação um registro dessa primeira aula, desejo reabitar o clima que se instaurou no meu corpo-espírito,

formativas da instituição a partir de experimentações e vivências nas várias linguagens artísticas.” (Rubira, 2015, p. 23).

despertando o imaginário adormecido pelo excesso de *doxa*¹⁹. Talvez por meio dessa rememoração possa compreender o turbilhão de sentimentos envolvidos no percurso, uma mistura de entusiasmo – vendo-me tomada de palavras, imagens, sons e cheiros de que nem me lembrava –, e de dor – sentindo-me perdida, inadequada, incompetente: sozinha, sem bússola e sem projeto. Aquele calhau que eu desejava seguro afundava a olhos vistos e eu, náufraga, contemplava perplexa os destroços à deriva.

Paradoxalmente, ao largo e junto do propósito explícito da disciplina – discutir como a arte de contar histórias pode contribuir no processo de aprendizagem – as ricas e (para mim) desconcertantes propostas de Regina Machado realizadas com o grupo, formado por artistas de diferentes áreas, origens e com experiências variadas, iam me desconstruindo. E eu ia, in-feliz, desaprendendo.

Estou me desenformando, me embrenhando,
enlameada no meu achadouro da infância
como me desensina Manoel de Barros

Quero me lembrar
a cor do gosto das folhas

¹⁹ Segundo Maffesoli (1996, p. 184), a “determinação social das categorias de pensamento, os preconceitos, seja de que ordem forem, os diversos consensos, políticos, culturais, culturais, morais, em suma, a *doxa*, cujos efeitos ainda não foram completamente avaliados, não podem ser compreendidos senão em ligação com a empiria: aquilo que pode ser chamado, de maneira simples, de ‘coisas da vida’, substrato indizível da socialidade de base.”

ao vento o cheiro das mãos cavoucadeiras de jardins subversos
à sombra daqueles pés que topavam em pedras
pra colher mamona e lançar
seus gritos verdes cabeludos

Até que a tarde venha e pinte
de pardo
todos os gatos
(Tamara Castro)

Ao longo desse percurso que para mim foi dolorosa desaprendizagem, fui descobrindo (ou relembando) aspectos de mim, da minha postura diante do mundo, dos outros. Aspectos dos quais sempre fugira presa das normatizações que me moveram até ali: atender às expectativas, ser boa aluna, boa profissional, boa mãe... Afinal, quem e quantas sou eu e o que eu realmente quero? Que os caminhos meus pés e mãos trilhariam? Que sons e cheiros povoam meus desvios de estradar? Essas questões, despertadas a partir do meu ingresso no mestrado, mas ainda sonolentas, vieram à tona de maneira dramática. Ao mesmo tempo, vivia o redespertar a uma escrita feita de desejo, dor, entrega. Uma volta à infância, aos cheiros dela, trouxe perguntas de (des)aprendizagem.

Revisitando as propostas vividas, compreendo alguns elementos que dão corpo ao diálogo entre narrativas de tradição oral e educação. Um deles é a participação de imagem e pensamento – duas maneiras de

formular o mundo – na experiência de aprender. A palavra-corpo *experiência* traz outros sentidos ao aprender, ainda tão associado à simples transmissão de conceitos. O aprendizado como vivência envolve o corpo e tudo que nele ressoa, repercute, que o move. Assim, torna-se tatuagem, grudado, pois, como afirma Regina Machado, “só se aprende quando tem onde grudar”. Daí uma de suas propostas, o caderno de grudados, em que pude registrar, de forma mais livre que as anotações de conceitos, tarefas e referências acadêmicas, ideias, memórias, imagens, sonhos e devaneios. Meu caderno de grudados tornou-se baía aonde as primeiras escritas renascentes puderam efluir.

Outro exercício vivido pelo grupo foi denominado *encontro com imagens internas*, que consiste em dispor-se à contemplação da paisagem interna de cada um, em contato com o mundo, o outro, a natureza, a cultura²⁰. Essa contemplação – que promove a observação sem crítica, sem valorização moral, de nossas imagens despertadas nesse contato – ao ser “grudada”, ganha forma, expressão estética daquela massa entranhada e amorfa. A forma, a dimensão estética das imagens internas, depende do diálogo entre o que concebemos (por meio da formulação de hipóteses, imaginação e investigação de possibilidades, reveladas na capacidade criativa do ser humano) e o que percebemos (não a percepção mecanizada pela repetição, mas o modo como nos dispomos ao encontro naquele instante, como nos apresentamos a ele, de forma íntegra, aberta). O conto a seguir me parece bastante expressivo desse movimento cíclico entre os recursos internos e externos, que possibilita ao mesmo tempo criar e nos criar – a matéria nos forma enquanto lhe damos forma:

²⁰ Na dinâmica das aulas, o principal interlocutor nesse encontro foi a narrativa sufi “O cordeleiro Nurudin”, que integra as *Histórias de dervixes*, coletânea organizada por Idries Shah (2010). Ao longo do semestre, relacionamo-nos com essa narrativa de diferentes maneiras e explorando linguagens variadas (música, dança, literatura, desenho, colagem, entre outras). Percebi, nas diversas atividades propostas, uma dinâmica de aproximação, afastamento e reaproximação do conto, que era constantemente revisitado, resignificado e recriado por cada um e por todos, na forma de dramatizações estáticas, interpretações e leitura de outros textos literários (Rosa, 1974) e teóricos (Benjamin, 1994; Hampaté Bá, 1980; Machado, 2004), que eram discutidos coletivamente e também deram base à criação de textos autorais dos participantes.

Era uma vez um mestre carpinteiro que fazia objetos de madeira tão belos a ponto de o imperador lhe perguntar qual o segredo de sua arte.

– Alteza – disse o carpinteiro –, não existe nenhum segredo. Mas eu posso lhe relatar como trabalho. É assim que eu começo: quando vou fazer uma mesa, primeiro reúno as energias e trago a mente para a quietude absoluta. Desconsidero qualquer recompensa a ser ganha ou fama a ser adquirida. Quando estou livre das influências de todas essas considerações exteriores, posso escutar a voz interna que me diz claramente que devo fazer.

Quando minhas habilidades estão assim concentradas, pego meu machado. Asseguro-me de que ele esteja bem afiado, que se adapte à minha mão e balance com meu braço. Então eu entro na floresta.

Procuro a árvore certa: aquela que está esperando para se tornar a minha mesa. E quando a encontro, pergunto:

– O que eu tenho para você e o que você tem para mim?

Então corto a árvore e começo a trabalhar. Eu me lembro de como meus mestres me ensinaram a coordenar minha habilidade e meu pensamento com as qualidades naturais da madeira.

O imperador disse:

– Quando a mesa está pronta, tem um efeito mágico sobre mim. Não posso olhar para ela como olharia para qualquer outra mesa. Qual é a natureza dessa mágica?

– Majestade – disse o carpinteiro –, o que o senhor chama de mágica vem apenas disso que acabo de lhe contar. (Machado, 2004, p. 42-43.)

Uma das maneiras de abrir espaços internos é brincando. Jeito criança de aprender, entrando em contato direto com o mundo, perguntando, abrindo-se ao desconhecido, experimentando linguagens, investigando possibilidades, criando hipóteses, objetos, formas de mais brincar. Descobrimo o tempo como pulso, ritmo entre a imaginação e a

realidade, no desabrochar do instante. Para Regina Machado, um dos modos de dispor-se ao instante é perguntando, “exercício genuíno e significativo de aprender”.

Esse foi outro exercício proposto a nós durante a disciplina, o de perguntar. Fomos orientados a fazer uma lista de perguntas relacionadas à disciplina e a nosso projeto de pesquisa. Em seguida, escolheríamos a pergunta principal, que registraríamos no meio de uma folha de papel, dispondo as demais em torno, como um tiro ao alvo. Por fim, deveríamos observar a disposição das perguntas no papel, investigando “que imagem essas perguntas nos trazem?” e desenhá-la no centro da folha. A proposta era perceber nossos movimentos internos de aprender, de organizar nossas reflexões de modo teórico-poético, em que são constituintes forma e conteúdo, reflexão e imagem, observando se o que pensamos dialoga com o que imaginamos.

Nesse momento, veio à tona a minha enorme dificuldade em perguntar. Não em tecer perguntas retóricas – que não me tiram do ponto de partida, me deixam na “zona de conforto”, como se costuma dizer. Mas sim em fazer perguntas de quem se arrisca a um destino desconhecido. No meu caderno de grudados, cheia de dedos, rabisquei duas questões, vinculadas à disciplina:

Como deixar ressoar na voz, na pele, na escrita o que se passa em meus processos internos – de imaginação, reflexão?

Como permitir que as histórias tradicionais sejam um interlocutor nessa busca de dar forma a conteúdos primitivos, internos, averbais, pré-lógicos? (Tamara Castro)

Percebia tímida a fonte das perguntas, precisava desobstruir seus canais. Qual Kiriku²¹, sentia que precisava empreender uma escavação com meu próprio corpo. Súbito, numa madrugada de terça-feira (a revisora de plantão ainda estava dormindo), um mergulho em águas “subversas” me acordou com um borbulhão de perguntas, que registrei, afoita.

Onde está minha brecha de sonho? E por que tem de ser brecha?

Por que penso que a terra e o tato são essenciais na minha busca de expressão, canalização, organização de imagens e ideias?

Por que a(s) imagem(ns) canoa-rio me ressoam, ressonam, evocam, (co)movem tão intensamente?

Por que sinto hoje o fluxo imagem-palavra tão fraco, titubeante, como um conta-gotas entupido?

Onde está minha bússola? Um canoeiro precisa de bússola?

Por que minhas instâncias de vida – filha-mãe, criança-adulta, estudante-profissional – me parecem tão estanques, sem fluxo, sem coerência, sem organicidade?

²¹ Protagonista da animação franco-belga *Kiriku e a Feiticeira*, dirigida em 1998 por Michel Ocelot. Kiriku é um pequeno herói africano. Tão pequeno que não chega aos joelhos de um adulto. No entanto, assume uma missão imensa: enfrentar a poderosa Karabá, a feiticeira que, segundo contam todos na aldeia, engoliu os homens que foram enfrentá-la, roubou o ouro da população e, o pior de tudo, secou a fonte de água da aldeia. Para recuperar essas coisas e pessoas, Kiriku se arrisca por lugares onde somente pessoas muito pequenas poderiam entrar.

Por que só dói quando respiro?

O que de mim me leva a ansiar tanto histórias? Elas me fazem calar ou falar?

Quando o silêncio se torna palavra? Quando a palavra se torna silêncio?

O que me vem antes: a imagem ou o som?

Que espelho de mim vejo nos olhos do meu filho, da minha filha?

Qual é o quintal possível para nós hoje?

O que quero com o barro: esquecer-me na massa-mãe primordial ou emergir dela, coberta de sua matéria, cheiro, cor?

A palavra é sopro, canoa, terceira margem?

Pra você sabiá-laranjeira parece um torrão de terra alado com bico de flauta?

Por que desejo tanto a árvore que me torno canoa?

Posso trazer o cheiro do manjerição do quintal da minha avó de volta à minha história?

Vai doer muito? Vai ser bom-ruim como brincar no gira-gira?

Tenho medo de: a canoa virar ou de não saber remar?

(Tamara Castro)

Desse borbulhão surgiu meu primeiro alvo de perguntas, que dispus no papel de modo um tanto caótico. Não sabendo bem qual era a pergunta principal, centralizei uma das que mais me tocavam: “A palavra é sopro, canoa, terceira margem?”. Acompanhando-a, uma grande *luacanoa* amarela boiava entre perguntas centrífugas.

A partir dessa primeira madrugada de escrita, muitas outras se seguiram, trazendo a dádiva de palavras aos borbotões, acompanhadas de

lembranças (d)olorosas (pois recendiam cheiros diversos) e uma alegre tristeza aguda. Essa escrita incontida sempre acontecia na calada madrugada, como se apenas nesses momentos me fosse possível brotar a vida.

Criar a si próprio um ser é muito grave. Estou me criando. E andar na escuridão completa à procura de nós mesmos é o que fazemos. Dói. Mas é dor de parto: nasce uma coisa que é. É-se. É duro como uma pedra viva.
(Clarice Lispector, *Água viva*.)

não sei o que faço
por onde me leva o tato
aonde vou
estar subverso dói
digo com Clarice, sei
é só estar assim
à deriva, à
procura,
no escuro tato da
terra
enlameado
às voltar com formas que
me perder, pedem, perdoam
esculpem o suor, o sangue,
a sílaba
sem lanterna, sem vela,
faro, olhar
perdida nesse mar
castanho
estranho
entranhas

à flor do...

nasce o dia
era uma vez uma tão desejada
princesa das mil e uma noites
(Tamara Castro)

Nesse fluxo, que aproximo do que Barthes entende como *escrita de gozo*²², por não ser uma escrita controlada, racional, mas uma experiência arrebatadora de me submeter às palavras da forma como me eram dadas, vinham-me também embates com o projeto. Titubeei em usar a palavra *embates* no lugar de *reflexões*, mas esta não expressaria o que vivenciava, pois, naquele momento, não havia lucidez diante das palavras que me visitavam. Eu as ou-via e escrevia, em torrente. A atitude reflexiva que busco para tecer a ponte entre essa escrita e a educação como caminho de formação pessoal é posterior a esse jorro caótico.

²² Barbosa (2003, p. 54), a respeito da poesia de Manoel de Barros, afirma: "Estaremos diante do que Barthes denominou *texto de gozo*, um texto que se aproxima da perda, que faz ruir as certezas do sujeito. 'Este texto está fora-de-prazer, fora-da-crítica, a não ser que seja atingido por um texto de fruição: não se pode falar sobre um texto assim'". Segundo Lúcia Castello Branco (1991, p. 47-8), "Barthes mostra que o texto de gozo, ao contrário do texto do prazer, não obedece a uma dinâmica do preenchimento, da satisfação, mas aponta para algo que se situa sempre adiante, sempre mais além e, que portanto, nunca é atingido, nunca se completa, nunca se satisfaz. O texto do gozo é Insuportável, por sempre colocar a morte no jogo, a perda, a destruição das certezas do sujeito, a ruína de seus alicerces, enquanto o texto do prazer reconforta o leitor, 'contenta, enche, dá euforia', pois não estabelece entre leitor e linguagem uma relação de crise."

Na sístole-diástole mergulhar-revelar-compartilhar e novamente imergir, o diálogo barro-palavra guiado pelas minhas sensações imagens-ações despertas no contato com a matéria pulsante, plástica, fluida e ao mesmo tempo resistente, pode me levar a um caminho que também escolho, construo? (Tamara Castro)

No trajeto que estou construindo, no meu passo, percebo as imagens e as reflexões como fios irmãos que compõem uma intrincada trama. Olhar distinto do que prevalece na escola e na academia, onde reina o pensamento analítico, que separa e hierarquiza os saberes e as formas de apreender, compreender e criar o mundo. Na contramaré, possibilitar o diálogo entre educação e arte, em diferentes níveis e formas, tem uma dimensão simbólica, ao possibilitar o trânsito entre as diversas dimensões que nos compõem e as várias maneiras de vivenciar nossos espaços internos, o outro, o mundo.

A arte, qualquer arte verdadeira, permite este trânsito compreensível pelos significados fundamentais da vida humana. Não se trata de uma compreensão mensurável ou explicável dentro dos padrões convencionais. “Analisar intelectualmente um símbolo é como descascar uma cebola para encontrar a cebola”, disse Pierre Emmanuel. (Machado, 2004, p. 25-6.)

De diferentes modos, dando forma a esse trânsito, propostas teórico-poéticas como o caderno de grudados, o alvo de perguntas e outras desenvolvidas ao longo do semestre me possibilitaram reencontrar imagens talvez adormecidas sob o excesso de informações, conceitos, conteúdos normativos. Em minha formação, tão centrada na palavra escrita, a imagem sempre ficou em segundo plano, com uma função

ilustrativa. Mesmo quando adolescente, em minha escrita ainda não crivada pela censura revisora ou pela crítica literária, a ênfase era na ideia em sua comunicação clara e direta, sem ruídos. Ao longo da vida escolar e acadêmica, passei a cultivar a ideia da escrita como um projeto a ser bem estruturado. A imagem, a metáfora eram penduricalhos do conceito. Nessa concepção, há pouco espaço para o devaneio, a contemplação, o desejo. Pouco espaço para a dúvida, o delírio, o risco, o erro. Com isso, me afastava cada vez mais da experiência da escrita, essa escrita de gozo, que havia vivenciado algumas vezes na adolescência.

ao redor desta
ostra
e seu frio magma
pólipos
sólidos cristais de nadas
dogmas
se esvaem
lentamente
na ciranda
destas ondas
sem sossego
(Tamara Castro)

Foi estarrecedor me ver tomada por imagens sonoras de tal forma renitentes que não podiam deixar de ser percebidas. A primeira e mais insistente imagem que veio à tona foi a da canoa. Uma barca simples, movida pelo sopro do vento e a força dos braços, que possibilita a travessia silenciosa. Seu corpo, de árvore escalavrada, guarda nas raízes as memórias da terra e das águas subterrâneas. Será por isso que não estanca diante da travessia pelos oceanos mais profundos e rios mais

escuros? Essa canoa que me visita tem a carne habitada de craca, ostra, busano. É generosa em permitir a travessia dessas criaturas cuja natureza é de oclusão em meio ao mar e que vão minando sua carne lenhosa, tornando-a da mesma matéria: areia, lama, água e sal. É assim que aceita a morte, com a mesma “macieza” com que cruza margens. “*Vamo na mais pura macieza. Vamo na maior delicadeza*”, canta Consuelo de Paula, canoando pelo “Riacho de areia”.

Há muito tempo a figura da canoa me encanta. Na obra de Guimarães Rosa, o conto “A terceira margem do rio” é um dos que mais me afetam, assim como a canção que Caetano Veloso²³ compôs inspirado nele. Outras cantigas que trazem em seu bojo essa imagem me emocionam profundamente, como “Canoa, canoa”, de Nelson Angelo e Fernando Brant, interpretada por Milton Nascimento (1978), “Riacho de areia”, canto dos congadeiros de Pratápolis, no Vale do Jequitinhonha, e

²³ A canção “A terceira margem do rio” é a nova faixa do álbum *Circuladô* (VELOSO, 1991). A letra se derrama pelo fluxo do rio de Rosa, levada pelas águas da palavra que, num ritmo lento, marcado pela repetição percussiva de vogais e consoantes, se desata do compromisso de fazer sentido para fazer soar em nós a voz das águas. “Oco de pau que diz: / Eu sou madeira, beira / Boa, dá vau, triztriz / Risca certa / Meio a meio o rio ri / Silencioso, sério / Nosso pai não diz, diz: / Risca terceira / Água da palavra / Água calada, pura / Água da palavra / Água de rosa dura / Proa da palavra / Duro silêncio, nosso pai / Margem da palavra / Entre as escuras duas / Margens da palavra / Clareira, luz madura / Rosa da palavra / Puro silêncio, nosso pai / Meio a meio o rio ri / Por entre as árvores da vida / O rio riu, ri / Por sob a risca da canoa / O rio riu, ri / O que ninguém jamais olvida / Ouvi, ouvi, ouvi / A voz das águas / Asa da palavra / Asa parada agora / Casa da palavra / Onde o silêncio mora / Brasa da palavra / A hora clara, nosso pai / Hora da palavra / Quando não se diz nada / Fora da palavra / Quando mais dentro aflora / Tora da palavra / Rio, pau enorme, nosso pai”.

ainda “Cantilena”, do inspirado Luis Perequê (1992), tenaz em sua luta de “defeso” da cultura caicara. Na mitologia greco-latina, Caronte, na iorubá, Iansã Igbalé²⁴, no hinduísmo, a virgem nascida de um peixe, Satyavati, associadas a travessias foram despertando em mim marulhos submersos.

A canoa também me traz memórias vividas em Paraty, cidade onde ancorei meus sonhos mais cálidos. Memórias recendendo ao Mamanguá e suas mamas generosas, gêmeas bivitelinhas, à fala mansa e ao riso de seu Tito, às saídas noturnas na canoa, às festas e rodas de viola com seu Licínio e os meninos. Há uma noite em especial. Eu e Ângela, companheira de viagens inesperadas ao Mamanguá, recém-chegadas de São Paulo, esperávamos, no cais de areia de Paraty-Mirim, a vinda do querido e calado Levi, para nos levar ao nosso remanso. Eram cerca de 9 horas de uma noite sem lua, quando Levi chegou, em sua canoa, arando ao ritmo do remo a intensa ardência naquele negrume. Nós três, abrigados na canoa, companheiros em uma travessia que se tornou parte de mim. Tanta maravilha doía no peito e dispensava palavras: bastou a troca de olhares silenciosos cintilando à flor das águas. Sinto que essas diferentes vivências envolvendo a imagem da canoa foram se incorporando ao meu corpo-alma, criando uma forte paisagem interior em que a figura se destaca.

Minha luacanoa
embarca comigo
no coração da minha busca

²⁴ “Igbalé” é um aspecto da orixá dos ventos e dos raios ligado ao culto dos mortos, por isso, nessa manifestação, é associada a Omolu e a Nanã. Sempre vestida de branco, ela ilumina o caminho dos mortos (eguns) e quando dança parece guiar, com o vento de seus braços, as almas errantes.

atravessando as dunas que me
inundam do sonho de infância
amarelo açafraão que me ofusca
e irradia

Sê minha guia das mãos
que mergulham,
palavram o barro
da minha embarcação
(Tamara Castro)

Antes de percebê-la na minha escrita, formas que hoje associo à canoa já haviam se apresentado em alguns trabalhos com o barro²⁵, mas eu ainda não havia notado essa recorrência. Foi com o início do caderno de grudados que eu me dei conta, quando, buscando vivenciar a relação imagem-reflexão proposta por Regina Machado, resolvi me aventurar pelo desenho. Inspirada em uma ilustração da canadense Elly MacKay, fiz uma ilustração²⁶ e a pinte com lápis de cor, bem escolar. Tentando compensar minha falta de técnica, trouxe à minha versão alguns elementos queridos: uma baía mansa, cercada de montanhas, ao fundo o traçado de uma igreja e casario; no plano central, a canoa verde, que eu conduzo ao remo, na companhia de Crispim, meu fiel cachorro; no meio da canoa, ergue-se um impossível manacá-da-serra e uma inacreditável maritaca solitária. A obra, despretensiosa, me deixou feliz. Mas aquele desenho ainda me dizia algo, que veio de chofre, em forma de anseio: “Assumir meu destino: ser canoeira”.

²⁵ As fotos das peças em barro estão no capítulo anterior, “O corpo do barro”.

²⁶ Esse desenho está na abertura de “Memorial em aquarelágrimas”.

A frase me soou bela e oracular, como se ecoasse das profundezas de uma ostra. Não tinha ideia de qual seria sua relação com o meu projeto de pesquisa, mesmo porque já não tinha mais nenhuma clareza sobre ele. Talvez exatamente por isso, me entreguei à beleza da imagem, enquanto continuava escrevendo no caderno de grudados. Uma sensação de dor e plenitude me tomava nessas madrugadas, em que era acordada por uma imagem latejante, uma lembrança ou uma frase que se recusava a calar. E eu me deixava levar, canoando, pelas águas de vozes submersas que me despertavam nas horas mortas. Seria esse o sentido da frase para mim? Aonde a canoa quer me levar? Sem vestígio de resposta para essas perguntas, fui me entregando cada vez a essa imagem em minhas madrugadas de escrita.

Procuo na mágoa
madrugada
sons perdidos
passos
ensaios de
sonhos
um marulho ecoando
entre seios
vales

No tronco esculpido
canoa
me lanço à larga
madrugada
(Tamara Castro)

Percebo uma mudança na ideia que tinha a respeito de “ser canoeira”: antes, meu ser desperto a entendia como condutora de um veículo, leve e fluido, que pedia força, equilíbrio e bom senso de orientação. Força não me falta, equilíbrio talvez possa desenvolver, mas orientação geográfica sempre foi um grande problema para mim. A preocupação com essa inabilidade já estava presente na primeira lista de perguntas para o alvo: “Onde está minha bússola? Um canoeiro precisa de bússola?” Hoje, revendo a pergunta, penso que talvez ser canoeiro exija menos bússola e mais silêncio e entrega. Como me sugeriu, no remanso amoroso de palavras, Fabiana Rubira: *“escute seu coração, o rumor do vento nas conchas dos seus ouvidos e siga seus pés... pois eles são sábios e sempre nos levam pra casa... a casa em que devemos morar...”*.

Juro que estou tentando
verter em discurso
o subverso
Mas sinto que a vida me foge

Onde a canoa me leva embico
e vou
versando, arando, escavando
cabotando
(Tamara Castro)

Essa cabotagem, navegação medrosa, tem raízes terrosas que me prendem à margem do meu rio lamacento de mangue. Com os pés nesse barro, olhos, ouvidos, pele vão se alimentando do breu, da bruma, mãe de meus amados fantasmas.

Ao raiar do dia, os fantasmas sem dúvida ainda esvoaçam sobre as águas. Brumas vão que se esgarçam, elas se vão... A pouco e pouco, são eles que têm medo. E assim eles se atenuam, afastam-se. Ao contrário, quando a noite chega, os fantasmas das águas se condensam e portanto se aproximam. O terror aumenta no coração do homem. Os fantasmas do rio alimentam-se pois da água e da noite. (Bachelard, 2013, p. 107.)

Não temo a noite do meu rio. O betume de suas águas densas se incorporam a minha pele e me mergulham de sua realidade fluida e ambígua.

Sou-me nesse rio e em seu silencioso curso onde atracam meus pés. Sou-me em suas brumas que a alguns são fantasmagorias. Sou-me assim, o fantasma do meu rio. (Tamara Castro)

A insistente canoa me exigia tocá-la, escavando-a no barro, me perdendo em um caminho crepuscular, entre sentir e refletir – refle-sentindo –, entre me entregar às emoções despertadas pela imagem, em minha escrita poética, e buscar compreendê-la, relacionando às leituras sobre imaginário, mitologia, arte e educação. Essa *autopoiesis* busca tecer pontes entre razão e sentimento, corpo, mente e alma, imagem e conceito, arte e ciência, dimensões e aspectos que se alternam complementar e contraditoriamente em nossa autoformação.

Na pele da lama
aliso o silêncio de meus
burburinhos

Preciso a procura dos ecos de um
fruto palavra
que suspira segredos suspensos
à calada
noite das mãos

Sem vela, só desvelo,
revela-se em meus poros
a minha busca,
leito de rio
onde me encontro
(Tamara Castro)

Eliana Atihé aponta o papel central da imagem na formação humana, como reveladora da alma (do latim, *anima*, sopro, princípio da vida, da criação):

"Reconhecida apenas pelo alienista" por meio de suas patologias, como afirma Hilman²⁷, a alma só se dá a conhecer nas imagens e fantasias que produz incansavelmente, ao ritmo do trajeto antropológico, como Durand²⁸ chama à "incessante troca que existe, ao nível do imaginário, entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social". Numa palavra: a alma não pode ser explicada, mas apenas experimentada, como imagem, na imagem, no trajeto. Daí a dificuldade de defini-la, já que estamos tão aderidos a ela. (ATIHÉ, 2008, p. 61.)

Já Erich Neumann, em seu estudo sobre a Grande Mãe, ressalta a "função prospectiva e antecipatória do inconsciente", o Grande feminino, representado pela imagem do uroboros, "*que existe no caráter de transformação da anima*" (Neumann, 1999, p. 43). Para o psicólogo, discípulo de Jung, a *anima* é "o veículo por excelência do caráter de transformação" (op. cit., p. 41), que impulsiona o masculino a aventuras, ao mergulho no desconhecido, à criação. Nos contos de fadas, a *anima* é representada de inúmeras formas: ora como a princesa que o

herói deve libertar do dragão, das trevas subterrâneas ou do sono sem fim; ora como a fada que lhe oferece objetos mágicos ou a velha sábia que o orienta na escolha da trilha a seguir; ora, ainda, como antagonista, a bruxa devoradora de crianças que impulsiona a travessia da infância à puberdade.

Imagem anímica, a canoa quer me desvelar algo do caminho em que teimosamente me perco, presa às minhas raízes brejeiras, medrosa de outras paisagens mais largas, mais claras, mais áridas. À margem do meu mangue, a canoa embica a proa adiante, mas o berço vegetal abraça seu corpo talhado a navegar. É forte o mangue, sua canção de maré mansa vai acalantando, amainando a sede de outros mares. A lama macia cobre a madeira lisa e a enfeita de craca, o busano borda a carne que vai se tornando porosa, pesada, preguiçosa. É bom manter-se à margem desse rio morno e castanho, coado de luzes douradas, peixes rápidos beliscando os cabelos verdes das algas, siris e caranguejos ensimesmados em suas carapaças, conchas e ostras abre-fechando à respiração das águas.

Não há opção
na dor de ser
somos
ostra que se dilacera
em carne
até a pérola

Soar uma
e única
voz que nos en
canta
(Tamara Castro)

²⁷ HILMAN, James. "Picos e vales". In: *O livro do puer*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 207. *Apud*: ATIHÉ, 2008, p. 61.

²⁸ DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 41. *Apud*: ATIHÉ, 2008, p. 61.

Quando o navegar perde espaço para o habitar, a canoa se torna casa sobre as águas, associa à sensação de aconchego e solidão, que a aproxima da concha e da ostra. É o que mostra Bachelard (2005, p. 134):

Outras vezes ainda, a imagem ganha sua força por efeito de um isomorfismo de todos os espaços do descanso. Então, todas as concavidades acolhedoras são conchas tranquilas. Gaston Puel²⁹ escreve: “Esta manhã falarei da felicidade simples de um homem estendido no interior do casco de um barco.” “A oblonga concha da canoa se fecha sobre ele.” “Dorme. É uma semente. A barca como um leito desposa o sono”. O homem, o animal, a semente, todos encontram o descanso máximo na concha. Os valores do descanso comandam todas essas imagens.

Relacionada a útero, berço, acolhimento, repouso, a canoa-barca também é, paradoxalmente, túmulo, leito de morte. O isomorfismo entre canoa, barca, gruta, túmulo, concha, ostra desvela a espiral vida-morte-vida a que as águas são associadas nas mitologias de diversos lugares e épocas, como mostra Campbell (2010, p. 31):

O antigo deus-serpente sumério Ningizzida é o arquétipo último do abismo das águas, do qual surge a vida mortal e para o qual ela retorna. Entre os celtas, o deus do mundo subterrâneo Sucellos representava esse mesmo poder tenebroso; nas mitologias clássicas ele era Hades-Plutão-Posídon; e na mitologia cristã ele é, precisamente, o Diabo.

Morada das conchas-canoas, as águas guardam, nas mais recônditas memórias da humanidade, essa ambiguidade que as torna

matéria de infintos devaneios, imprevisíveis metamorfoses, formas transitórias e estados fluidos.

A água é realmente o elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre o fogo e a terra. O ser votado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente. A morte cotidiana não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com suas flechas; a morte cotidiana é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal. Em numerosos exemplos veremos que para a imaginação materializante a morte da água é mais sonhadora que a morte da terra: o sofrimento da água é infinito. (Bachelard, 2013, p. 7.)

Em sua fluidez e inconstância, a água é a matéria da vida em toda a sua potência e complexidade, que assim não exclui sua grande oponente, sua negação. Ao contrário, é dela composta e dela se alimenta, como a árvore se nutre do húmus, massa putrefata que lhe permite alçar-se aos céus, sendo pouso de passarinhos e insetos. A vida é líquida, diz Hilda Hilst.

Alcoólicas (I)

É crua a vida. Alça de tripa e metal.

Nela despenco: pedra mórula ferida.

É crua e dura a vida. Como um naco de víbora.

Como-a no livor da língua

Tinta, lavo-te os antebraços, Vida, lavo-me

No estreito-pouco

Do meu corpo, lavo as vigas dos ossos, minha vida

Tua unha plúmbea, meu casaco *rosso*.

E perambulamos de coturno pela rua

Rubras, góticas, altas de corpo e copos.

²⁹ Gaston Puel, *Le Chant entre Deux Astres*, p. 10.

A vida é crua. Faminta como o bico dos corvos.
E pode ser tão generosa e mítica: arroio, lágrima
Olho d'água, bebida. A vida é líquida.
(Hilst, 2004, p. 99.)

A ideia das águas como princípio da vida remonta às mais antigas crenças religiosas, como mostra Eliade. Útero da Natureza, elas abrigam e dão forma a toda e qualquer semente: *“As águas simbolizam a soma universal das virtualidades: são fons et origo, o reservatório de todas as possibilidades de existência; precedem e sustentam toda criação.”* (Eliade, 2010, p. 110.)

A submersão no regaço das águas simboliza “a regressão ao pré-formal”, a diluição dos limites fundindo-se no todo indiferenciado, a reintegração ao uroboros maternal, o Grande Feminino de que fala Neumann (1999). Nesse sentido, trata-se de uma morte simbólica, um mergulho nas trevas que em busca de regeneração e fertilização para um renascimento. O batismo pelas águas, o mito do dilúvio, que assume diversas roupagens em lugares e tempos distintos, as lendas de reinos e catedrais submersas, entre outras imagens e narrativas, transitam pelo imaginário humano atemporal.

Porém, antes de falar em renascimento, pretendo vaguear um pouco pelas águas submersas, visitar as fundas raízes dessas imagens, a fim de fecundar esta escrita de um breu encandeado.

Cultivar a feliz entrega à tristeza qual a breve lagarta que produz seu próprio sepulcro. No oco de nós ecoam as vozes essenciais da terra, o fundo rebumbar de seu coração marinho, subterrâneo doce da vida que em si sepulta. O silêncio da terra e suas veias coaguladas de nossas palavras é a morada que nos basta. (Tamara Castro)

Uroboros, serpente circular que devora sua própria cauda. Theodoros Pelecanos (1478), cópia de um tratado alquímico do grego Sinésio. Fonte: Wikimedia.

“Não terá sido a Morte o primeiro Navegador?”, pergunta Bachelard (2013, p. 75). Essa entrega às águas, em uma canoa-barca, é uma navegação feminina, noturna, que, para o filósofo da imaginação material, é “a primeira viagem verdadeira”. A natureza noturna dessa navegação é insinuada pela própria forma da embarcação, luminoso crescente lunar. Sua luz úmida, maternal embala olhos e ouvidos, sobrepondo-lhes uma neblina modorrenta que abrandas as arestas e os burburinhos diurnos.

Vem, Noite silenciosa e extática,
Vem envolver na noite manto branco
O meu coração...
Serenamente como uma brisa na tarde leve,
Tranquilamente com um gesto materno afagando,

Com as estrelas luzindo nas tuas mãos
E a lua máscara misteriosa sobre a tua face.
Todos os sons soam de outra maneira
Quando tu vens.
Quando tu entras baixam todas as vozes,
Ninguém te vê entrar.
Ninguém sabe quando entraste,
Senão de repente, vendo que tudo se recolhe,
Que tudo perde as arestas e as cores,
E que no alto céu ainda claramente azul
Já crescente nítido, ou círculo branco, ou mera luz nova que vem,
A lua começa a ser real.

(“Dois excertos de odes”. In: Pessoa, 1992, p. 313.)

Noite e água se fundem em uma cantilena que nos devolve ao regaço materno, em que tudo o que somos, tudo o que fomos, nossos planos, desejos, inquietações se calam, encantados. A água é o “elemento embalador”, “ela embala como a nossa mãe”, afirma Bachelard (2013, p. 136). Por isso é tão propícia a suscitar devaneios solitários, que nos remetem à vida intrauterina, quando ainda somos parte do mar da Grande mãe.

Vânia Noronha, em “O arquétipo da Grande-mãe em Nossa Senhora do Rosário”, afirma que a palavra “água” se relaciona aos nomes e às funções da mãe e da Grande Deusa.

Ele [Durand³⁰] cita a Astarte, Maya ou Mahal, a mãe mítica de Buda, Marica egípcia, Myriam judaico-cristã. A Virgem é também chamada “lua espiritual”, “estrela do mar”, “rainha do oceano”. No Brasil, podemos citar a Iara indígena e Yemanjá (e todas as deusas dos

orixás), rainhas dos mares, cantada em verso e prosa por nossos poetas. (Noronha, 2008, p. 149.)

Em meus escritos, a submersão nas águas se relaciona a um desejo de fusão mística com a matéria pré-formal, representada por um ambiente ambíguo, que transita entre o terrestre e o aquático, entre o dia e a noite.

Segue teu canto
encalacrado entre dedos
que se perdem no lusco-fusco da noite-dia
Anfíbia existência de rio-mar
olhos mestiços cinza asfalto e água salobra
onde um raio, de sol ou lua, acende inesperado
caminhos em segredo
múltiplas raízes

Apressa-te em seguir um
mas o rumo se espraia em ardentia
e se apaga ao movimento do remo

Aguça teus ouvidos, afinando a escuta
de uma silente melodia encantada
Arpejos e solfejos de caracóis e rãs
respiram a macia e cálida
lama, ondulada de vento e lua

Alimenta teus olhos neste quadro negro
visível somente ao tato
A pele se eriça, os pelos
poros
tudo te lembra
o caminho que esqueces
(Tamara Castro)

³⁰ *As estruturas antropológicas do imaginário* (op. cit.).

Lembrar o caminho que esquecemos é, de algum modo, esquecer o caminho que lembramos. Na regressão noturna ao útero das águas, há uma busca por dissolver arestas, romper fronteiras, abandonar máscaras, violar normas, enfrentar temores, desejar segredos. A submersão pode ser uma busca pela própria profundidade, obliterada sob as luzes do dia, como reflete Araújo (2013, p. 93): “penetrar no labirinto, descer por nós mesmos em meditação mergulhante não será já uma maneira de descer desejando o nosso próprio segredo?”

Decerto sou
peixes abissais meus
medos paixões secretados
saís cristalinos meus
olhos

pela minha pele escorre
o murmúrio da luz
que ignoro

nestas negras manhãs
eternas as águas
calam
(Tamara Castro)

O mergulho no labirinto, como lembra o educador português, “exige o conhecimento prévio de um fio de Ariadne”, que guia o herói no retorno à superfície tendo cumprido seu destino. Como *anima*, Ariadne inicia e protege o herói em sua jornada pelas trevas, em busca de seu segredo, que mora à

“sombra das vestes”, como me sussurram os versos de Fernando Pessoa³¹. Para Araújo (2013, p. 92), o fio de Ariadne seria um símbolo mediador entre “Apolo/diurno/métis/techné e Dionísio/noturno/hybris/desmedida da existência e, como tal, resgatador da profundidade que nos habita”.

Erich Neumann (1999, p. 159) associa o caminho do labirinto à “primeira etapa da viagem marítima noturna, da descida do Masculino que acompanha o sol que desce para o mundo inferior devorador, para o útero mortal da Mãe terrível”. Essa temerária jornada também é representada como uma teia em cujo centro aguarda a aranha, indefectível tecelã de oito braços.

dedos meninos
ensaíam em poça de lama
mergulho labirinto
(Tamara Castro)

Quem não guarda, nos empoados baús da infância, a memória corporal desses mergulhos? Afundar na massa escura, que, não se desvelando ao olhar, pede o arrojo das mãos, é um ensaio da “meditação mergulhante” em busca de nosso segredo.

Para a mão que cheira pelo olho dos dedos
é a raiz tuberosa
negra e pálida
o tesouro submerso
(Tamara Castro)

³¹ Refiro-me ao poema “Iniciação”: “Não dormes sob os ciprestes, / Pois não há sono no mundo. / O corpo é a sombra das vestes / Que encobrem teu ser profundo.” (Pessoa, 2002, p. 161.)

O que busca a mão menina nesses ensaios labirínticos da infância? Que tesouros essa intrépida mão haverá de tatear? Um diamante de vidro, uma roda de carrinho, uma raiz lunar, Mani renascida? Não há resultado e percurso predefinido nesse mergulho, que depende mais de mão que de mapa. Eis uma desaprendizagem que descobri esse tatear:

meu signo é a perdição
ser ponto perdido é o que me acha
entre os fios e as tramas deste labirinto
quando deixar de me perder
terei me perdido de mim
(Tamara Castro)

Ao longo desse percurso, me sentir perdida, sem rumo, sem sina gerou uma angústia profunda. Inadequação, incompetência, mais que palavras, foram pedras atiradas por mim mesma em minha *anima* Geni. Então aflorava com toda intensidade o desejo de ser siri, ficar à margem do meu mangue, enterrada em sua lama cálida.

Nesse percurso, vivenciei momentos em que minha inadequação e incompetência em ler e traçar mapas, esquemas e afins se tornaram evidentes. Narrarei o momento em que essa grande dificuldade, sentida minha vida toda, aflorou de forma dramática. Chamei esse momento de “embate com a torneira”.

Segundo a pesquisadora Regina Machado, a experiência de aprender é um percurso que envolve, em primeiro lugar, vencer o medo do desconhecido a fim de vivenciar uma transformação pessoal. Mas essa transformação só ocorre se empreendemos um movimento interior, se nos permitimos mergulhar inteiros na obra e nos deixar ser tocados por ela, como o protagonista do conto “A aventura de Chu” (Machado, 2004, p. 39-40). É nesse sentido que a autora considera o contato com a arte um percurso de aprendizado. Mas, para ser compartilhada, a experiência de aprender precisa ter um fundamento, uma estrutura, um fio condutor, ou seja, ela precisa ser configurada. Essa configuração vai além de construir uma casca: é preciso haver uma relação orgânica entre a estrutura interna e externa, que as partes façam sentido no todo e vice-versa. Assim, o processo de aprender, como o de criar, pode ser considerado uma experiência estética, em que forma e conteúdo constituem uma unidade indissociável.

Com base nessa proposição, durante a disciplina “As Narrativas da Tradição Oral e a Formação de Educadores Artistas”, passamos a buscar as estruturas dos textos teóricos e literários com que estávamos trabalhando, observando como as ideias e imagens são organizadas e relacionadas. Para isso, Regina Machado nos apresentou duas “chaves analógicas”: o “trem

do conto”³² e o “esquema da torneira”³³. Seguindo este último, fomos orientados a revisitar nossos projetos de pesquisa, a fim de identificar de forma clara suas estruturas. Esse foi um momento crítico para mim, que sempre tive dificuldades com mapas, esquemas, sínteses, abstrações. Especialmente em relação ao meu projeto, vivia uma desconstrução, escavando-me na terra escura, de modo que não via como conceber um esquema claro de meu trajeto. Novamente veio à tona a pergunta “Um canoeiro precisa de bússola?”. Buscando entender o mal-estar que a proposta me trouxe, escrevi:

Barros, eu e a torneira

*Pois minha imaginação não tem estrada. E eu não gosto
mesmo da estrada. Gosto do desvio e do desver.*
(Manoel de Barros, “Carta a José Castello”)

Minha primeira reescrita de aula, troca de ressonâncias, grudado, de Manoel de Barros. Acho que meu primeiro manifesto do desejo velado de escavar em vez de estradar por caminhos lineares, definidos, mapeáveis...

³² Por meio dessa analogia, a autora busca evidenciar que o conto tradicional tem uma unidade (trem) formada por uma sequência narrativa (vagões). Os vagões têm características próprias (climas), mas todos colaboram para o andamento de toda a locomotiva. De modo similar, o conto parte de uma questão que impulsiona a viagem, passando por diversas estações, adquirindo diferentes ritmos de acordo com o momento (clima) narrativo que, ao fim, leva a uma transformação dos envolvidos (personagens e leitores).

³³ Essa analogia pretende configurar o processo de aprendizado como uma estrutura de encanamento, desde a fonte da água (conhecimento potencial), passando pelo encanamento (percurso de construção do conhecimento que é internalizado e se torna experiência) e finalizando na torneira (conhecimento que, após ser ressignificado pela experiência, volta ao mundo para ser compartilhado).

Quero me perder? Para me achar? Minhas perguntas aprendentes desde o primeiro alvo.

Preciso mesmo mapear, canalizar, tornar captáveis por uma boca estreita o que se passa entre mim-mim-outros-nós-natureza-sagrado?

Acredito ser o diálogo, aberto a imagens, reflexões, questões, o fio condutor desta experiência de aprender, educar educando-se, ser.

Pensei e escrevi isso na “reescrita” da primeira aula e, revisitando-a, percebo que talvez esteja aí a chave do meu embate confuso com o esquema da torneira.

Busco o barro, Barros como interlocutores por essa ausência, desnecessidade de traduzir, sintetizar o vivido, que é meu e que é nosso, junto e sozinho – sístole e diástole – mergulho e emersão. Os meus/nossos sentidos se fazem no desvio e no desver, nas entrelinhas, na pausa tônica (ou átona também?). Como mapeá-los?

Como me dói essa escavação... inevitável para quem gosta do desvio e do desver. (Tamara Castro)

No auge desse embate, o semestre chegou ao fim. Nesse momento, já não me percebia no projeto inicial do mestrado, perdida nessa escavação pela “massa amorfa” de imagens, cheiros e vozes da minha infância, de que me sentia tão distante antes de ingressar nessa viagem pelos contos tradicionais.

Caminhando por suas paisagens, entre tantas outras coisas que talvez ainda morem “muitas léguas sob o mar”³⁴, descobri que, para despertar meu ser que pergunta, que se arrisca, que acerta e erra, que aprende e desaprende, preciso mergulhar em uma água essencial. E ela não é cristalina, mas sim lamacenta, morna, recendendo cheiros verdes e castanhos: alecrim, manjerição, alfazema, o “chafé” da minha avó. Povoada dos cantos que minha

³⁴ Fragmento de um poema meu, que estará em “Travessia da terceira margem ao mar”.

mãe entoava, *índia Jurema da cor morena, se ela é cazuté, cazuté da Jurema...* Composta dos meus medos, mil medos, silêncios. Da minha solidão. Descobri que, embora essencialmente só, posso ser e me inventar junto com os outros – me revelo a mim mesma nesse contato, quando me permito ser habitada pelo outro, que também sou eu. Descobri que meu corpo existe e pode me ensinar, em silêncio, mais que muitas palavras cheias de *doxa* e esvaziadas de sentido. Descobri que palavras se tornam ilhas e pedem canoas que resgatem seu canto emudecido, e sem esse canto singular a música oceânica³⁵ endurece dentro da sua crosta, deixando de ecoar. Descobri-me enfim, ostra que sonha ser canoa.

A experiência de me abrir ao diálogo entre imagens, questões e reflexões possibilitou o despertar a esta escrita feita de incerteza, dor, pulso a que me entreguei, em busca de *encontro*. Essa foi a palavra que ressoou de meus grudados, segundo me disse uma colega, a educadora e contadora de histórias Fernanda Ribeiro, no fim da disciplina. E de sua fala ecoou este escrito.

A palavra que me fica de seus grudados é encontro, diz a doce cantadora de histórias.

Acho que é isto, não minha bússola, mas meu olho-tato desejante, vaga-lume e espera pulsante: o encontro de mim no outro, encontro do outro em mim.

Apalavrar a terra, no encontro do conto, do canto, no calo, no colo de mãos, pés, olhos e ouvidos entregues ao trabalho de fazer, fazendo-se.

Encontro. (Tamara Castro)

³⁵ Imagem-conceito desenvolvido por Luz Marina Espindola (2010) em sua dissertação de mestrado. Faz referência à música primordial, primeira informação sonora no útero da mãe e se compõe nos mitos musicais dos marulhos.

Sinto no pulso esse anseio de encontro que me move às palavras: desejo de compartilhar a querência da poesia, coabitar o remanso de imagens sonoras que ecoam em mim. Busco pares nessa paixão por encontrar na palavra ecos do indizível, sons submersos, “subversos”, que pedem, gritam ou simplesmente balbuciam sob a fina pele da racionalidade, sob escombros de conhecimentos “úteis” e mortais. Trata-se uma busca ainda intuitiva, feita de escuro e silêncio. Como a ostra se torna canoa? Como, a bordo dessa canoa aberta ao vento, transitar pelas margens tecendo redes e pontes?

Escrever-me é a grande viagem
que aventura a escavação de canais
umbrais onde a pele desperta em mil olhos,
dedos, nariz, boca

Mas onde a loucura para a entrega
quando todos os fios tesos não dão conta da torrente?
Devo largar-me no horizonte sem sol
e sem lua
desatracar-me
a seu curso
(Tamara Castro)

V. TRAVESSIA DA TERCEIRA MARGEM AO MAR

Tamara Castro, bordado, núcleo Fios e Tramas do Lab-Arte,
1º semestre de 2015. Foto: Nádia Tobias

uma canoeira tece sua rede
de ventos e águas
entre margem e
margem

com sua agulha de marear
navega o fio verde com que
borda a terceira
nunca derradeira
margem

a quem se entrega
corpo de ostra
aberta
ao vento
(Tamara Castro)

Junto à imagem da canoa, nascida da minha escavação pelo barro, pelas águas lamacentas da minha infância, eu vislumbro desde o início um desejo de travessia. Atravessar sim, mas para onde? Como definir um destino prévio se me falta a bússola? Seria uma travessia por águas e terras encobertas por densas brumas, em direção à terceira margem?

A sedução do conto de Guimarães Rosa (1974, p. 51-56) me acompanha há tempos, pelos caminhos das águas sombreadas, à deriva. Foi pelo mergulho e pela escavação que essa ressonância revelou suas raízes profundas. Os sentidos dessa travessia pela terceira margem me parecem obscuros o bastante para incitar um anseio tão meu: ouvir os murmúrios de um “lá”, um além, um jardim submerso – desejo sentido por outros poetas, como Hilda Hilst confessa em “Testamento lírico”.

Se quiserem saber se pedi muito
Ou se nada pedi, nesta minha vida,
Saiba, senhor, que sempre me perdi

Na criança que fui, tão confundida.

À noite ouvia vozes e regressos.
A noite me falava sempre sempre
Do possível de fábulas. De fadas.

O mundo na varanda. Céu aberto.
Castanheiras douradas. Meu espanto
Diante das muitas falas, das risadas.

Eu era uma criança delirante.

Nem soube defender-me das palavras.
Nem soube dizer das aflições, da mágoa
De não saber dizer coisas amantes.

O que vivia em mim, sempre calava.
(Hilst, 2013, p. 169-170.)

Intuindo a importância dessa travessia nebulosa em mim, procuro agora tecer sentidos possíveis para a terceira margem que se insinua nestes escritos poéticos, dialogando com autores parceiros desta travessia de mim a si, ao(s) outro(s) em mim.

Este me parece um aspecto central da imagem, como ela surge nesta escritura: a construção de um sentido de vida (que pode ser considerado como a elaboração de meu mito pessoal) e o encontro do(s) outro(s) nessa elaboração. Como canoeira, navegante da terceira margem entre mim e si, o outro que me habita, entretecendo as várias camadas que me formam, (re)conhecendo e me desconhecendo, entre o cotidiano e um “lá”, entre o vivido, o sentido, o pensado e o imaginado, vai-se formando uma teia poética que cria criando-se, num movimento contínuo e espiral, qual ondas que se fazem desfazendo-se.

A travessia da canoa pelas águas, doces, salobras, salgadas, não é linear e constante. Não é inteiramente determinada pela força e pela

vontade do canoeiro. Esses são elementos quase nulos em meio ao corpo das águas. Sua malemolência imperativa sacoleja, molda, arremete de um lado a outro o tronco talhado a navegar. Caixeta, guapuruvu, cedro, canela-preta, urucurana... Canoa boa é esculpida em madeira caída ou cortada na vazante da lua (da minguante para a nova). Se não, a embarcação tem vida curta, comida por brocas ou rachada pelo “vento da madeira”, força que brota da matéria vegetal, como ensinam os mestres caiçaras. O tronco que atravessa as águas pede um bocado de breu para se talhar navegador. Para, entregue ao vento, à noite, às correntes e às calmarias, atravessar pela paisagem íntima que os ventos da maresia umedecem. Como canta o paratiense Luis Perequê em “Cantilena” (1992):

Meu amor eu vou sair
Num vento de travessia
Nos braços da noite escura
Desenho com ardentia
Seu corpo de luz branca
Nos remos da fantasia
Ô canoeiro, ô canoa

A canoa que se talha à beira-mangue, do barro à poesia, nesta travessia de mim a si, se alimenta da noite e da lama. Minha canoa-tronco tem raízes no barro, à flor d’água, à margem. Margem que, ainda não sendo rio, não é mais terra firme. Mangue, ambígua paisagem.

Tentando conter o ardor me multiplicando em poesia, mergulhada em Hilda Hilst, música profana que ecoa águas profundas, escuras e cristalinas, busco multiplicar imagem-ideia.

A poesia me dá sabor-sentido à vida, mas me coloco à margem dela, como me bastasse ao mergulhar em suas ásperas águas. Como estar à margem escura do meu rio, alimentando-me de seu lodo fértil e noturno.

Não me quero comunicar. Calo-me à fruta que me consome, cristalina, o dia brando e denso de nuvens.

Sinto a poesia minha canoa, ela me busca e me perde. Nela o coração se compassa, mas, afoita, desatenta, trago à força dos braços minha mente atrapalhada. E o pulsar natural do sangue se esvai entre pulsos nervosos. Sou partida em cacos de vida que não se compõem vitral. Obscura a mim mesma me esqueço feliz à margem do meu canto. Alguém me embala e fico. Inerte e encantada.

O canto de sereia lastreia o caminho de ardentia. Me quero assim, assim me encontro feliz e só, por um breve minuto em que o silêncio pare a poesia.

Como transitar entre o mangue, mãe de minha vida e morte, fonte e destino, e os apelos da margem, as demandas do dia claro e pleno de espelhos lúcidos e vazios? Por que não me desvencilho da margem, os pés mergulhados na lama que amacia minhas arestas, orienta meu pulso fragmentado?

O propósito de ser clara, sociável fica esquecido e me vejo, enlameada e feliz, incompetente para os grandes negócios do dia.

Música, alimento fonte destino
me comunga e me foge
persigo-a na garganta, meu

instrumento menos hostil
e ela me presenteia
redonda
linhando, costurando meus cacos
bordando a margem
onde me encontro
esquecida de mim, dos outros, dos
apelos fáceis e difíceis

Canta-me encanta-me
arredonda ao menos a voz
que ganhe asas curtas de besouro, pesado
e breve
minha alada quimera
(Tamara Castro)

Manter-se à margem, não as duas conhecidas, firmes, mas uma terceira, tecida ao navegar, me parece um primeiro momento de criação poética de si. Permanecer à terceira margem é estar em lugar nenhum, aonde não se pode ir nem voltar: *“Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais.”* (Rosa, 1974, p. 52.)

No meio do rio, *“no meio do redemunho”* (Rosa, 2005, p. 262), a navegação se inventa silenciosa e noturna. Talvez invisível a olhos que veem

apenas o já está nomeado, classificado, sistematizado. Uma canoa que atravessa silenciosa em noite funda de lua nova será real ou fantasmagoria?

Navego entre essas margens
matas ciliares
protegidas águas
navegam raízes
entre sulcos sucos
anoitecendo-me
(Tamara Castro)

Uma travessia errática assim aspira a um lá: a uma terceira margem, que transborda as duas geográfica e historicamente estabelecidas: a do passado, das memórias (des)acontecidas, inventadas, como as de Manoel de Barros, a das raízes lamacentas de mangue; e as de um devir para além das brumas, a ser inventado, bordado na travessia. Essa imagem me remete à frase do cineasta Mario Peixoto, que me impressionou desde a primeira vez que ouvi, no documentário *Onde a terra acaba* (2001): “Em nenhum lugar, existe tempo algum”.

Tic tac tic tac tic tac tic
em nenhum lugar
existe tempo
algum
tac tic tac tic
tic
(Tamara Castro)

A relação nostálgica com o tempo, que me acompanha desde sempre, vindo à tona ao longo da escavação pela infância³⁶, talvez seja o que me atrai nessa estranha frase e na estética lenta e silenciosa que marca seu cultuado e inquietante filme *Limite*. A ideia de um tempo-espaço inexistente me parece relacionar-se a esta incerta e estranha travessia pela terceira margem.

Meu amor, eu vou sair
Num vento de travessia
Na proa dessa canoa
Sem rumo, remo nem quilha
Lembrança revira o tempo
Saudade, refúgio, ilha
Porto seguro é seus braços
Naufrágio da maravilha
Ô canoeiro, ô canoa
(Perequê, 1992.)

Mas o que significa essa terceira margem e como ela se relaciona com essa reflexão sobre o tempo? Recorro a Walnice Galvão (1978, p. 37):

Um rio é constituído por duas margens, a do lado de cá e a do lado de lá, que reciprocamente se remetem. Entretanto, entre elas corre o rio, imagem da continuidade; e no rio navega uma canoa, imagem da descontinuidade. A passagem do tempo é insignificante para o rio, fundamental para a canoa e seu ocupante. O período de uma vida, de cada vida, não é nada se

colocado contra a lentíssima história da espécie; mal se começa a desconfiar que se está vivo e já é hora de morrer. A inevitabilidade de viver e de morrer, quando vistas a vida e a morte como solidárias – só morre o que vive e só vive o que morre –, implica a continuidade do processo vital, em que vida e morte são razão e causa uma da outra. O rio, então, tem duas margens que são; e uma terceira margem, que não é.

Para lá das margens de cá, “*para lá do mistério da morte, da morte de cada um, que cada um tem de viver e que nunca ninguém contou como é*” (Galvão, 1978, p. 37), estaria esta terceira margem, no mesmo campo onde Mircea Eliade situa o mito e o rito, “*que revelam um tecido trans-histórico por detrás de todas as manifestações da religiosidade na história*” (DURAND, 1994, p. 23).

Onde se encontra este lá, esta terceira margem? É profunda, pungente a angústia de tocar esse lugar com toda a intensidade dos sentidos. Sentir-lhe o aroma de pomar, os frutos refulgindo nas ramas, quase ao alcance das mãos, da boca e da língua, o toque do ar úmido que arrepiava os pelos do braço e da nuca. Ouvir seus sons ecoando na concha das orelhas, e ao mesmo tempo saber que é e será inalcançável, pois ele está além das duas margens que me delineiam os passos.

Mas estará mesmo inalcançável, se esse *lá* concebido de forma tão intensa em mim? Como dar forma a essa ausência tão presente? Ecoam as

³⁶ Registrada no “Memorial em aquarelágrimas”.

palavras de “Tabacaria” (Álvaro de Campos/Fernando Pessoa), dando voz ao dilema que talha a alma-lama humana, que torna arte a dor, o indizível sonho, palavras...

Escravos cardíacos das estrelas,
Conquistamos todo o mundo antes de nos levantar da cama;
Mas acordamos e ele é opaco,
Levantamo-nos e ele é alheio,
Saímos de casa e ele é a terra inteira,
Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.
(Pessoa, 1992, p. 364.)

Diz G. Martele (*apud* Durand, 1996, p. 241): “o algures do homem é-lhe imanente”. A frase me remete imediatamente à cena de *Medeia* (1969)³⁷ em que o mestre centauro Quíron ensina ao pequeno Jasão:

Tudo é santo! Não há nada de natural na natureza, meu pequeno. Guarde isso na memória. Quando a natureza parecer natural, tudo terá acabado e começará qualquer coisa. Adeus, céu, adeus, mar. Que bonito céu! Próximo! Feliz! Não parece mesmo nada natural qualquer pedacinho dele, que pertence a um deus? Assim como o mar... Neste dia em que faz 13 anos e que pesca com os pés na água morna, olhe atrás de você. O que vê? Alguma coisa natural? Não! É uma miragem. Com as nuvens que se espelham na água parada, pesada das três horas da tarde. Olhe lá longe, aquela tira preta sobre o mar brilhante como azeite. Aquelas

sombras de árvores e aqueles canaviais. Em cada ponto onde seus olhos pousam está escondido um deus. E se por acaso não está, aí deixou sinais de sua presença sagrada. Ou silêncio... Ou cheiro de erva... Ou frescor de água doce.

Quíron e Jasão, em *Medeia*, de Pasolini.

Será que o olho que vê a natureza, imerso em sua matéria densa, a torna sobrenatural, santa? Nada nela é banal, alheio, opaco se nos sentimos mergulhados em sua matéria escura, em seu húmus acre e fértil, feito de morte e vida, corpo e alma, silêncio e som. Imersos nessa lama que se faz a alma, não como duas faces distintas e irreconciliáveis do dilema humano, mas como opostos que se fundem na água matricial de toda vida.

³⁷ Filme de Pier Palolo Pasolini baseado na tragédia homônima de Eurípides e estrelado por Maria Callas.

Volto a Durand em busca de pouco de nitidez na travessia pelos campos do imaginário, “lugar do ‘entre saberes’” entremeado por muitos fios, qual o labirinto que se tece em mim a fiapos de manga.

[...] quando a interdisciplinaridade põe a nu em cada saber a trama do símbolo e a cadeia do mítico, não deveremos agora entrever, no horizonte desse imaginário, o além transdisciplinar que organiza as constelações de imagens e as sintaxes do mito, o além último – que para nós, humanos, é aquilo que Henry Corbin designava por “o imaginal” – que, ao fim e a cabo, fia o destino de todos os nossos saberes? (Durand, 1996, p. 243).

Outra imagem associada ao imaginário é a do espelho.

[...] “lugar de espelho” caro ao nosso amigo Lima de Freitas e a todas as tradições, da Cabala ao Xintoísmo. Lugar que nos dá uma imagem que, apesar de semelhante àquilo que reflete, é, porém, completamente diferente pela inversão, pela conversão que nos propõe: a lição que nos dá o espelho é mostrar-nos que toda a imagem tem um “inverso”: ela proclama a evidência do oculto (Durand, 1996, p. 243).

Desde o mito de Narciso, registrado por Ovídio, passando pelo espelho mágico do conto Branca de Neve, na versão dos Grimm, pela viagem de Alice através do espelho, de Lewis Carroll, e ainda pelo extraordinário retrato de Dorian Gray, romance do controverso Oscar

Wilde. Na literatura brasileira, o espelho figura em dois contos célebres, um de Machado de Assis³⁸ e o outro de Guimarães Rosa³⁹.

O rio-mar que molha meus pés é uma ambígua
calmaria
Baía mansa que invade e capitula
Ancora na cidade
e a espelha

Nos olhos pisados de lodo
funda outra, em luz e sombra
água morna e lama
sutil e irremediável

Medusa
gelo sob o sol
penetra pelos e poros
recria-se na lama
oculta que nos alimenta
(Tamara Castro)

Mundus imaginalis, lugar de espelho, terceira margem... Seja qual for o nome que se atribua, é a arte, em suas diversas expressões, a lente mágica que nos “faz ver o invisível através dos significantes, das parábolas, dos mitos, dos poemas” (Durand, 1996, p. 244), a canoa que nos leva além das duas margens, seguindo as pistas desse oculto no imanente cotidiano, em suas pequenas epifanias. Como as encantarias amazônicas de que trata

³⁸ “O espelho”, conto integrante de *Papéis avulsos*, publicado em 1882.

³⁹ Conto homônimo ao de Machado de Assis, publicado no livro *Primeiras estórias*, em 1962.

Paes Loureiro, por meio da transfiguração do real o poético torna-se “*expressão simbólica do sentimento*”, assumindo uma dimensão estética, a gerar em nós esse “*vago estado de crispação da alma*”, “*mistério gozoso da poesia*” (Paes Loureiro, 2007, p. 8).

Espelho d'água. Foto: Luciana Serra. Paraty (RJ), 2005.

A travessia na canoa pela terceira margem, em direção à alteridade, ao desconhecido, não é linear, “*progressiva*” e “*progressista*”, mas feita em idas e vindas, espirais, buscas e perdas. Ela não se faz em linha reta, em direção a um ponto fixo e claro, pois está cercada de brumas ambíguas, oblíquas, que enredam o incauto navegador entre espelhos baços, multiplicando imagens em meio a atmosferas enevoadas. Qual

agulha atravessando o tecido, a canoa borda as águas, que vão se abrindo aos poucos, à proa, ora se mostrando, ora se ocultando, sempre transbordante a um horizonte além.

O trabalho artístico, travessia da canoa através da terceira margem, surge do desejo, desperto por um canto ecoado de um *lá* indefinido, nebuloso, mas que, no movimento do remo, por vezes, se revela, num instante flutuante, ambíguo, sorrateiro. Como o saci, a terceira margem só permite ser vista de soslaio por olhos modorrentos, descuidados, entre a vigília e o sonho, no devaneio. É preciso uma teia de fios muito tênues para enredar estes instantes arredios, pescá-los antes que voltem às águas abissais, ao mar matricial, origem de todas as imagens oníricas.

O contato com a matéria (barro, palavra, corpo, fio, agulha, pessoa) em sua concretude nos possibilita, de diferentes formas, a abertura de canais por onde as imagens arquetípicas transitam. A travessia feita junto e a sós, prenhe de som e silêncio, permite perceber que essas imagens e esses instantes flutuantes se movimentam, circundando os envolvidos. Por vezes, um e outro os captam, de acordo com suas diferentes sensibilidades.

Siri é bicho encastelado
parece tanque em miniatura
apenas os pequenos olhos oblíquos

se atrevem a ser lânguidos
enquanto todo o resto
de sua líquida musculatura
se reserva ao claustro

muralha
necessária
entre a flor íntima e
a carne do mar
de que é centelha

no pulso de seus músculos
molusco
latejam marulhos
seus pensares
em forma de canto
o acalantam

no seu castelo
preamar
à espreita
estreita espera
de navegar
(Tamara Castro)

Esse escrito, nascido talvez de reminiscências vivi-sonhadas, me veio em um momento de solidão. No siri/caranguejo, o claustro se configura por meio do exoesqueleto. Suas águas interiores são contidas entre essas paredes calcárias, temendo que a flor íntima se dilua no azul abismal. Sua cor o faz fantasma na areia. As garras, pequenas e potentes, lhe servem de arma, usadas apenas como último recurso de autopreservação. Sob a muralha, apenas os pequenos olhos insinuam a oculta carne líquida.

Pois bem, meses depois desse escrito, em uma vivência no núcleo de Dança do Lab_Arte⁴⁰, de que participei durante o primeiro semestre de 2015, o pequeno siri/caranguejo me revisitou. Foi em uma noite fria de maio, após uma vivência corporal em que Bárbara nos convidou a um encontro com “feiúras e solidões”, buscando a expressão do feio, do monstruoso por meio de torções e tensões. Nas palavras da própria pesquisadora: “*É preciso encontrar o belo na nossa podridão!*”. O encontro com essas imagens contorcidas, dolorosas, que dialogavam com o escuro e solidão, fez nascer em vários participantes sensações desagradáveis, medo (pavor até), isolamento, loucura. Em mim, os contorcionismos trouxeram de volta a imagem do caranguejo, acuado por todos os lados, querendo esconder-se. Infeliz nesse intento, eu erguia as pequenas garras, na intenção de parecer duro e ameaçador para ser deixado de lado.

No mesmo encontro, cada um foi convidado a registrar por escrito as imagens e sensações despertadas durante as vivências. Apresentei meu texto a Bárbara e conversamos sobre a cena que eu comporia. Bárbara que orientou a escolher gestos econômicos e expressivos, sem esquecer que o rosto também é corpo. Após mais alguns instantes de criação solitária, lá

⁴⁰ O núcleo de Dança do Lab_Arte, atualmente coordenado pela pesquisadora e bailarina Bárbara Muglia-Rodrigues, propõe experimentações envolvendo corpo, imaginário e outras linguagens, como música e literatura.

fomos nós, meia dúzia de navegantes na terceira margem, apresentar nossas experimentações. Cenas de loucura, solidão, dor e aprendizagem circularam pelo amplo salão. O meu caranguejo figurou sua cena patética, inconformado por não ter areia aonde se afogar. Mas lá ficou, embora incomodado com os olhos ilhas que o cercavam. Dentre a carapaça, uma voz, tangida entre muitas cordas, ecoou:

O mundo me toca
em ecos
Desta carapaça
prisão
só fogem os olhos
ilusão
(Tamara Castro)

Doeu compor a cena. Doeua emitir essas palavras. Doeua toda a torção que essa imagem exigiu para vir à luz. Mas veio. Do oco fundo, surgiu meu caranguejo/siri brejeiro e acanhado.

Na semana seguinte, repetimos a experiência das feiúras e solidões, e entre nós havia pessoas que não estiveram na outra vivência. Ao final do encontro, um dos participantes, que não estivera presente no encontro anterior, revelou: “Engraçado, não sei por que, me veio a imagem de um caranguejo”. Nesse momento, os olhos que vivenciaram juntos a outra travessia se voltaram para mim, num sorriso cúmplice.

Outras imagens sonoras bailam entre os navegantes da terceira margem. Casulos, labirintos, espelhos, ventos, travessias. Como essa atmosfera devaneante se forma, enredando os presentes? Recorro a Bachelard para tentar compreender a experiência vivenciada no Lab-Arte de Dança, em razão da importância que exerceu em minha própria trajetória pela terceira margem, provocando outras imagens que busquei dar vazão pela escrita, pela dança e também pelo bordado⁴¹.

Para Bachelard, a imaginação poética não segue a lógica da causalidade, própria do imaginário científico. Trata-se antes de um “súbito realce do psiquismo”, epifania que se revela pela entrega ao instante: “*É necessário estar presente, presente à imagem no minuto da imagem*”. (Bachelard, 2005, p. 1.) Experimentados em grupo, os movimentos corporais, acompanhados de exercícios respiratórios e entremeados à leitura de textos literários e à audição de músicas, criaram uma atmosfera propícia à erupção de imagens, memórias ocultas no corpo que se revelam no instante.

Os exercícios respiratórios foram especialmente importantes para mim como uma forma de libertar os movimentos corporais entranhados

⁴¹ No mesmo período, tive a sorte de participar do núcleo Fios e Tramas, coordenado por Nádia Tobias, fotógrafa e pesquisadora de danças folclóricas, e Tanna Li Pini, cantora e estudante de pedagogia da Feusp. Os frutos dessa vivência são os bordados que ilustram esta dissertação e que dialogam diretamente com as criações textuais e corporais vivenciadas.

na carapaça cotidiana. Um dos encontros foi totalmente dedicado a isso. Ficamos cerca de 30 minutos inspirando e expirando profundamente, de olhos fechados, sentindo os pés plantados no chão. Aos poucos, o corpo vai se soltando e começa naturalmente a oscilar para frente e para trás. A sensação para muitos é de estar em meio ao oceano, como percebemos no momento de compartilhar as impressões. Após essa meia-hora apenas dedicada a colocar em movimento nossas correntes marítimas interiores, Bárbara nos orientou a, de olhos abertos, projetar o corpo para a frente e se lançar, sempre olhando para um ponto fixo a fim de não perder o equilíbrio e concentrando a força das pisadas na parte posterior dos pés. As direções poderiam variar – para trás, para os lados, na diagonal –, mas sempre mantendo o olhar fixo na direção que desejávamos dar ao trajeto. Bárbara nos motivava com estas palavras: *“Imagem quais direções e movimentos vocês desejam experimentar, escolham o ponto a que vão se dirigir, pensem no seu maior medo e se lancem”*.

As vivências individuais mescladas a experimentações em grupo, *“sístole e diástole que se ritma com o compasso do cosmos”* (Ferreira-Santos, 2014, p. 3), conferem ritmo à travessia, à criação em si e de si. Mas a erupção de uma imagem poética não é mapeável, pois não segue um trajeto linear, afirma Bachelard. *“Não é o eco de um passado. É antes o inverso: com a explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa de ecos e já não*

vemos em que profundezas esses ecos vão repercutir e morrer.” (Bachelard, 2005, p. 2.)

Segundo o mestre de Champagne, o nascimento da imagem poética tem natureza sonora, repercussiva: *“Nessa repercussão, a imagem poética terá uma sonoridade de ser. O poeta fala no limiar do ser.”* É essa natureza sonora que a torna imediatamente comunicável, transubjetiva: *“O poeta não me confia o passado de sua imagem e, no entanto, sua imagem se enraíza, de imediato, em mim.”* (Bachelard, 2005, p. 2.)

Por sua natureza musical, a imagem é capaz de ultrapassar as camadas superficiais da significação, mergulhando imediatamente em nossas águas profundas e enraizando-se como se de nós tivesse nascido, afirma Bachelard. Quem nunca teve essa impressão ao ler pela primeira vez um texto poético? Na experiência do núcleo de Dança do Lab_Arte, as imagens nascidas durante os instantes coletivos de *“corpocriação”*⁴² repercutem de um a outro e ganham formas variadas de acordo com as diversas sensibilidades – mais verbais, mais imagéticas, mais sonoras, mais táteis –, as experiências de vida, o repertório cultural etc. As dinâmicas *corpocriadoras* em grupo, mesclando linguagens, compõem tramas de tal

⁴² Termo cunhado por Bárbara Muglia-Rodrigues em sua pesquisa de doutoramento, em andamento, que denomina o processo do “corpo que se cria enquanto cria”, relacionado à autoformação da pessoa como “obra em arte” (ver nota 17 de “O corpo do barro”).

forma intrincadas que os fios se tornam um só corpo. Não se pode dizer de onde veio aquela imagem, quem a criou, que movimento a engendrou: ela nasceu do grupo e em meio a ele compõe uma narrativa, junto com outras imagens, transbordando as margens dos corpos individuais.

O mundo lateja neste nervo exposto
mergulham agulhas nos olhos ouvidos
a pele eriça lacrimejam os poros
abertos à atmosfera
elétricas partículas

partituras
brilham as claves do sol
os pés desavisados à dança
alucinam
meus passos no contratempo
pisam os bicos alheios
as margens transbordam
invadindo as matas
dos meus cílios

e o olho d'água explode sua íris
em mil cores
faz-se a luz em ponte

Quem sou tu?
és nós eu?
Atam-se atos
transversos
(Tamara Castro)

Ao longo desse semestre em que participei dos dois núcleos do Lab_Arte, as recorrentes imagens relacionadas a fios, bem como a pulso, passo, corpo, me permitem fazer eco a Bachelard (2013, p. 9): “É *na carne, nos órgãos, que nascem as imagens materiais primordiais*.” Ouso afirmar que a experiência com o bordado se tornou uma metáfora da minha busca por bordar a mim mesma e ao meu mundo imaginário, dando canal às vozes submersas que me habitam, minhas fantasmagorias. Mesmo antes de participar do núcleo Fios e tramas, as imagens de rede, tecer, bordar já se apresentavam em alguns textos, como o poema que abre este capítulo, em que o navegar se funde ao tecer:

com sua agulha de marear
navega o fio verde com que
borda a terceira
nunca derradeira
margem

A imagem da “rede de espera” também se apresenta no “Memorial em aquarelágrias”: “*Na tecedura da rede de espera. Uma espera que, tecendo, navega*”. Nesse devaneio, o tecer, atividade tradicionalmente feminina, relacionada à espera, como a de Penélope por Odisseu, ganha ares épicos ao se tornar navegação. *Anima* e *animus* se conjugam nesse devaneio marinho, que se configura nestes escritos poéticos como a transformação da ostra em canoa.

Liberta estas teias
que atam teu voo
canoa

segue o rumo
que guia
o rumor das ondas
marulho
incrustado destas
ostras
e à sua passagem
as bocas abrem-se
e fecham

silêncios na lua
que nasce da tua
proa
canoa
(Tamara Castro)

“Como a ostra se torna canoa?”, pergunto ao final do capítulo anterior. Não se trata de uma pergunta retórica, mas existencial, nascida dessas entranhas poéticas que registram uma travessia de mim a si, ao outro em mim. As imagens sonoras me guiam nessa navegação sem bússola. Ecos de marujos mais experientes ressoam na concha de meus ouvidos, iluminando a trilha a seguir. Para *“uma simples imagem poética não há projeto, não lhe é necessário mais que um movimento da alma. Numa imagem poética a alma afirma a sua presença”*, entoa Bachelard

(2005, p. 6). Atihé (2008, p. 60) complementa: *“A alma desvela-se por meio de suas dores e das imagens que estas a levavam a secretar, tanto em suas manifestações defensivas quanto nas criativas”*.

Contemplo sua solidão de pedra
que de perfil me ignora
e interroga esfinge
esculpida de mar e brisa
adulada do canto destas ondas
O que te move a pele
para além da tua ostra?
(Tamara Castro)

As imagens de canoa, lua, concha, ostra, ocarina, siri são, assim, desvelamentos de uma alma que se cria na travessia. Ao tratar do feminino em seu aspecto terrível, Erich Neumann (1999) destaca símbolos associados a travessias noturnas, como as imagens dos inferos, da caverna e do labirinto. Em rituais da Melanésia, o aspecto negativo do feminino – a Grande mãe ogra, “o útero devorador do mundo inferior” (*op. cit.*, p. 140) – é simbolizado por figuras míticas como a “mulher caranguejo”, de imensas tenazes, a *“concha gigantesca que, quando aberta, assemelha-se à genitália feminina e que ameaça, ao se fechar, ameaça os homens e os animais”* (*op. cit.*, p. 157) e ainda a *“lua com dois lábios”*. Em civilizações da América do Sul e Central, figura como símbolo do feminino terrível o caranguejo associado à figura da Górgona. *“O caranguejo, o caracol e a*

tartaruga são símbolos frequentemente associados à lua em movimento retrógrado, oculta na escuridão e que, pelo fato de ser devorada, está sempre ligada a símbolos negativos” (idem, p. 159-160).

Todos esses símbolos, associados à Grande mãe mitológica, representam aspectos do inconsciente abismal, que subjaz à fina superfície do consciente racional. O caráter aterrorizante dessas figuras relaciona-se ao temor ancestral da humanidade em ser tragada pelas profundezas abissais. Mitologias como as citadas reconhecem a centralidade do aspecto lunar, feminino – associado ao desconhecido, ao obscuro – tanto quanto o solar, masculino – representado pelo herói que mergulha no abismo (morte simbólica) e renasce transformado.

A água da minha alma
tem raízes sulfúreas
algas que incendeiam com seu gélido serpentear
desde o mais fundo abismo – cujo pisar enlameado é apenas
[prenúncio –
como mãos de cigana
chama
ao vento abaulando as velas
na direção das névoas tenebrosas
entre cantos de sereia e o mais sepulcral segredo

Aonde às cegas
coração sem cera nos ouvidos
me precipito sem fim e sem começo
em direção ao sol ofuscante e negro
(Tamara Castro)

Novamente a imagem do labirinto surge como caminho a ser trilhado em busca de um conhecimento mais profundo de nossa própria humanidade, que, tal qual a pessoa, é obra em aberto, sempre em elaboração, no contato – algumas vezes dança, outras vezes atrito – com o mundo social e natural. Em sua tese de doutoramento, ao tratar das estórias tradicionais como fios de Ariadne, Fabiana Rubira chama a atenção para a natureza musical desse percurso iniciático pelos inferos, em que a palavra poética se constitui como

imagem-lembrança-sonora, que nos convida não apenas a caminhar pelos seus mapas iniciáticos, mas a dançar por entre elas, com elas, num bailar labiríntico daqueles que buscam compreender-se a si mesmo e ao mundo, resultando nessa cartografia imaginária musical que nos levam além. (Rubira, 2015, p. 268.)

A pesquisadora discorre sobre a dança do grou, ou “dança do *ghéranos*” também conhecido como *tsuru*, ave sagrada no Japão, onde representa o *psychopompo*, mensageiro entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos – por isso o hábito de se colocar sobre o túmulo origâmis desse pássaro, para que este conduza a alma a sua nova morada.

Essa dança do grou foi ensinada a Teseu por Dédalos, o construtor do labirinto, nela há um bailarino condutor que marca o ritmo e é seguido em fila pelos demais. Esse fio humano que dança vai fazendo e desfazendo voltas, numa espiral labiríntica

que imita os caminhos que o herói precisou trilhar até encontrar-se com o Minotauro, o Senhor da Morte. (Rubira, 2015, p. 282.)

No mergulho abismal, os fios de Ariadne da dança, da música, das tramas bordadas, da palavra poética nos guiam por canais longos e estreitos, que determinam caminhos espirais, feitos de idas e vindas, alheios a nossa sede de linearidade e controle, relembrando ao corpo sua natureza ctônica. Em busca do tesouro submerso, reaprendemos a dançar rente ao chão tal qual a serpente, como o pequeno grande Kiriku em sua jornada pelo ventre da terra. Nossa memória menina nos guia na travessia:

Território secreto, por estar no mais íntimo de nós, às vezes escondidos de nós mesmo, mas sobretudo sagrado, por ser um lugar de re-licação. Ir até lá, conduzido pela criança que nos habita para sempre, abaixar-se, pois esta é uma lição que as crianças estão constantemente tentando nos dar e muitos adultos ignoram – é preciso abaixar-se, acocorar-se, lembrar-se de onde viemos, do chão, Pachamama que acolherá nosso corpo no momento derradeiro – essa criança, criação em ato, nos toma pela mão e nos leva até esse lago de águas primitivas, que está no íntimo do ser, para que possamos ver nossa face ali refletida, não sobre um falso espelho pintado de estranho, diante do qual nosso inquisidor mental exerce sua tirania das aparências, mas num límpido espelho d'água que nos convoca a nos ver e a existir em profundidade, integralmente. (Rubira, 2015, p. 281-282.)

Kiriku atravessando os subterrâneos de Karabá, a Feiticeira.

O caminho do labirinto exige a seriedade da criança, que ao brincar se entrega inteiramente ao instante do criar criando-se, em comunhão com a pedra, a lama, o sapo, o siri, alheia a tempo-espaço predeterminados. Para essa entrega ao instante, que nos possibilita o encontro com a imagem poética, é necessário escavar nossos “*achadouros de infância*” (Barros, 2003, p. 67).

Vou desinchando o meu baú de quinquilharias
valorosas e surpresa
reencontro
o que no esquecimento esperava

A imundície desses passos
meninos que entre pulos
e cacos
se desenham
na sombra do meio-dia

Na brecha do dia
onde estou
eu
a que ouvia
(Tamara Castro)

Na brecha do dia, a criança ouve a música oceânica que rege o instante. Vive em estado de presença, corpo e alma em comunhão, abertos às imagens sonoras que a interrogam a todo instante e lhe fazem nascer o desejo de conhecer, cavoucar, mergulhar na densidade da vida. É essa presença no agora, no tempo da experiência, que aproxima o artista da criança:

Cabe ao poeta sonhar como a criança, sorver um excesso de infância que se torna um germe de poema (Bachelard, 2005, p. 95), pois a "*criança conhece a ventura de sonhar, que será mais tarde a ventura dos poetas*" (2006, p. 94). O íntimo do homem que gera a poesia é uma criança. (Umeda, 2011, p. 97.)

Atentos aos mistérios incrustados nas coisas que o hábito torna banais, o olhar ingênuo, encantado, da criança e do poeta é capaz de captar pequenas epifanias. Assim, criam formulações singulares que transitam

indisciplinadamente pelas linguagens, desacomodando-as de seus assentos preguiçosos do uso comum e causando em nós maravilhada surpresa.

Pedro e vovô estão brincando de descobrir qual bicho é ave e qual é mamífero.
– Cachorro? – o vovô pergunta.
– Mamífero!
– Galinha?
– É ave, né? Tem pena...
– E beija-flor?
– Ah... – Pedroca, indeciso – É mamífero, né?
– Mamífero? Por quê?
– Ué? Ele não mama na flor?
(Pedro aos 6 anos)

Na fantasia da infância, são tênues os limites entre passado, presente e futuro, sujeito e objeto, adulto e criança, pois estão todos mergulhados no tempo-espaço do agora. Por isso é tão íntimo da infância o “era uma vez”, tempo das estórias.

Mamãe, o papai largou a gente aqui, que nem a mãe do João e Malia, né? (O pai tinha acordado mais cedo.) Quando você era pequena, você era a Malia, quando eu era grandão, eu era o João!
(Pedro aos 3 anos)

Como são saborosas as perguntas da criança, brincando com as imagens que exalam das palavras! Que doce nostalgia sentimos do tempo em que perguntas assim ecoavam de nós...

– Mamãe, por que trabalho chama trabalho?
– Boa pergunta, Nani... – respondo após alguns segundos de boca aberta.
– Não podia chamar flor? Ou janela? Ou gelatina...
– É verdade! Aí eu ia dizer: já tô indo florir. Vou lá pra minha flor... Gostei!
– É... Ou ia dizer: vou janelar hoje! Ou: tô indo gelatinar!
(Yanni aos 5 anos)

Tal qual a criança com suas perguntas brincantes, a travessia do poeta é ziguezagueante, um tanto quanto bêbada, feita um pouco de ação e o restante de entrega. A navegação poética depende da entrega do marujo às correntes que ultrapassam a força de seus braços, à paisagem que transborda no olhar desejoso de maravilhas. É preciso ter ouvidos abertos ao canto dos pássaros e ao marulho absorto nas conchas e raízes. Sentir a pele que doura sob o calor do sol e prateia ao nascer da lua, o gosto salobro que lambe os lábios e serpenteia na língua. Nesse passo trêmulo e oblíquo, o poeta atravessa a terceira margem, tecendo pontes entre corpo, mente e alma, realidade e imaginação, passado e presente, racional e ficcional, consciente e inconsciente.

Segundo Jung⁴³, “as pessoas dotadas de qualidades criativas” gozam de uma vantagem que “consiste precisamente na permeabilidade do muro divisório entre a consciência e o inconsciente”. O território limiar, a fronteira cambiante entre inconsciente e consciência, no qual as imagens são geradas a

fim de se projetarem no mundo objetivo e dele retornarem ao sujeito, transformadas, não é outro, senão a alma imaginativa.
(Atihé, 2008, p. 66-67.)

Elni Elisa Willms, em suas *escrevivências*, trazendo palavras sumarentas do *eros* que nos enlaça saborosamente à vida, descreve essa experiência de delírio e trânsito poético.

Embriago-me das palavras. Minha língua lambe-as e experimento de corpo inteiro a umidade quente para melhor acolhê-las, entumecidas e vigorosas: escritas. Deixo-as entrar e sair do corpo todo do meu texto. Sem pressa, faço trocas, transito de um lado para outro, ofereço-me brincante aos toques, aos sabores, cheiros, calores e aos olhares de outras margens – exploro a dança das palavras e desperto carícias para demais sentir – outras percepções e vertigens no movimento das travessias. E se as palavras penetram mais fundo eis que desdobram outros líquidos, mais espessos, para deslizar mais e mais selvagens sentidos escritos. Afagar as palavras para ardentemente compreender meus desejos e escrevê-los, por vezes temperados com o sal da lágrima, mês a mês com o sangue menstrual, mas também com a saliva, o suor, o mel e a cerveja. Compreendo, porque vivencio o segredo, a origem da tragédia e o crepúsculo dos ídolos na travessia do sertão, entre Buritis, Dãolalalão, estas, primeiras e todas as outras estórias, mesmo as aqui não nomeadas... E no calor daquilo que me invade sinto a erupção do prazer escorrer em versos selvagens, gemendo, uivando, gritando, mas especialmente narrando a prosa do mundo vivido. Sementes escritas deslizam pela minha boca, pelas minhas mãos, por outros vãos, mas, sobretudo estremece meu corpo inteiro em gozo. E no silêncio ouço a música das

⁴³ JUNG, Carl G. “A função transcendente”. In: *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 1991. Apud: ATIHÉ, 2008, p. 66-67.

respirações das palavras, ofegantes, porém satisfeitas. Completa, contemplo-me ao vê-las. Deixo-me ficar ao lado das palavras escritas. Delícias que experimento enquanto vivo, sim, dionisiacamente. (Willms, 2013, p. 245-246.)

Palavras *escrevidas* têm a densidade do corpo, o peso do mundo que nos cria enquanto buscamos criar nossos trajetos. Mas elas não se limitam ao apenas vivido: transitam de um lado para o outro, flertam com outras margens. De natureza mestiça, sua matéria é dúbia, composta tanto da realidade imanente, das histórias, dos fatos que nos acontecem, quanto de seu transbordamento no fantástico, nas estórias, nos poemas, nas canções, nos sonhos e devaneios, nas invenções. Sábia insânia do poeta que me desensina: “Tudo o que não invento é falso” (Barros, 2010, p. 345). Nossa busca infinda por nos formar humanos exige caminhos inventados, sem destino conhecido. No imaginário humano, a travessia pelas águas é recorrentemente associada a essa busca. Nossas águas interiores são forças que, habitando-nos, nos ultrapassam, simbolizando o outro em nós.

“Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar”. A voz suave e profunda de Paulinho da Viola ecoa em meus ouvidos, lembrando o quanto de entrega é feita a travessia. Entregar-se ao fluxo das águas e se deixar navegar é se colocar à disposição da *anima*, força que nos leva à transformação.

Entre as duas margens cronológica e geograficamente delimitadas, a terceira se constitui em um retorno ao oceano primordial, de onde ecoa a música oceânica, uterina, primeiro canto resguardado em um baú de maravilhas que o corpo tão bem lembra quando em contato com sua matéria fluida, impermanente como o eterno nasce-morre das ondas.

se tece de ausências
o canto que nasce

morre das ondas
eterno desatar espuma
e areia
relevos da estampa
ser não sendo
água sal concha granulada
instantes grãos solares

imatéria imprima
o bordado branco faz desfaz
tua saia rendada de nadas
canto tecido no soslaio
ponto sem arremate
nesta irremediável obra
tear de impermanências
(Tamara Castro)

Na busca de si, ressoa esse canto, vindo “Do antiquíssimo de nós / Onde têm raiz todas essas árvores de maravilha / Cujos frutos são os sonhos que afagamos e amamos” (“Dois excertos de odes”. In: Pessoa,

1992, p. 312). Esse canto nos devolve a nós mesmos, a nossas imagens internas, das quais tantas vezes nos distanciamos, nos burburinhos do dia pleno de espelhos lúcidos e vazios. Nas palavras de Campbell (2010, p. 92):

Cada um de nós se move em dois mundos: o interior de nossa consciência e o exterior da participação na história de nosso tempo e lugar. O cientista e o historiador se ocupam deste último, ou seja, o mundo das coisas “lá fora”, onde as pessoas são substituíveis e a linguagem serve para comunicar informações e ordens. Os artistas criativos são, por outro lado, aqueles que despertam a humanidade para a lembrança: chamam a nossa mente exterior para o contato consciente com nós mesmos.

Experimentamos a lição do mestre Quíron, a sacralidade da natureza, de que somos parte, em contemplação estética, na qual interior e exterior se refletem, não como espelhos perfeitos, mas como fugazes evidências do oculto. Como lembra Glória Kirinus (2011, p. 50), contemplar é “*estar presente no templo*”, num devaneio solitário que nos resgata o olhar admirado da infância. O mergulho em si, experiência de centramento, está relacionado à construção de uma subjetividade. Por isso a imagem do casulo traduz tão bem esses momentos de silêncio e solidão que antecipam e resguardam o ser em metamorfose. O casulo é, paradoxalmente, túmulo da lagarta e útero da borboleta, como, nos processos iniciáticos, o mergulho no labirinto representa a morte para o

nascimento de um ser dotado de uma consciência alargada sobre a vida, por ter incorporado a ela a experiência da morte.

No “*isolamento fabuloso*” (Kirinus, 2011, p. 65), também simbolizado pelas imagens de ostra, concha ou siri, o ser que morre tece a si mesmo novas possibilidades de ser. Processo semelhante à desaprendizagem de conceitos cristalizados socialmente para uma aceitação plena da vida, que inclui o acaso, o imprevisto, o lúdico, o irracional e a morte (Almeida, 2013).

A desaprendizagem, de forma radical, abarca o próprio desconhecimento de si. Subvertendo o axioma clássico, é preciso desconhecer-se a si mesmo, pois o mergulho no labirinto exige o desnudar das máscaras que nos pegaram à cara.

Fiz de mim o que não soube
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
Como um cão tolerado pela gerência
Por ser inofensivo

E vou escrever esta história para provar que sou sublime.
("Tabacaria". In: Pessoa, 1992, p. 365.)

O tempo do casulo é o tempo de morte, desnudamento, desconhecimento de si diante do espelho. Quem é o estranho que me olha e me habita?

Manter algo de si no vazio, uma parte de nós capaz de olhar para o todo como terra desconhecida, aberta para o espanto de nós em nós. Ou seja: é preciso ser capaz de olhar para nós mesmos com estranhamento para que possamos enxergar possibilidades que um olhar viciado tornaria invisíveis. Este é o processo de se desconhecer como uma forma mais profunda de se conhecer. Para novamente se desconhecer e assim por diante. Exige muita coragem. Porque dá um medo danado. (BRUM, 2010, s.p.)

Nessa desaprendizagem de si, morte simbólica, vive-se o tempo da flor de pedra. À terceira margem do rio, em silêncio, breu e bruma, maduram coragens de navegar. Raízes túmidas de brejo dão esteio ao tronco que se alça à navegação. Embevecidas em licor escuro, as raízes aprofundam sua sede de asas, de vento. A árvore enraizada e a ensimesmada ostra se fundem no mesmo devaneio.

Um canto nauta
se insula
cápsula incrustada
no mar fundo

à pele d'água
palavras são ostras
náufragas emaranhadas em seu medo
sufocam de sal e sede
de vento
(Tamara Castro)

O vento, atmosfera que dança, é para a ostra a liberdade em substância elementar. Ele realiza o seu anseio de "voar fora da asa" (Barros, 2010, p. 302), maior delírio do poeta. Mas o vento, seu grande amor, é também seu carrasco.

Sufoco ao ar
seco
meu úmido segredo
(Tamara Castro)

A ostra segreda sua fragilidade e ao mesmo tempo sua potência: as águas criadoras do grande feminino que moram em suas entranhas. Prima-irmã do siri, ela resguarda, no seu castelo preamar, a flor íntima que do mar é centelha.

E minhas palavras
talhadas na pedra
sulcaram esta morada
duros calos
insulam esse canto

de imenso azul
licor
embriaguez rompante
guardando a sete chaves
a chama que vela
o mostrengo adormecido
muitas léguas
sob o mar
(Tamara Castro)

A ostra deseja e teme o mar, pois este representa o fim de sua existência como até então pode conceber, enclausurada em suas paredes de nácar, na tentativa de se proteger do todo que a engloba. Mas desvendar o segredo úmido da ostra à violência da faca a leva à morte certa e banal. Seu canto navegante em botão morre na praia, como descobre Marcela em *A ostra e o vento*:

Segurou com a mão direita a ponta da faca e forçou-a nas arestas da concha de uma ostra. Só então reparou na resistência para manter-se fechada, e parecia morrer no instante em que sua vida interior era desvendada.
– Cada ostra é uma ilha, não acha, Daniel?
[...] Enfim abriu uma concha, examinou-a bem e arrependeu-se de tê-la aberto. Comprimiu-a entre as mãos, tentando fechá-la outra vez, mas quando a largou na areia ela tornou a abrir-se. Estava morta a ostra e não mais necessitava abrigar-se na concha, não tinha razão de fechar-se. (Lopes, 1962, p. 52-53.)

Para que seu canto singular não se perca e ela não se torne mero molusco dissecado no catálogo da ciência, é preciso tempo para maturar em suas entranhas o desejo navegante, pérola parida da dor que o outro em si lhe impinge.

Sou sendo
ostra que deseja
o mar
a tal ponto me seco
para o receber

no oco de ser
toda ao vento me dou
essa dor
que me pare
pérola
(Tamara Castro)

O tempo da flor de pedra é o tempo das raízes, retorno ao útero da terra: mergulho necessário para, abrigada em sua concha, com os fios líquidos que lhe constituem o corpo, teça as velas, asas de navegar.

*Nos rochedos insones
de outra cidade
(há o oceano entre nós)
enquanto tece esse amor*

sempre adiado

Penélope

os lábios mudos

em hiato

rumina

(Archanjo, 1984, p. 87.)

A ostra e o vento

Há um amor

tecido de ausências

ventos e ruínas

o alinham

e em minha carne

fruta nada

se enreda

(Tamara Castro)

Na longa contemplação de seu oceano, “*tremendum* motor deste mundo”⁴⁴, descobre que “o mar estava na concha” (Barros, 2010, p. 321). Em delírio poético, a ostra se inventa canoa.

Diante de ti, mar
desse azul afora
além

⁴⁴ Em um dos estágios da iniciação órfica, o *mystes*, ou iniciado, descobre que “o deus do oceano criativo, o *tremendum* motor deste mundo, é um aspecto de si mesmo que devia ser experienciado *interiormente*.” (Campbell, 2010, p. 34.)

da minha pequena imensa
dura mansa casca
abro-me janelas

ventos me percorrem por dentro
tornada sal areia

e um canto findo e fundo
nascente dessa dor que me inunda
serena minhas arestas
e me aceita ondeada
ocarina
(Tamara Castro)

Na navegação sonora da poesia, a concha canoa se molda *ocarina*, viva e plenamente entregue ao sabor das ondas e ao som do vento que penetra em suas entranhas, fazendo-a cantar. A transformação da ostra em *ocarina-canoa* funde, em uma mesma imagem, o navegador – na literatura ocidental clássica sempre o homem que abandona as raízes, a pátria, o amor, a família, “por mares nunca de antes navegados” (Camões, [1572], Canto I) – a mulher – tecendo sua espera à beira do cais – e a sereia – cujo canto dionisíaco é temido pelos navegantes que tentam capturar o mundo pela objetividade linear da luneta, apontando o rumo a seguir, cegos às tentadoras belezas do caminho. Entrelaçando essas três figuras, incorporando-lhes as “dicotomias tradicionalmente excludentes” (Kirinus, 2011, p. 30), como o dia e a noite, a canoa ocarina, com sua

sensibilidade crepuscular, não ensurdece nem esquece as raízes que a unem aos íferos. Ao contrário, ela navega ocasos em cantos, tocada pelo vento úmido que a impulsiona e a fertiliza.

Mesmo nos símbolos do caráter de transformação quase sempre se mantém a ligação com o caráter elementar do Feminino e com os símbolos da região do ventre e do útero. Segundo uma correspondência direta com o simbolismo do corpo-vaso, a parte superior se constrói sobre a inferior, e é inconcebível exceto em conexão com ela. A transformação começa no nível inferior e, ao elevar-se, envolve-o. Quando observada no mundo matriarcal, ela nunca é um processo “superior”, sem alicerces, desarraigado, como o intelecto masculino abstrato costuma imaginar. (Neumann, 1999, p. 52.)

A navegação da ostra canoa é feminina, sustentada por fundas raízes. Em seu canto, que rememora a margem brejeira onde se aninhou o tronco talhado a navegar, a ocarina conta ao vento com quantos breus se faz uma canoa.

sussurram em meus poros subterrâneos
esse canto de abismo
inaudito canto de nadas
amanhecendo ocasos

à sombra das pestanas
irradiam trevas imersas
súplice solidão marinha
em mim ressona

num canto
cuidadosamente destecido
fio a
lápide
noite a dia
lambido de lágrimas
escritas no vento
entre paredes
de carne e nácar
(Tamara Castro)

A ocarina me remete à lenda indígena de Uakti, originária do povo Tukano. Quem me contou essa narrativa foi a querida amiga amazonense Nádia Tobias, durante o intervalo em um dos encontros no núcleo de Dança do Lab_Arte, que ela acompanha fotografando os processos de corpocriação. Ouvíamos composições do grupo de música instrumental brasileira Uakti, quando Nádia perguntou se conhecíamos a lenda. Eu disse que não, então ela contou:

Há muitas e muitas luas, uma jovem indígena deu à luz uma estranha criança: era um menino com buracos por todo o corpo. Ele recebeu o nome de Uakti. Passou a infância sem amigos, correndo pelas trilhas da grande floresta amazônica. Quando se tornou homem, começou a sofrer de um fenômeno ainda mais estranho: quando deparava com o vento pelos caminhos da floresta, este penetrava nos orifícios espalhados por seu corpo, produzindo sons belos e harmoniosos, como nunca antes se

ouvira. As melodias entoadas de Uakti encantavam as mulheres da aldeia, que se apaixonavam perdidamente, algumas abandonavam suas ocas, seus filhos, pais, amantes. Claro que os homens não gostaram nada da novidade, começaram a espalhar o boato de que aqueles sons eram demoníacos e, por fim, decidiram matar o portador daquele encanto. Após noites e mais noites à caça de Uakti, os homens enfim conseguiram aprisioná-lo e matá-lo, enterrando no coração da mata seu corpo melodioso. Passadas algumas luas, no local onde Uakti fora enterrado, nasceram três palmeiras altas. Para espanto da aldeia, ao ser acariciado pelo vento, seu caule longo entoava melodias tão belas como as que ressoavam de Uakti. Assim, do corpo da palmeira, Uakti renascido, o povo passou a fazer flautas cujos sons encantam a todos.

Nessa narrativa, que retoma o ciclo vegetal de morte, transformação e renascimento, o canto entoado de Uakti pelo sopro do vento é orgiástico. Para Vernant (1988, p. 75), a flauta é *“por excelência, o instrumento do transe, do orgasmo, do delírio, dos ritos e danças da possessão”*. O canto noturno, delirante, ecoado da flauta dionisiaca, conduz ao transe, transportando-nos a outras margens, que ultrapassam nossa sede de controle racional.

Na lenda indígena, ao voltar ao útero da terra, o canto de Uakti transborda as margens do corpo individual e renasce universal, unindo em suas asas o corpo da comunidade. Como o canto nascido do ventre da loucura, do mais profundo abandono, no conto “Soroco, sua mãe, sua filha” (Rosa, 1974, p. 36):

Agora, mesmo, a gente só escutava era o acorção do canto, das duas, aquela chirimia, que avocava: que era um constado de enormes diversidades desta vida, que podiam doer na gente, sem jurisprudência de motivo nem lugar, nenhum, mas pelo antes, pelo depois.

Num instante de afirmação trágica da vida, a multidão, (re)unida pelo canto sem sentido, sem razão, atravessa os muros quase intransponíveis do bom senso cotidiano, esgarçando o véu que determina as fronteiras entre lucidez e loucura, e, solidária na dor de Soroco, se abraça no cortejo dionisiaco, entoando a mesma “chirimia”⁴⁵ (Rosa, 1974, p. 37):

E foi sem combinação, nem ninguém entendia o que se fizesse: todos, de uma vez, de dó do Soroco, principiaram também a acompanhar aquele canto sem razão. E com as vozes tão altas! Todos caminhando com ele, Soroco, e canta que cantando, atrás dele, os mais de detrás quase que corriam, ninguém deixasse de cantar.

⁴⁵ Termo que denomina um tipo de instrumento de sopro no México e também outros instrumentos semelhantes na Espanha.

Voo fora da asa, o canto de Uakti, da mãe e da filha de Soroco, da flauta dionisíaca, da concha canoa ocarina é sem sentido, sem razão, sem explicações lógico-matemáticas. Delirante, a arte que dança, canta, brinca, pinta e borda, transbordando as raías de tempo e espaço, nos leva a navegar.

necessitamos de toda arte exuberante, flutuante, dançante, zombeteira, infantil e venturosa, para não perdermos a liberdade de pairar acima das coisas, que o nosso ideal exige de nós [...]. Devemos também poder ficar acima da moral: e não só ficar em pé, com a angustiada rigidez de quem receia escorregar e cair todo instante, mas também flutuar e brincar acima dela! (Nietzsche, 2001, p. 133.)

A menina que escava, buscando olhos d'água, espelhos, canais, encontra a raiz tuberosa aflautada, e a ardentia da busca se arredonda em cantilena. Assim o canto findo e fundo, nascente dessa dor que me inunda, serena minhas arestas; e, canoa, me arredondo em ocarina. É no caminho, afirmando a vida em todas as suas nuances, acasos, incompletudes, ilogismos, dores e alegrias, plenamente entregue ao percurso de se criar criando, que ecoa nossa música, íntima e universal.

Ao escavar, a criança que nos habita acha estilhaço de vidro, roda de carrinho, perna de boneca: a vida nasce em cacos. Também encontra olhos d'água e ouve a melodia submersa: o pulso da terra. Mergulhadas nesse sangue terracota, ganhando fluidez, as mãos brincam, moldam a

terra, dão sentidos aos cacos, que se vão compondo vitral. Narrando sua estória, cantando a melodia secreta da terra, cada pessoa, com sua digital sonora, uma e única voz, fugaz como o dia e a vida, transborda as estreitas margens individuais. Conduzido pelo canto da sereia-imagem poética, o *Animus* navegador incauto se enlaça à *Anima* mulher que o espera. E se vão atravessando, dançando, cantando e tecendo na terceira margem.

VI. DA POESIA COMO ENCANTARIA DA LINGUAGEM À ESCRITURA FORMATIVA

tambor mestizo
coração mapuche
erizam pelos
poros vertiginam o solo
em ondas
rubra rubra
rubra respiração da terra

no labirinto dos oito fios
veias pulsam seu sangue de lama rubi
rio rio rio
emerge caudaloso
olho d'água dançarino
esculpe caminhos pelo rosto

tronco pernas pés
enraízam uivos
e florescem cantos
à deusa Lua
(Tamara Castro)

Tamara Castro, bordado, núcleo Fios e Tramas do Lab_Arte,
1º semestre de 2015. Foto: Thiago Luis de Jesus.

Do corpo do barro às águas da palavra. À beira-rio, coberta da lama avó de sonho, a ostra-concha-siri tece a rede de espera, maturando no breu seu tronco de navegar, canoa. Na terceira margem, a concha canoa se descobre ocarina. Em delírio, ela canta no vento a poesia, encantaria da linguagem, sopro dionisíaco que traz à tona, no breve instante parido entre brenhas, os sentidos submersos à palavra diurna, diária, desencantada.

Esta narrativa é tecida em palavras “*escrevivas*” (Willms, 2013), trilhadas através de descaminhos brejeiros. Nos desvios de bugre, caçando “*as melhores surpresas e os arituncs maduros*” (Barros, 2010, p. 319), reencontro a menina teimosa que escava tesouros submersos. Essa menina, com mãos tintas do barro – matéria da minha infância, desejo da minha alma –, me guiou em um mergulho às cegas, coração sem cera nos ouvidos, pelo labirinto de minhas águas, em busca da palavra que me reencante. Meu fio de Ariadne são as memórias meninas, imagens nascentes do corpo que balbuciam, calam, cantam, gritam à procura de canais.

Em silêncio amadurece o fruto verde
há muito esquecido em um baú com tantas quinquilharias
que mal me lembram como são fundos os mergulhos
em busca de suas raízes

Elas me enredam e seu sabor
sabe a flores recém-pisadas
relva onde perambulam minúsculos pés laboriosos e vagantes
folhas cantoras que ocultam outras belas
varridas do vento
prenunciando a noite
(Tamara Castro)

Os (des)caminhos que me trilharam, os mares que me navegaram compõem esta *jornada interpretativa*⁴⁶ na qual me desfio, me desnudo de conceitos, sentidos, máscaras, e, no enfrentamento do outro que me habita, contemplando outras paisagens, outras possibilidades de ser, reconstruo sentidos de vida.

Neste trajeto, a intuição inicial, que já no projeto de mestrado relacionava escrita e terra, poesia e barro, foi ganhando fluxo e forma. Sopro, canoa e terceira margem desta jornada, a palavra poética, que nasce no instante das imagens sonoras, cada vez mais se vincula à escavação, metáfora de minha busca por “achadouros de infância” (Barros, 2012, p. 67).

⁴⁶ “A jornada interpretativa é, precisamente, esse momento antropológico em que eu deixo o gabinete, a comodidade do lugar-comum, o meu lugar, o meu *locus* (lugar) e *domus* (casa), e, então, viajo. Vou contemplar essa paisagem desde o seu interior, vou dialogar com as pessoas concretas lá. E aí, então, nessa explosão de sentidos, é que ocorrem as descobertas da constituição de nossa alteridade, numa reconstrução pessoal de sentidos.” (Ferreira-Santos e Almeida, 2012, p. 44.)

Assim como o poeta, a relação entre infância, imaginário e poesia é destacada por autores com quem dialogo ao longo desta travessia. Glória Kirinus (2011, p. 33) evidencia esse liame na própria etimologia da palavra *infância*: “de raiz latina *fantilis*, que nasce do verbo *for, fatus, sum farie*, que significa dizer, predizer e celebrar em poesias, denota a relação infância-fantasia-poesia”. N’A *poética do devaneio*, Gaston Bachelard (2009, p. 95) também realça esse vínculo:

Um excesso de infância é um germe de poema. Zombaríamos de um pai que por amor ao filho fosse “apanhar a lua”. Mas o poeta não recua diante desse gesto cósmico. Ele sabe, em sua ardente memória, que esse é um gesto cósmico. A criança sabe que a lua, esse grande pássaro louro, tem seu ninho nalguma parte da floresta.

Na memória corporal da menina que fui, encontro a semente dessa busca por olhos d’água na carne da lama. Atenta ao alerta de Bachelard⁴⁷, não busco traçar a genealogia da imagem, seus antecedentes históricos, mas antes, num caminho fenomenológico, tateio seu embrião mítico, como o faz Manoel de Barros, ao pressentir em uma “peraltagem” da infância a raiz de um verso:

⁴⁷ “Para um fenomenólogo, procurar os antecedentes de uma imagem, quando se está na própria existência da imagem, é sinal inveterado de *psicologismo*. Tomemos, ao contrário, a imagem poética no seu ser. A consciência poética é tão totalmente absorvida pela imagem que aparece na linguagem, acima da linguagem costumeira, fala com a imagem poética uma linguagem tão nova que não se pode mais considerar com proveito correlações entre o passado e o presente.” (Bachelard, 2005, p. 13.)

Lacraia

Um trem de ferro com vinte vagões quando descarrila, ele sozinho não se recompõe. A cabeça do trem, ou seja, a máquina, sendo de ferro não age. Ela fica no lugar. Porque a máquina é uma geringonça fabricada pelo homem. E não tem ser. Não tem destinação de Deus. Ela não tem alma. É máquina. Mas isso não acontece com a lacraia. Eu tive na infância uma experiência que comprova o que falo. Em criança a lacraia sempre me pareceu um trem. A lacraia parece que puxava vagões. E todos os vagões da lacraia se mexiam como os vagões do trem. E ondulavam e faziam curvas como os vagões do trem. Um dia a gente teve a má ideia de descarrilar a lacraia. E fizemos essa malvadeza. Essa peraltagem. Cortamos todos os gomos da lacraia e os deixamos no terreiro. Os gomos separados como os vagões da máquina. E os gomos da lacraia começaram a se mexer. O que é a natureza! Eu não estava preparado pra assistir aquela coisa estranha. Os gomos da lacraia começaram a se mexer e se encostar um no outro para se emendarem. A gente, nós, os meninos, não estávamos preparados para assistir aquela coisa estranha. Pois a lacraia estava se recompondo. Um gomo da lacraia procurava o seu parceiro parece que pelo cheiro. A gente como que reconhecia a força de Deus. A cabeça da lacraia estava na frente e esperava os outros vagões se emendarem. Depois, bem mais tarde eu escrevi este verso: Com pedaços de mim eu monto um ser atônito. Agora me indago se esse verso não veio da peraltagem do menino. Agora quem está atônito sou eu. (Barros, 2008, p. 81.)

Os fertilizantes poéticos para a escrita que teci ao longo deste mestrado são as memórias da mão na terra. Como a raiz etimológica da palavra *verso*, o ofício da escrita é telúrico, agrário. Ao versar, abrimos sulcos na terra, revolvendo o solo ressequido, esgotado de usura, e o devolvendo às profundezas, para que, no escuro silêncio das raízes, resgate sua fertilidade. No mesmo gesto, trazemos à tona a terra ungida de breu, fecundada de morte, prenhe de memórias ancestrais. Arando, trazemos ar à terra, inspiramos a escrita, oferecendo-lhe momentos de silêncio que, em conjunção amorosa com as imagens sonoras, compõem o canto.

A escrita é uma das expressões da arte, arte no sentido etimológico de articular saberes, juntar o que está separado para expressar algo. Argila e escrita são muito próximas, nesse sentido, como caminho simbólico para expressão de si, pelo moldar possível que ambas as experiências proporcionam. Lembremos que a articulação dos membros do nosso corpo (mãos, pernas, joelhos) permitem nossos movimentos mais delicados e também os amplos. Assim, no nível das ideias, articular permite que um texto ou discurso desarticulado ganhe sentido e coerência (Willms, 2014).⁴⁸

Ao longo da travessia que narrei até aqui, aprendi a arar os momentos de leitura, escrita, reflexão, entremeando-os a instantes de silêncio e música, no bordado, na dança, na argila, no canto. As linguagens artísticas, aliadas à educação, podem promover esse arejamento das práticas educativas em prol de

⁴⁸ Fragmento do texto escrito por Elni Elisa Willms por ocasião do meu exame de qualificação, realizado em agosto de 2014.

uma formação humana plena, não no sentido de completa, definitiva, irretocável, mas, ao contrário, plena por incorporar o inacabamento, as ambiguidades e incoerências, a corporalidade, o lúdico, dimensões integrantes do humano.

Na criação artística, nos entregamos ao fluxo das águas, ao pulso do instante, ao coração do vivido, sem que reflitamos sobre isso em termos conscientes e racionais. Quando me refiro à criação artística, considero também a experiência de se deixar tocar por uma obra, posta à luz por outra pessoa, mas que nos afeta de tal modo que se torna nossa e, resgatando-nos memórias submersas, fertilizando-nos de imagens sonoras, nos impulsionando a criar.

Cultrum, tambor mapuche sendo executado em sarau do Lab_Arte, 2015. Foto: Nádia Tobias.

Neste momento, em que encerro meu processo de escritura para o mestrado, procuro focar um aspecto da travessia que ensaiei uma aproximação no capítulo anterior: a experiência da criação artística junto com outros. Como narro no memorial e ao longo de todo este texto, sempre encarei a escrita como um trabalho silencioso e solitário. Não se trata, é claro, de uma idiosincrasia minha; em geral, os escritores necessitam de algum isolamento, silêncio em meio ao burburinho cotidiano. Por isso, nos recônditos de seu Parnaso, Olavo Bilac (2012, p. 68) recomenda:

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!

Entretanto, bem distantes do ideal parnasiano da arte pela arte, as imagens sonoras que guiam meus escritos nascem no turbilhão, no meio do redemoinho: no mergulho ao barro, na travessia de ônibus ou metrô, na pedalada diária, na conversa com amigos, na dança, no bordado. O mergulho labiríntico que vivenciei me permite dizer que a experiência poética se dá na epifania do instante, nas brechas do dia. Não é preciso isolar-se qual monge beneditino: o campo do imaginário, lugar de entre saberes, está imerso na vida. A lição de Quíron, “tudo é santo”, ecoa em “Amor de índio”, canção de Beto Guedes e Ronaldo Bastos (1978):

Tudo que move é sagrado
E remove as montanhas
Com todo cuidado, meu amor
Enquanto a chama arder
Todo dia te ver passar
Tudo viver ao teu lado
Com o arco da promessa
No azul pintado pra durar

O desejo de encontro, anseio de compartilhar a querência da poesia, coabitar o remanso de imagens sonoras, é canalizado, ao final de “Do rio à canoa”, em forma de pergunta: Como a ostra se torna canoa? Como, a bordo dessa canoa aberta ao vento, transitar pelas margens tecendo redes e pontes?

As imagens de canoa, ostra, rede, ponte, rio, mar, entre outras recorrentes nos meus escritos, me levaram a buscar espaços e momentos de encontro em torno da criação poética: as vivências artísticas nos núcleos de Dança e de Fios e Tramas do Lab_Arte, que relatei brevemente no capítulo anterior e, de forma mais diretamente ligada ao trabalho com a escrita, ao núcleo da Palavra do Lab_Arte, que tive o prazer de atuar como monitora no primeiro semestre de 2015, ao lado do amigo e companheiro de mestrado André Luis Santos.

Seguindo a sugestão de nosso orientador, Marcos Ferreira-Santos, tomamos as imagens sonoras das águas como inspiração das oficinas. Entremeando nossas pesquisas – a minha sobre a palavra e a de André sobre o canto –, intitulamos este Lab-Arte de “*Águas da palavra, palavra en-cantada – Travessias*”.

No texto de apresentação de nossa proposta, convidando os participantes a ouvir conosco “*o sotaque das águas*” (Barros, 2008, p. 47), perguntamos: “*Serão as águas, erodindo, amaciando, fecundando as margens, aliadas nessa busca pela palavra poética? Serão as vozes do riacho, da cascata, da maresia fios de Ariadne que nos guiam ao oco de nós, ao eterno e indizível mistério de cada um?*”

Há em nós a palavra que é canto por se fazer silêncio e som, melodia e poesia, memória e imaginação. Mais pergunta que resposta, mais caminho que chegada, travessia de si a si, de si ao outro que nos habita e co-habita. Palavra navegante entre as duas margens, terrenas, mensuráveis, e uma terceira, fluido vir a ser. Margem da palavra. Água da palavra.⁴⁹

Ao longo de quatro meses, em encontros semanais de 1h30 de duração, procuramos promover experiências com a palavra poética, sempre fecundada por outras linguagens: música – tanto cantada como

⁴⁹ Texto de apresentação do Lab-Arte “*Águas da palavra, palavra en-cantada – Travessias*”, desenvolvido de março a junho de 2015.

instrumental – , dança, imagem – animação, vídeo e ilustração. Tínhamos no texto de Larrosa (2014, p. 28) uma forte inspiração para os encontros que gostaríamos de promover: “É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.”

No primeiro encontro, que confesso ter esperado desassossegada, cheguei meia hora antes na sala. Temia que não viesse ninguém, ou que eu não conseguisse deixar clara qual era a nossa proposta e que houvesse uma debandada geral. Entre a ansiedade e o temor, me abracei ao livro que trazia, cúmplice: *As marinhas*, de Neide Archanjo (1984). O exemplar me foi emprestado pelo mestre Marcos Ferreira-Santos logo no início do mestrado, quando, em meio aos soçobros do projeto inicial, me debatia naufraga entre imagens que, sem vislumbrar horizonte escrevia. Novamente perdida nessa nova empreitada, agarrei-me a velhas conhecidas, a palavra escrita e a lousa, onde grafiei estes versos, que abrem *As marinhas*:

Como conhecer as coisas senão sendo-as?
Como conhecer o mar senão morando-o?
Chamo as coisas com os versos que eu quiser,
Os mistérios, os medos, os três reinos,
E esse reino que eu vim reiniciar
(Jorge de Lima, *A invenção de Orfeu*)

Depois de alguma espera, apareceu a primeira aprendiz. Procurando em vão esconder a insegurança, me apresentei e perguntei seu nome: Raissa. Logo em seguida, para minha alegria e alívio, chegou o André, com seu inseparável *djembé*. Estávamos em seis pessoas, nós e quatro jovens mulheres estudantes de pedagogia. Após as apresentações pessoais e da proposta geral, André nos ensinou a cantar e dançar *Funga aláfia*⁵⁰, canto de saudação originário de Gana. Em seguida, fizemos uma dança que lembra uma marola: em roda, encostados ombro a ombro, um faz um movimento para o lado, que vai se refletindo nos demais, até voltar a quem o iniciou. Depois, pedimos que as participantes compartilhassem suas impressões. Cada um a seu modo, as meninas descreveram os primeiros movimentos como bruscos e irregulares, o ritmo variando muito de um a outro membro da roda. Aos poucos, o ritmo foi se regularizando e os movimentos se tornaram mais fluidos e harmônicos. Em seguida, pedimos para que cada um pensasse e compartilhassem lembranças da infância em que a água estivesse presente. Foi interessante perceber como, após as dinâmicas corporais e musicais, as lembranças aquáticas vieram à tona e cada um de nós se sentiu à vontade para trazê-las à roda. Essa impressão também foi

⁵⁰ A letra desse canto é bastante singela, composta pela repetição do verso: “Funga aláfia, ashe, ashe” [Em ti eu penso, contigo eu falo, de ti eu gosto, somos amigos]. Disponível em: <<http://www.meloteca.com/cancoes-do-mundo.htm>>. Acesso em: jul. 2015.

compartilhada por uma das participantes. Ao final, com a voz trêmula, abri o livro que trazia comigo e li:

Não canto rios
cascatas cachoeiras regatos.
Canto o mar.
Os outros são acidentes geográficos.
O mar não é acidente geográfico.
É essa carne verde-azulada
pele
cujas escamas brilham
quando o sol nela se mistura
fazendo o poeta ali reencontrar a eternidade.

E o Espírito se contempla nesse espelho secreto
guardião fiel da suprema harmonia
do seu todo
nostálgico narciso
compondo as coisas.
(Archanjo, 1984, p. 27.)

Após a primeira vivência, André e eu combinamos seguir essa dinâmica de iniciar acordando o corpo por meio da dança e do canto. No encontro seguinte, em que vieram novos participantes, iniciamos com uma roda de ciranda. Desta vez, além de estudantes da pedagogia, tínhamos alunos de outros cursos, matriculados em disciplinas da licenciatura. Percebemos o estranhamento em muitos deles quando formamos uma roda

para cantar e dançar canções tradicionais de ciranda. Um dos participantes, estudante de Física, com os olhos arregalados, nos indagou: “Mas de onde vocês tiraram isso?” Eu ri e perguntei: “Isso o quê? As canções, a dança?” E ele: “É, tudo isso! Eu nunca tinha visto, muito menos participado!” Outra participante, Flávia, da pedagogia, a mais entusiasmada na ciranda, afirmou que a experiência havia sido muito gostosa, pois a lembrou de sua infância, em Maceió. Na meia-hora final, conversamos um pouco sobre nossa proposta de navegar pelas águas da palavra, fazendo travessias entre linguagens, sempre partindo de experiências que articulassem corpo, imaginário e reflexão. Nesse momento, vários participantes se declararam surpresos com a experiência da ciranda. Uma estudante manifestou a percepção de que, ao dançar e cantar, a palavra ganha materialidade, ritmo, diferente de quando apenas a lemos ou falamos.

O terceiro encontro foi uma prova de fogo. Primeiro porque teria de conduzi-lo sozinha, já que o André não pode estar nesse dia. Lembrando-me das experiências com respiração no núcleo de Dança, espirei fundo e decidi encarar o desafio de iniciar com uma dança circular. Sabia que seria um risco, em razão do meu bloqueio com expressão corporal, especialmente com ritmo e coordenação. Mas me animavam as vivências com dança, tanto no núcleo específico, como nos encontros de Fios e Tramas, em que Nádia Tobias sempre organiza rodas de dança circular. Resolvi puxar uma dança

com passos bem simples, que havia aprendido com Nádia, ao som do “Cânone em Ré Maior”, de Johann Pachelbel. Mas em vez de apenas tocar a música, decidi apresentar um vídeo no qual ela é a trilha para uma revoada de pássaros, imagem que sempre me emociona⁵¹.

Com cuidado, sentindo o pulso sanguíneo, pedi para formarmos uma roda, o que os presentes já não estranharam tanto, já que a maioria havia participado da ciranda. De mãos dadas, iniciamos a dança circular, em ritmo lento, inspirando-nos com o balé aéreo dos pássaros. Ao final, olhei para minha pequena, Yanni, que me acompanhava nesse dia, e vi que seus olhos brilhavam. Tomei coragem e fitei os outros companheiros, senti emoção – seria o reflexo da minha? Não posso dizer ao certo. Então contei a eles que havia aprendido essa dança no sábado anterior e que estava com receio de errar, mas havia decidido experimentar. Disse que aquela música, acompanhada do balé dos pássaros, me lembrava um poema, talvez um haicai, de Manoel de Barros (1999, s.p.):

Os seres beijados de flores
de brisa
de sol
sabem mais da ternura das águas

⁵¹ Refiro-me ao vídeo “Amazing starlings murmuration”, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eakKfY5aHmY>>. Acesso em: mar. 2015.

Em seguida, nos sentamos e eu li em voz alta “No colo do verde vale”, de Marina Colasanti (2006, p. 29-34). No conto, o protagonista é o Tempo, que, cansado de sua eterna marcha em direção ao futuro, resolve parar e descansar, correndo o risco de fazer tudo se estagnar. Apesar do risco, o grande e implacável Tempo se debruça “no colo do verde vale”. Então, contemplando de perto a vida, ele vê:

o grilo saltar vergando fios de grama, [...] o escaravelho marcar sua passagem rolando a bola de esterco, a serpente escorrer em curvas, cada um no seu ritmo, avançando, tecendo a rede que ele acreditava segurar as pontas.
E ali, inclinado sobre a vida, descobriu aquilo que nunca suspeitara. Não era ele com seus passos que ordenava tudo, que comandava o salto do grilo, o vento na espiga, as pás do moinho. Mas eram eles, grilo e espiga, cada um deles que, com seus pequenos movimentos, faziam os passos do Tempo. (Colasanti, 2006, p. 34.)

Depois da leitura, falamos um pouco da nossa própria relação com a vida, nessa marcha sufocante do tempo cronológico, e propus que também experimentássemos parar e deitar “no colo do verde vale”, sendo tocados pela vida em sua fugacidade. Degustamos as imagens que a autora cria para retratar esse tempo que dá tempo ao tempo, lembrando o célebre trava-língua:

O tempo perguntou pro tempo,
quanto tempo o tempo tem.
O tempo respondeu pro tempo,
que o tempo tem o tempo
que o tempo tem.

Falamos um pouco de haicais, esse gênero poético que capta em imagens sonoras os instantes flutuantes com que a vida nos presenteia, mas que muitas vezes não percebemos, focados em continuar a marcha linear e acelerada em direção a um pretense futuro. Leio haicais de Alice Ruiz, Bashô, Guilherme de Almeida, H. Masuda Goga, Múcio Goes e Paulo Leminski, e passo alguns livros com textos do gênero. Após uma rodada em que cada participante é convidado a ler um haikai de que mais gostou, propus que experimentássemos “haicair” ao longo da semana. Observei que, embora esse gênero tenha algumas regras formais, que alguns autores consideram fundamentais, isso não era importante para nossa proposta, pois a ideia era nos deixar tocar pelas imagens sonoras que nos visitam e tentar captá-las em palavras. Seguem alguns haicais produzidos:

Canto de luz
Alumia o ventre e
Dança na terra suave.
(Barbara Muglia-Rodrigues)

Barulho de motor
Um carinho de pé
Toque-amor
(Raissa Brecchis Ferreira)

outono laranja
folhas tingem sua queda
à sombra dos pássaros
(Tamara Castro)

Gostaria de destacar alguns pontos das experiências desenvolvidas no semestre. Um deles é a relação entre corpo, canto e palavra: em todos os encontros, procuramos entremear as vivências com leitura e escrita a momentos de dança e canto. Tivemos, inclusive, a participação de Nádia Tobias em alguns encontros, conduzindo rodas de dança circular. Em um deles, ela nos ensinou a dança da Yara, coreografia que acompanha uma canção do bumba-meu-boi de Parintins (AM) e, em seguida, eu li o conto “A perigosa Yara”, de Clarice Lispector (1987, p. 25). Rose, uma das

participantes mais frequentes, apontando como um ponto em comum com os núcleos de Narração de estórias e de Artes visuais, observou risonha: “*Mas que coisa! Vou pra ouvir estórias, a Fabiana põe a gente na roda. Vou pra desenhar, a Camila toca música. E aqui, no núcleo da Palavra, o André e a Tamara sempre inventando de cantar e dançar!*”.

Outro ponto que gostaria de ressaltar é como o tema da morte e do renascimento nas águas surgiu nas oficinas, sem termos claramente pensado em apresentá-lo. No meio do semestre, propusemos uma vivência de escrita em fluxo, com base na audição da sinfonia “*La Cathédrale Engloutie*” (“Catedral submersa”), de Claude Debussy. Nesse dia, tivemos a participação especial de duas queridas amigas, Bárbara Muglia-Rodrigues e Fabiana Rubira, respectivamente coordenadoras dos núcleos de Dança e de Narração de estórias. Era um final de gelado de maio, ficamos todos abrigados no palco de madeira ao fundo da sala do Lab_Arte. Pedi silêncio para uma experiência de escuta e coloquei a sinfonia para tocar. Depois dos oito minutos de audição, informei o nome da música e do compositor, e pedi que escrevessem, sem a preocupação com tema, forma, coerência, coesão, critérios de elaboração textual, apenas se deixando levar pelo fluxo da música e às imagens que por ventura esta despertasse em cada um.

Após mais de meia hora, em que a sinfonia continuou tocando, pedimos que todos encerrassem suas escritas para compartilharmos os textos e as impressões. Nesse momento, cada um lendo suas produções e conversando sobre a experiência, percebemos semelhanças entre as escritas. A música, mesmo desconhecida da maioria, sugeria a travessia por uma paisagem nebulosa, em que sonho e realidade se (con)fundem. O motivo morte/renascimento, submersão/emersão surgiu de diferentes formas nos textos. Reproduzo a seguir algumas produções:

Alma profunda divagou sobre a minha mente, e visitei a casa dos céus por três minutos, sem perceber que minha vida continua. Foi um instante de reflexão que transpassou o que eu sentia, a imagem de perfeição fez reflexo em mim. A inspiração de viver voltou, e me sinto outra pessoa. Mesmo sabendo que há esgotos abertos na terra, viverei para compor minha música, não a de Beethoven ou Bach, mas a minha única e divina música, minha vida eterna. (Geandro S. Santos)

Eu diria
que sorria
porque ao menos podia
navegar sem ser visto.
Ou não?
Seria a vida
prosa ou poesia
Quem erraria
o caminho do navio
Quem diria
que sorria

enquanto viria
Quem diria
que viria
Quem diria
não sumira
(Lucas dos Santos Costa)

As duas escritas anteriores me sugerem travessias na terceira margem. A primeira ecoa a captura de um instante flutuante, em que se suspende a marcha do tempo cronológico e se visita “a casa dos céus”, “imagem de perfeição [que] fez reflexo em mim”. Esse debruçar “no colo do verde vale” da música permite o renascimento “da inspiração de viver” e uma reinvenção de si (“e me sinto outra pessoa”). Uma leitura nietzschiana desse texto talvez permita dizer que a divagação da “alma profunda” sobre a mente levou à aceitação plena da vida, impulsionando o desejo de criar, pois “mesmo sabendo que há esgotos abertos na terra, viverei para compor minha música”.

O segundo texto, explorando a repetição sonora das palavras, sugere uma navegação invisível, entre brumas, que, nebulosa, traz alegria ao poeta. É necessário um pouco de breu para a poesia. Mas há dúvidas sobre a possibilidade de “navegar sem ser visto”. “Ou não? Seria a vida prosa ou poesia”, indaga. Em versos claudicantes e palavras ambíguas, que dizem e desdizem, o caminho do navio vai se fazendo, errático, como a vida. E a paisagem nebulosa revela e oculta o que os olhos tanto desejam captar: “Quem diria / que viria / Quem diria / não sumira”.

Amor de outono

As árvores sacolejavam suas velhas folhas e exibiam sua nudez. No lindo céu, pipas bailavam ao som dos ventos e subiam perto das nuvens que mais parecia algodão.

As horas se passavam, e o espetáculo nos céus e na terra começava. A pipa dócil e sem maldade desfilava a sua beleza e lealdade. Na imensidão azul, apresentava o melhor show ao seu amado, instantes que ficaram na eternidade.

Deslumbrada, arriscou um convite para dançarem valsa. Mas ele, num contentamento já descontente, não aceitou. Achando que era apenas uma brincadeira, ignorou a intenção mais pura e verdadeira. Então, decidiu pregar-lhe uma peça: ficou distante, em silêncio, deu linha e mais linha, quando num ímpeto voltou e a cercou de todos os lados. Submersa à dor cruel, verazmente sentida, perdeu sua pose e, em meio aos galhos secos, desceu, girando, girando, e se juntou às folhas que coloriam o chão. Ao cair da tarde, uma brisa suave tocou-lhe a face. E numa grande ciranda se juntaram feito letreirinhas, formando a mais bela poesia. Era outono. (Eunice Silva de Souza)⁵²

Nessa narrativa, o devaneio aquático de Debussy migra para os azuis profundos do céu outonal. O balé serpenteante da pipa “*ao som dos ventos*” é uma imagem poética que nos remete às memórias meninas. Em sua dança, a *anima* pipa, “dócil e sem maldade”, desfila “*beleza e lealdade*” ao amado vento, seu *animus*. Deslumbrada, entregue a esse amor, em “*instantes que ficaram na eternidade*”, a pipa se arrisca e convida-o a uma

⁵² Este texto deu origem a uma bela vídeo-poesia apresentada por Eunice Silva de Souza como trabalho final na disciplina da graduação em pedagogia “Literatura, cultura e educação: hermenêutica e processos formativos”, ministrada por Rogério de Almeida no primeiro semestre de 2015.

valsa. Mas o contentamento do ser amado é “*já descontente*”, e o desejo de infinita plenitude se revela ilusão. A entrega ao instante não é garantia de eterna felicidade e beleza, a vida é feita de finitude, dor, morte. Mas, no chão, entre folhas e galhos secos, a pipa caída “*ao cair da tarde*” é reanimada por “*uma brisa suave*”. E o desejo bailarino renasce, “*numa grande ciranda*” de outono. O enredo remete ao mito da terra “*como Gaia, a Mãe-Terra grega, a senhora dos vasos e, ao mesmo tempo o próprio vaso inferior, para onde se dirigem as almas mortas e de onde elas, novamente, devem alçar voo*” (Neumann, 1999, p. 145).

A bela e trágica travessia da pipa, do céu ao chão, onde redescobre sua dança, narra, com imagens e sonoridades diversas, o tema da morte e do renascimento, presente na lenda da catedral submersa:

Era uma vez uma bela catedral, plantada havia muitos anos à beira-mar. Era a joia da aldeia, todos a amavam. Em dia de festa, mais bonita ficava, os sinos dobravam, convidando os fiéis. Mas um dia—foi o vento? foi a maré forte? foram os pecados da gente que imitaram a Deus? —, o mar subiu e devorou a catedral. Durante séculos e séculos não se ouviu falar mais da catedral submersa. Mas quando é calma a noite, quando não silva o vento gemendo no arvoredo, nem uivam os cães na redondeza, se o barqueiro que singra aquelas ondas apurar o ouvido, escutará lá longe, vindo do fundo das águas, o claro som argênteo de sinos tocando. São os sinos da catedral, que dobram para as suas festas. Em manhãs claras quando a água está límpida e transparente, ela emerge e pode-se ouvir o cântico dos monges, as badaladas dos sinos e a melodia dos órgãos.⁵³

⁵³ Adaptado de: <<http://bdcontos.blogspot.com.br/2013/07/a-catedral-submersa.html>>. Acesso em: maio 2015.

O motivo da morte nas águas se repetiu na última experiência do semestre, que teve como tema a travessia na barca. Dessa vez, os fertilizantes da escrita foram duas produções audiovisuais e um conto literário: o vídeo em que a cantora colombiana Totó la Momposina, atravessando um rio em uma canoa, entoava à capela a canção "La Mohana";⁵⁴ um trecho do clássico *Limite*, de Mário Peixoto (1931); e o conto "Natal na barca", de Lygia Fagundes Telles (2009, p. 115-120). Após assistirmos às produções audiovisuais, li o início do conto:

Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão. Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança e eu. O velho, um bêbado esfarrapado, deitara-se de comprido no banco, dirigira palavras amenas a um vizinho invisível e agora dormia. A mulher estava sentada entre nós, apertando nos braços a criança enrolada em panos. Era uma mulher jovem e pálida. O longo manto escuro que lhe cobria a cabeça dava-lhe o aspecto de uma figura antiga. Pensei em falar-lhe assim que entrei na barca. Mas já devíamos estar quase no fim da viagem e até aquele instante não me ocorrera dizer-lhe qualquer palavra. Nem combinava mesmo com uma barca tão

⁵⁴ "Mohana / Espíritu del agua espíritu burlón / Envuélvela con la atarraya / Y agárrala con la atarraya / Y púyale los ojos con la atarraya / Pa que me siga donde yo vaya / Pa que nunca más se olvide de mi / Pa que yo no tenga más que sufrir / Porque yo soy un negro Mohana". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e4vQPTIZWnY>>. Acesso em: maio 2015.

despojada, tão sem artifícios, a ociosidade de um diálogo. Estávamos sós. E o melhor ainda era não fazer nada, não dizer nada, apenas olhar o sulco negro que a embarcação ia fazendo no rio.

Debrucei-me na grade de madeira carcomida. Acendi um cigarro. Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era Natal. A caixa de fósforos escapou-me das mãos e quase resvalou para o rio. Agachei-me para apanhá-la. Sentindo então alguns respingos no rosto, inclinei-me mais até mergulhar as pontas dos dedos na água.

– Tão gelada – estranhei, enxugando a mão.

– Mas de manhã é quente.

Voltei-me para a mulher que embalava a criança e me observava com um meio sorriso. Sentei-me no banco ao seu lado. Tinha belos olhos claros, extraordinariamente brilhantes. Reparei que suas roupas (pobres roupas puídas) tinham muito caráter, revestidas de uma certa dignidade.

– De manhã esse rio é quente – insisti eu, encarando.

– Quente?

– Quente e verde, tão verde que a primeira vez que lavei nele uma peça de roupa pensei que a roupa fosse sair esverdeada. É a primeira vez que vem por estas bandas?

Desviei o olhar para o chão de largas tábuas gastas. E respondi com uma outra pergunta:

– Mas a senhora mora aqui perto?

– Em Lucena. Já tomei esta barca não sei quantas vezes, mas não esperava que justamente hoje... (Telles, 2009, p. 115-116.)

Parei a leitura nesse ponto e pedi que cada um escolhesse uma das personagens do conto para continuar a narrativa de seu ponto de vista: poderia ser o velho bêbado, a mãe, a criança ou a

própria narradora do conto original. Sugerir que explorassem elementos das outras produções, audiovisuais, a que havíamos assistido, atentando que todas transitavam pela mesma imagem: a travessia na barca/canoa.

Tivemos pouco mais de 30 minutos para iniciar a escrita e solicitei que cada um procurasse concluir sua narrativa para o próximo encontro. Minha proposta era, com base nas produções individuais, construir uma narrativa coletiva, talvez um mosaico com as travessias de cada um. Infelizmente, essa ideia não se realizou pelo pouco tempo que nos restava. Eu deveria ter planejado melhor a duração da atividade para seu pleno desenvolvimento, a possibilidade de maturar os textos, dando oportunidade para cada um ler e ouvir com cuidado o do outro, deixar-se tocar pelas imagens em comum e singulares que fossem surgindo, escavar alguns pontos nevrálgicos e tecer os fios entre as produções na busca de uma narrativa feita a muitas mãos.

No último encontro, propus que lêssemos as produções da forma como estavam. Como muitas faltas, tínhamos três textos, contando com o meu, e uma ilustração. Lemos as produções e conversamos sobre elas. Um dos participantes, estudante do curso de Letras, notou que a morte estava presente em todos os textos e lembrou que a travessia da barca remete à

figura de Caronte. Ressaltei o paradoxo presente no título do conto de Lygia Fagundes Telles: natal, nascimento, na barca – novamente o tema da morte e renascimento na travessia pelas águas. Segue as produções:

Não esperava que justo hoje... fosse ouvir o choro insistente da criança. A mãe tentava acalantar o seu bebê com a velha chupeta, chegou a cantar uma canção de ninar, mas só a mamadeira fez o seu pranto ir embora. O velho, que antes dormia e roncava, incomodado perguntou: — Senhora, o que tinha a criança? — Era só fome, senhor. Assim, voltou ao seu lugar e sentou-se ao lado do misterioso amigo e não hesitou em combinar de juntos verem as águas mansas que ficavam para trás. A barca seguia o seu curso e a escuridão já não era tão escura, pois o céu sem as nuvens mostravam o brilho das estrelas e Lua. O velho tomou o último gole e se debruçou na madeira para contemplar a beleza do mar. De repente, um grito de pavor invadiu o silêncio da noite. E a voz dizia: Acudam-me, por favor. Em seguida, tudo se aquietou. Instantes de terror até que uma mão, já cansada e velha, agarrou fortemente a madeira e subiu até cair dentro da barca. O caminho continuou até o dia amanhecer e todos chegaram ao seu destino. (Eunice Silva de Souza)

Nesse texto, o grito de socorro e a mão emergindo das águas, trazendo o tema vida-morte nas águas, são imagens a ser escavadas para que a narrativa ganhe fluidez e profundidade.

Na ilustração a seguir, a noturna travessia na barca se transforma em uma aventura crepuscular de criança. A cor das águas confirma o testemunho da mulher de longo manto escuro, personagem do conto de Lygia Fagundes

Telles: *De manhã esse rio é quente e verde.* Mas quem são essas pessoas que atravessam as águas escuras e lúgubres na narrativa original? Que sentimento transborda de seus braços? Será alegria ou desespero? Será um gesto de despedida? Ou um gesto sagrado em culto à grande Mãe das águas?

Ainda bem pequena descobri
o prazer e a graça de dormir
No sofá, entre as panelas...
do negro ao leque aquarela

Fechava os olhos com sons (ou silêncio)
era possível sonhar
viver as histórias que queria contar

Acham todos que morri,
mas só eu sei o que vivi
Ali... do outro lado do rio.
(Rosilene do Nascimento)

Esse texto foi escrito pela autora da ilustração em outra experiência, envolvendo leitura de poemas⁵⁵ e audição de canções de ninar. Associando escrita e imagem, memória e invenção, talvez seja possível escavar mais sentidos à travessia. Navegando rio adentro, *“quanto mais dentro aflora / tora da palavra”*, canta Caetano Veloso n’A terceira margem do rio.

⁵⁵ Nesse encontro, propusemos aos participantes lerem em voz alta, aleatoriamente, poemas do livro *Versos para os pais lerem aos filhos em noites de luar* (Letria e Letria, 2010). A leitura era acompanhada pela audição de cantigas de ninar de diversas nacionalidades.

Travessia na barca. Ilustração de Rosilene do Nascimento, junho de 2015.

A mulher se calou. Sabia que não cabia a ela dizer algo sobre, por mais que quisesse. Por outro lado, também era de seu conhecimento, não saberia explicar tudo àquela mulher que, segurando-se firme à grade da barca, murmurava algo sobre o cigarro que perdera.

– O que dizia? – perguntou a mulher, voltando-se para a jovem senhora.

Ela apenas calou. Olhou em volta com aqueles olhos brilhantes, profundos em mistérios, doces em verdades prometidas.

O choro da criança que acordara, fez com que ambas despertassem de seus pessoais devaneios.

– Havia tanto tempo que minha pequena não chorava que pensava eu suas lágrimas terem secado, drenadas pela imensidão dessas águas que nos conduzem.

– Ora, estamos aqui há tão pouco tempo, não mais que uma hora.

– Parece-me uma eternidade – respondeu a mulher, mais para si mesma que para a mais nova viajante.

– Deve ser por conta da data. Tenho certeza que a senhora gostaria de estar junto de seu marido.

– Não tenho marido. Tenho, sim. Tenho mas não me lembro mais há quanto tempo não o vejo, não o toco, não...

– Não fará nada para acalmá-la?

Perdida em alguma pequena onda formada naquelas águas, a senhora embalava a criança automaticamente, sem lhe dar a devida atenção. A menina não mais soluçava, mas olhava inquieta a novata, remexendo-se nos braços frágeis da dona dos olhos brilhantes.

– Será que ela não está com fome? Com esse frio, coitada. Eu sei que eu estou com fome.

– Aqui estamos sempre famintos. É bom que se acostume.

– Ora, só estou de passagem, não pretendo ficar pressa a essa barca, como me contou que sempre utiliza.

– Veja só, a madame pensa que tem escolha.

A mulher voltou-se para o bêbado, que estivera dormindo.

Com a criança no colo, a outra mulher riu, um riso amargo,

lançando, ao final um olhar à novata, que foi interpretado como algo a se desculpar, mas foi, mais tarde, visto como um olhar de pena.

– Eu tenho um marido. Estava com ele até mais cedo, mas brigamos por causa da louça que usaríamos no jantar – riu um riso morto – Por uma porcaria de uma louça, com uma estampa estúpida de pinheiro. Eu precisava respirar. Foi o que fiz, saí para andar e, quando me dei conta, estava aqui, perdendo meu cigarro para essa água gelada.

– Sinto muito por isso, é muito doloroso não poder...

Um ruído interrompeu a jovem senhora, cuja criança estava, novamente adormecida. O bêbado cochichava com alguém, seus lábios mexiam, mas o som que as mulheres ouviam não parecia humano.

– Ele é o único que pode vê-los. É como se vivesse em dois mundos, pobre homem.

– É um bêbado, não há nada de coitado nele.

– Não fale assim. Minha pequena também consegue ouvi-los, mas só em ocasiões especiais.

– Ouvir a quem? – perguntou a mulher, um tom de histeria acariciando sua voz.

– Os outros.

– Outros? Quem são eles?

– É melhor que não saiba, não cabe a mim dizê-lo.

Assim, a mulher com a criança em seu colo se calou. Sentou-se novamente no banco, como que a esperar algo que nunca aconteceria.

O bêbado continuava desperto, a conversar com alguém invisível. Aquela situação estava começando a incomodar a mulher do cigarro perdido.

Sentiu um aperto no peito, uma dificuldade para respirar.

Caminhou até a grade, buscando o ar gelado que vinha da água, o qual inundaria seus pulmões. Ao contrário, ali, quase tocando a água, suas narinas mais fechavam, sua boca pressionava-se, sentia-se sufocar. Foi para o meio da barca, onde o bêbado, a mãe e sua criança correram para lhe ajudar.

– Não... consigo... respirar – sussurrou entre prantos.

– Calma, você não morrerá.

– Está começando a se lembrar.

Como uma onda que quebra violentamente um corpo, arrastando-o por baixo da superfície, fazendo com que ele se agite, mas inutilmente, a mulher soube o que significava as palavras do bêbado: não havia saída para respirar, não estava voltando para o lar, não tinha marido para amar.

Quebraram-se pratos. Trocaram-se ofensas. Um soco. Uma almofada. Um minuto. Dez segundos. Uma eternidade.

A barca.

De um pulo, a mulher que se lembrava pode se levantar.

– Ele não fala com os mortos, ele fala com os vivos, pois está morto.

– Eu não ouço os mortos, eu ouço os vivos, pois estou morta.

– Não estamos numa barca para passeio, mas vagando sem destino pela eternidade.

A mulher pensara que morreria, mas acabara de lembrar, não parecia crer no que via e ouvia. Por um impulso, lançou-se às águas, pois queria morrer, não queria estar morta.

As águas sedentas, dominadoras, que se passam por doces mas são profanas em sua sacralidade, tragaram a mulher como que a um grão de areia, devolvendo à superfície apenas um suspiro – não se sabe se de emoção, desespero ou dor.

E a barca prosseguiu seu caminho na eternidade, acarinhando aqueles que seriam até o fim dos tempos, os que nada sabiam dos mistérios dos dois mundos, mas que agiam, a seu modo, como recepcionistas do grande leito da morte: o bêbado, a mulher e a criança, frágeis, porém sensíveis às verdades ocultas, por mim, – a mais gelada das águas em noites de névoa, a mais agradável e morna em manhãs esperançosas – a ti, leitor, reveladas. (Raissa Brecchis Ferreira)

O último texto mantém-se fiel ao clima soturno do conto original.

Seguindo a trilha da literatura fantástica, a narrativa ganha um ponto de vista inusitado: quem conta é *“a mais gelada das águas em noites de*

névoa, a mais agradável e morna em manhãs esperançosas”, o que só descobrimos ao final. É interessante notar como o texto explora imagens poéticas e recursos sinestésicos, que dão corpo à escrita: *“riso amargo”*, *“um tom de histeria acariciando sua voz”*; *“águas sedentas”*. Cenas em *flashback* sugerem o que teria ocorrido com a desesperada mulher do cigarro: *“Quebraram-se pratos. Trocaram-se ofensas. Um soco. Uma almofada. Um minuto. Dez segundos. Uma eternidade.”*

A vida e a morte se confundem nessas águas ambíguas – quentes, doces, geradoras de esperança, mas também geladas, fatais, dominadoras: *“profanas em sua sacralidade”*, que nos tragam como *“a um grão de areia, devolvendo à superfície apenas um suspiro”*. Em meio àquelas águas ambíguas, transitando entre a vida e a morte, a narrativa parece ecoar o mito budista do “Mahayana, “a grande (*mahā*) barca (*yanā*)”, [...] embarcação sobre a qual todos viajam e, de fato, estão viajando indo a lugar nenhum, já que todos estão extintos” (Campbell, 2008, p. 224).

No último encontro, aproveitei para fazer uma autoavaliação, ressaltando a questão do mau planejamento do tempo para aquela atividade. Também pedi que cada um apresentasse suas impressões sobre as experiências vividas ao longo do semestre. Alguns falaram que as dinâmicas foram importantes para estimular uma escrita mais fluida. Raissa,

a autora do último conto transcrito, contou que sempre gostara de escrever, inclusive tinha um *blog* em que divulgava seus textos, mas depois de entrar na universidade o desejo da escrita minguou. Segundo a estudante, foi neste semestre, com a participação no Lab_Arte, que o desejo renasceu. É dela o poema que segue, escrito no metrô.

Que vontade
Que necessidade é essa
De tocar as páginas dum livro
Por um lápis num pedaço macio qualquer
Pelo encantar do escrever

Hoje eu acordei assim
Sedenta por saber,
Ansiosa por viver,
Alegre em sentir o sol de inverno
A pele do rosto acarinhar

O ar gelado
Inunda meus pulmões
O frio enrijece meus dedos
Encolhe-me
Mas meu pensamento flui,
Como uma folha a ser aninhada pela brisa da primavera

Por que tais mini sujeitos
Não tocam a pele sedenta da bela moça?
Por que tais rápidos sujeitos
Não provocam arrepios no belo rapaz?

Cavouquem buraquinhos na roupa de lã
Procurem bolinhas nos bolsos do casaco
Enrolem-se em cachos
Libertem-se!

Dedos nervosos
Em noites sem calor

Estão eles a raivar
Ansiosos, movimentam-se
Agredindo (ou acarinhando)
O Deus celular
(Raissa Brecchis Ferreira)

A imagem-ação *tocar* perpassa todo o poema, ganhando diferentes conotações: tato/pele; som/celular; cavoucar/agredir/acarinhar. O texto nascido do instante, em meio aos ruídos e às movimentações urbanas, remete a uma situação corriqueira, que na escrita se revela conflituosa. Nesse último encontro, a jovem escritora contou ter percebido, com as experimentações de escrita vivenciadas, que estar em movimento, no trânsito, dentro do ônibus ou do metrô, lhe traz inspirações à escrita.

Outros participantes relataram que as produções desenvolvidas ao longo das oficinas foram usadas como material para trabalhos em disciplinas do bacharelado ou da licenciatura. Novamente se comentou sobre como as dinâmicas envolvendo dança, música, imagem e palavra aproximavam alguns núcleos do Lab_Arte. Como despedida, cantamos e dançamos uma canção congolense que André nos ensinou no início do semestre e que se tornou quase um ritual nas oficinas: *Uele Moliba Makasi*.⁵⁶

⁵⁶ Trata-se de um canto de trabalho entoado pelos navegantes do rio Uele, afluente do rio Congo. A canção empresta ritmo e ânimo aos remadores enquanto atravessam a corrente de Benguela. “Olélé olélé moliba makasi (bis) / Luka luka / mboka na yé (bis) / Mboka

Ao longo desse semestre, tanto coordenando com André o núcleo da Palavra quanto participando dos núcleos de Dança e Fios e Tramas, pude experimentar a transformação da ostra em canoa. As vivências arte-educativas envolvendo corpo, palavra, música e imagem formaram uma trama de fios muito intrincados, que se refletiram no que chama de travessia de mim a si: em direção ao outro em mim.

Essa jornada não se resume aos trabalhos desenvolvidos na universidade, mas envolve toda a minha formação pessoal, que envolve muitos papéis, como mulher, mãe, educadora, estudante, trabalhadora, sonhadora, e outros existentes e ainda por vir. Percebo que a parceria com André – filósofo, músico, pesquisador de cultura afro-brasileira e professor com grande experiência – foi fundamental na transformação de ostra a canoa. A aliança música-palavra-corpo ganhou materialidade e vida.

Não será possível mensurar em que medida essas dinâmicas influenciaram ou não outras travessias, fizeram nascer imagens sonoras em outras pessoas e despertar uma relação mais intensa, íntima, pessoal com as palavras. O que tenho, concretamente, são os textos e os testemunhos dos participantes, que talvez insinuem não estradas largas a seguir, mas veredas

a ser cada vez mais escavadas, inventadas, transviadas, em busca de propiciar experiências arte-educadoras que preencham de sentidos o processo formativo de se criar criando, no fluxo do instante.

Com base nesse trajeto refle-sentido, escrevindo, posso dizer que o contato íntimo, amoroso, cotidiano com a arte nas suas mais diferentes manifestações é fundamental para nos manter nesse fluxo criador em que consiste a busca da própria mestria. Nas palavras de Herrigel (*Le zen dans l'art chevaleresque du tir à l'arc*, p. 81, *apud* Gusdorf, 2003, p. 61):

Na mestria, como em qualquer coisa mais elevada, o senso artístico e o humano em toda sua acepção reencontram-se. O que permite ter fé naquele, como forma de existência, é que ele vive da verdade infinita que contém dentro de si a arte da verdade original [...] Homem, artista e obra formam um todo. A arte do trabalho interior, da obra que não se separa do artista como uma produção exterior, dessa obra que não pode executar, mas que, ao contrário, é sempre ele próprio, surge das profundezas...

Nessa busca de mestria, a arte nos mantém como obra aberta, sempre inconclusa, à disposição da experiência, tocada e transformada no contato com o outro, seja ele pessoa, imagem, sonoridade, movimento corporal. Permeáveis aos instantes flutuantes, sob o risco de a qualquer

mboka Kasai / Eeo ee eeo Benguela aya (bis) / Oya oya / Yakara a / Oya oya / Konguidja a / Oya oya." Disponível em: <<http://www.mamalisa.com/?t=es&p=2891&c=201>>. Acesso em: jun. 2015.

momento ser arremessado de cá para lá no movimento das ondas, na corrente das águas, possibilitamos o nascimento do humano⁵⁷:

narrar a si mesmo, dar expressividade à experiência vivida, estabelecer as desaprendizagens, expor as próprias escolhas, ceder à insignificância dos prazeres e das dores vividas é prestar contas com um itinerário de formação que não objetiva uma finalidade estabelecida de antemão, mas que se abre ao acaso, aos encontros fortuitos, à imprevisibilidade da vida e à irracionalidade do mundo. (Almeida, 2013, p. 1.013.)

As artes são campo propício para a articulação de razão, emoção, corpo e imaginário, pela capacidade de simbolizar, reunir e criar sentidos a nossos fragmentos por vias também inventadas. Uma educação aliada à criação artística, acolhendo o acaso, o diverso, o contraditório, o ambíguo, o inexplicável, o fantástico, cria momentos-espacos de diálogo que favorecem o nascimento do novo.

A realidade fundamental continua sendo esse diálogo aventuroso, durante o qual dois homens de maturidade desigual confrontam-se, mas em que cada um, a seu modo, dá testemunho perante outro das possibilidades humanas. (Gusdorf, 2003, p. 32.)

Travessia na terceira margem, a emersão do imaginário no processo formativo impulsiona o ato criador, de que fala Berdiaiev em sua *Autobiografia espiritual* (1957, p. 206, *apud* Ferreira-Santos, 2001, p. 8):

⁵⁷ Lembrando, "com Kant, que não nascemos humanos", mas nos tornamos "humanos (ou não) pela educação". (ATIHÉ, 2008, p. 66.)

Para viver dignamente e não ser aplastado e arrastado pela necessidade do mundo, pela cotidianidade social, é preciso no impulso criador sair do círculo imanente da 'realidade', é preciso evocar uma imagem, formar um mundo distinto, novo em comparação com esta realidade do mundo (um novo céu e uma nova terra).

A criação está relacionada com a imaginação. O ato criador sempre foi para mim algo transcendente, algo que leva para além da liberdade através da necessidade. Em certo sentido, se poderia afirmar que o amor à criação é desamor ao 'mundo', impossibilidade de permanecer nos limites deste 'mundo'. Por ele, na atividade criadora existe um momento escatológico. O ato criador é a vinda do fim deste mundo e o começo de outro mundo.

Toda criação envolve nascimento e morte, pois a inauguração de um cosmos pressupõe o estabelecimento de um caos, a ruptura de padrões, desequilíbrios que levam a novas aprendizagens, invenções. Com a arte, que incorpora esses dois lados, falsamente excludentes, aprendemos a navegar por essas transitórias margens, num movimento ziguezagueante, brincante.

Em outras palavras, Paes Loureiro (2008, p. 8) concebe a poesia como encantaria da linguagem, relacionando-a às encantarias amazônicas, "*uma espécie de linguagem de um outro ser irrompendo como um tronco antes submerso no imaginário do rio. É na encantaria que repousa o sentido daquilo que poderia ser, naquilo que se é*". Essa necessidade de ir além do palpável, do razoável, de alcançar "*o surreal que a poesia deseja*" (Durand, 1996, p. 32), é o que alimenta o ato criador. É o que impulsiona a criança à brincadeira, que,

agregando num gesto sonho e pensamento, fato e ficção, saber e dessaber, fazer e desfazer, redondamente se reinventa:

A maior riqueza do homem
é sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou – eu não
aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre
portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que
compra pão às 6 da tarde, que vai lá fora,
que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
Perdoai.
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.
(Barros, 2010, p. 374.)

A reinvenção do ser que a arte promove, relativizando a identidade e possibilitando a incorporação da alteridade, em constante transformação, tem necessidade de terra e água, que sustentem e nutram as raízes. Como na transformação da ostra em canoa, a formação da pessoa se enraíza às margens para se talhar navegante.

Metáfora do processo educativo, cujo objetivo é, no final das contas, contribuir para a “*edificação de um destino humano*” (Gusdorf, 2003, p. 31), a navegação que se empreende aqui é travessia feminina. Cantando e tecendo sua rede enquanto navega, a *ostra-canoa-ocarina* mantém as raízes lamacentas da água, da palavra e do barro. Ela também

não se esquece de que os caminhos anunciados pelo canto são inventados no desvio e no desver, num lugar além do que a vista e a luneta alcançam. Lá, onde se desvê a paisagem desgastada pelo olhar diário, se vislumbra uma nova, tecida ao movimento do remo, no instante em que se destece. À terceira margem.

o nós que me ata
são fraldas destecidas no gesto
que as alinhava

embora sinta
nos braços teu pulso
ainda
na pele o olhar desnudo
o talvez desejo

que te desabita
vem em mim navegante
ciranda
ora palavra
 ora carne
rara e breve

instante que se destece
na distância desacontecida
de um enlace: teu

sangue compõe esta
carnadura
vento e névoa
(Tamara Castro)

Sempre compreendo o que faço depois que já fiz. O que sempre faço nem seja uma aplicação de estudos. É sempre uma descoberta. Não é nada procurado. É achado mesmo. Como se andasse num brejo e desse no sapo. Acho que é defeito de nascença isso. (Barros, 2008, p. 85.)

Aprendendo a navegar. Núcleo de Dança do Lab_Arte, primeiro semestre de 2015. Foto: Nádia Tobias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATIHÉ, Eliana Braga Aloia. "A educação em busca de sua própria alma". In: BARROS, João de Deus Vieira (Org.). *Imaginário e educação: pesquisas e reflexões*. São Luís: Edufma, 2008. p. 47-68.

ALBANO, Ana Angélica. "Sobre o prazer da leitura: memórias desinventadas". In: FRAGA, Tatiana. (Org.). Por que ler? Reflexões a partir do I Fórum do Espaço de leitura. São Paulo: Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo, 2013. p. 13-15.

ALMEIDA, Rogério de. "Aprendizagem de desaprender: Machado de Assis e a pedagogia da escolha". *Revista Educação & Pesquisa*, v. 39, n. 4, [s.p.], out./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022013000400012&script=sci_arttext>. Acesso em: maio 2015.

ANDRESEN, Sophia de Mello. *Antologia Mar*. Alfragide: Caminho, 2000.

ARAÚJO, Alberto Filipe. "O labirinto como segredo ou o segredo do labirinto? Uma leitura à luz do imaginário educacional". *Religare*, 10 (2), p. 78-97, set. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/religare/article/view/17473>>. Acesso em: maio 2014.

ARCHANJO, Neide. *As marinhas*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

_____. *Todas as horas e antes: poesia reunida*. São Paulo: Girafa, 2004.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso: ensaios sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A terra e os devaneios da vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BARBOSA, Luiz Henrique. *Palavras do chão: um olhar sobre a linguagem adâmica em Manoel de Barros*. São Paulo: Annablume / Belo Horizonte: Fumec, 2003.

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

_____. *Memórias inventadas – As infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta, 2008.

_____. *Para encontrar o azul eu uso pássaros – o Pantanal por Manoel de Barros*. Brasília: Saber, 1999.

BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

_____. “Teses sobre o conceito de história”. In: _____. *Obras escolhidas*, v. I – *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 226.

BILAC, Olavo. *Antologia poética*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

BRUM, Eliane. "Desconhece-te a ti mesmo!". *Revista Época*, 19 jul. 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI155806-15230,00-DESCONHECETE+A+TI+MESMO.html>>. Acesso em: maio 2015.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Lisboa, [1572]. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000162.pdf>>. Acesso em jun. 2014.

CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de Deus – Mitologia primitiva*. São Paulo: Palas Athena, 1992.

_____. *As máscaras de Deus – Mitologia oriental*. São Paulo: Palas Athena, 2008.

_____. *As máscaras de Deus – Mitologia criativa*. São Paulo: Palas Athena, 2010.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

COLASANTI, Marina. *Doze reis e a moça no labirinto do vento*. São Paulo: Global, 2006.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DURAND, Gilbert. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

_____. *L'Imaginaire. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image*. Paris: Hatier, 1994. (Tradução: Prof. Dr. José Carlos de PAULA CARVALHO. Colaboração: Prof. Isolda Paiva CARVALHO. Revisão técnica: Prof. Dr. Marcos FERREIRA SANTOS. Centro de Estudos sobre Imaginário, Cultura

& Educação – Cice. Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo – Feusp). p. 1-36.

DRUMMOND, Carlos. “Nosso tempo”. In: _____. A rosa do povo. 21 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 29-37.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ESPINDOLA, Luz Marina. *O vestido azul: educação e música na infância – ressonâncias antropológicas*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória e outros ensaios*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. *Práticas crepusculares: mytho, ciência e educação no Instituto Butantan – Um estudo de caso em Antropologia Filosófica*. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

_____. Novas mentalidades e atitudes: diálogos com a velha educação de sensibilidade. *Jornal da Apase*, São Paulo, v. XII, n. 92, p. 8-11, 2001.

_____. *Crepusculário – Conferências sobre mitohermenêutica & educação em Euskadi*. São Paulo: Zouk, 2004a.

_____. Profundidades da argila: exercícios plásticos e práticos da mitohermenêutica. In: PERES, Lúcia Maria Vaz (Org.). *Imaginário: o "entre-saberes" do arcaico e do cotidiano*. Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2004b. p. 71-89.

_____. *Mitologias na arte: labirintos iniciáticos*. Recife: Formação continuada de arte/educadores, alunos, aprendizes e monitores de museus, no conhecimento da obra de Francisco Brennand, Associação dos Amigos da Arte Cerâmica de Francisco Brennand & Prefeitura de Recife, 2009. Republicado como: FERREIRA-SANTOS, Marcos. *Mitologias na arte: labirintos iniciáticos em Francisco Brennand. Saberes em Ação, Arte & Espiritualidade*, ano 2, n. 4, p. 167-191, jul./dez., 2014. Disponível em: <<http://www.faculdademessianica.edu.br/publicacoes/index.php/saberes/article/view/67/117>>. Acesso em: jul. 2015.

_____. “Fundamentos antropológicos da arte-educação: por um *pharmakon* na *didaskalia* artesã”. *Revista @mbienteeducação*, v. 3, n. 2, p. 59-97, jul./dez.2010.

_____. “Outros tempos e espaços de saber compartilhado: coisas ancestrais de creança”. In: *Processos artísticos, tempos e espaços*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 2014. Disponível em: <http://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2015/06/outros_tempos_espacos_marcosfe.pdf>. Acesso em: fev. 2015.

FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério de. *Antropológicas da Educação*. São Paulo: Képos, 2011.

_____. *Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética*. São Paulo: Képos, 2012.

FÉTIZON, Beatriz Alexandrina de Moura. *Educar professores? – Um questionamento dos Cursos de Licenciatura da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Feusp, 1978. (Estudos e Documentos, v. 24.)

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Trad. Eric Nepomuceno. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GIANNOTTI, Sirlene. *Dar forma é formar-se: processos criativos da arte para a infância*. 2008. São Paulo (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

GUEDES, Beto. *Amor de índio* (LP). [S.l]: Emi-Odeon, 1978.

GUSDORF, Georges. *Professores para quê? – Para uma pedagogia da pedagogia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. “A tradição viva”. In: KI-ZERBO, Joseph. (Org.) *História Geral da África I – Metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática/Unesco, 1980. p.181-218. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/A-tradicao-viva.pdf>>. Acesso em: abr. 2013.

HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. Lisboa/Rio de Janeiro: Livros do Brasil/Civilização Brasileira, 1972.

HILST, Hilda. *Do desejo*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2004.

_____. *Da morte. Odes mínimas*. São Paulo: Globo, 2003.

_____. *Exercícios*. São Paulo: Globo, 2013.

KIRIKU e a Feiticeira. Direção e roteiro: Michel Ocelot. França/Bélgica, 1998. (Animação.)

KIRINUS, Glória. *Synthomas de poesia na infância*. São Paulo: Paulinas, 2011.

LARROSA, Jorge. “Ensaio, diário e poema como variantes da autobiografia: a propósito de um ‘poema de formação’ de Andrés Sanchez

- Robayna". In: SOUZA, Elizeu C. de; ABRAHÃO, Maria Helena M. B. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 183-202.
- _____. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- LECHNER, Elsa. "Narrativas autobiográficas e transformação de si: devir identitário em acção". In: SOUZA, Elizeu C. de; ABRAHÃO, Maria Helena M. B. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 171-182.
- LETRIA, José Jorge; LETRIA, André. *Versos para os pais lerem aos filhos em noites de luar*. São Paulo: Peirópolis, 2010.
- LEXIKON, Herder. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- LIMITE. Direção e roteiro: Mário Peixoto. Brasil: VideoFilmes, 1931, 120 min. (Ficção.)
- LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *Como nasceram as estrelas: doze lendas brasileiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- LOPES, Moacir C. *A ostra e o vento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- MACHADO, Regina. *Acordais – Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MARQUES, Dércio. "Segredos vegetais". In: *Segredos vegetais* [LP]. São Paulo: Devil Discos/Anjos da Terra, 1988.
- MEDEIA. Direção: Pier Paolo Pasolini. Itália/França/Alemanha, 1969, 110 min.
- NASCIMENTO, Milton. *Clube da Esquina 2* [LP]. [S.l.]: EMI, 1978.
- NIETZSCHE, Friederich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- NORONHA, Vânia. "O arquétipo da Grande-mãe em Nossa Senhora do Rosário". In: BARROS, João de Deus Vieira (Org.). *Imaginário e educação: pesquisas e reflexões*. São Luís: Edufma, 2008. p. 47-68.

ONDE a terra acaba. Direção e roteiro: Sérgio Machado. Brasil: VideoFilmes, 2001, 75 min. (Documentário.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zn4uXdp-rtA>>. Acesso em: fev. 2015.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. *A arte como encantaria da linguagem*. São Paulo: Escrituras, 2008.

PALOMO, Victor. “Psicoterapia: um ritual de reinvenção de si”. In: SOUZA, Elizeu C. de; ABRAHÃO, Maria Helena M. B. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 61-75.

PARISI, Silvana. “A travessia de Inana pelo mundo dos mortos”. [S.l]: [S.Ed.], 2012. Disponível em: <<http://www.forademim.com.br/site/2012/04/a-travessia-de-inana-pelo-mundo-dos-mortos-por-silvana-parisi/>>. Acesso em: maio 2014.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1992.

PEREQUÊ, Luis. *Encanto caiçara* [LP]. [S.l.]: Via Cult, 1992.

RANGEL, Egon de Oliveira. “Por que ler (na educação formal)?” In: FRAGA, Tatiana. (Org.). Por que ler? Reflexões a partir do I Fórum do Espaço de leitura. São Paulo: Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo, 2013. p. 33-39.

REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar – Literatura, escrita e educação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

RIBEIRO, Cláudia Maria. “O imaginário das águas e o enigma da sexualidade da criança”. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA (SBS). *XII Congresso Brasileiro de Sociologia – GT Sexualidade, Corporalidades e Transgressões*. Belo Horizonte, 31 maio-3 jun. 2005.

RICOEUR, Paul. “A função hermenêutica do distanciamento”. In: *Interpretação e Ideologias*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 43-59.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus, 1982.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

RUBIRA, Fabiana Pontes de. *Contar e ouvir estórias: um diálogo de coração para coração acordando imagens*. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

_____. *Dançando com o Minotauro nas noites – Narração de estórias e formação humana*. Dissertação (Doutorado em Cultura, Organização

e Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

SHAH, Idries. *Histórias de dervixes*. Rio de Janeiro: Roça Nova, 2010.

SARAMAGO, José. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino-português*. São Paulo: Marânus, 1945.

UMEDA, Guilherme Mirage. *Educação na linguagem da alma: diálogos ontológicos com a música*. Tese (Doutorado em Cultura, Organização e Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

VELOSO, Caetano. *Circuladô* [LP]. Rio de Janeiro/Nova York: PolyGram/East Hill Studio, 1991.

VERNANT, Jean-Pierre. *A morte nos olhos: figurações do Outro na Grécia Antiga – Ártemis, Gorgó*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

WILLMS, Elni Elisa. *Escrevivendo: uma fenomenologia Rosiana do brincar*. Tese (Doutorado em Cultura, Organização e Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

WUNENBURGER, Jean Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe. “Introdução ao imaginário”. In: ARAÚJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando Paulo. *Variações sobre o imaginário – Domínios, teorizações, práticas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. p. 23-44.